



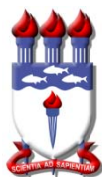
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**DIOGO FÉLIX CABRAL**

**O ACENTO LEXICAL EM YAATHE**

Orientadora: Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa

MACEIÓ - 2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**DIOGO FÉLIX CABRAL**

**O ACENTO LEXICAL EM YAATHE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa

MACEIÓ – 2009

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

- C117a Cabral, Diogo Félix.  
O acento lexical em yaathe / Diogo Félix Cabral, 2009.  
92 f.
- Orientadora: Januacele Francisca da Costa.  
Dissertação (mestrado em Letras e Lingüística: Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 90-92.  
Inclui anexos.
1. Línguas indígenas. 2. Sistema acentual. 3. Análise acústica. 4. Fonologia métrica. 5. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas. 4. Índios yaathe.  
I. Título.

CDU: 809.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA



TERMO DE APROVAÇÃO

DIOGO FÉLIX CABRAL

O ACENTO LEXICAL EM YAATHE.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

**Orientadora:** Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa - UFAL

**Examinadora:** Profa. Dra. Rita Maria Diniz Zozzoli – UFAL

**Examinadora:** Profa. Dra. Thaís Cristófaros Silva - UFMG

MACEIÓ, 2009.

## AGRADECIMENTO

O desenvolvimento dessa pesquisa contou com o auxílio técnico e afetivo de instituições e pessoas que, de formas distintas, porém sempre motivadoras, incentivaram a continuidade do trabalho que estamos aqui apresentando. Nas linhas que seguem, portanto, quero deixar expressa a minha gratidão a todos que, direta e indiretamente, são também responsáveis pela realização dessa pesquisa.

Agradeço, então, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas, seus professores e funcionários que, conjuntamente, forneceram condições favoráveis para que esse trabalho fosse concluído. Em especial, às professoras Rita Zozzoli e Roseane Tavares que colaboraram gentilmente com esse estudo por meio de críticas e sugestões, fornecendo um apoio legítimo para a pesquisa. Também são importantes, nesse sentido, e por isso, merecedores de agradecimento, o professor César Reis da Universidade Federal de Minas Gerais pelos ensinamentos técnicos a respeito de análise acústica, os quais ainda venho aprimorando, e a também professora da UFMG, Thaís Cristófaró Silva que, em todos os momentos, se mostrou gentil e prestativa, ajudando no trabalho com sugestões e críticas valiosas. Para esse estudo, também, foi muito importante o financiamento integral fornecido pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas – FAPEAL, por meio de uma bolsa de mestrado, sem a qual, provavelmente, o desenvolvimento da pesquisa seria limitado.

Um agradecimento especial vai para o povo Fulni-ô, heróis pela preservação da língua Yaathe e, de forma ainda mais incisiva, ao Djik e à Risolene que, como sábios informantes, muito contribuíram, tanto com informações preciosas a respeito da sua língua, o que auxiliou no meu crescimento enquanto pesquisador, mas também pelos ensinamentos a respeito da sua cultura. Sou grato à Fábía, também índia, que viabilizou o contato com os informantes e participou conjuntamente do trabalho de coleta dos dados. Nesse parágrafo, no qual agradeço ao povo Fulni-ô, quero mostrar a gratidão que tenho à minha orientadora, professora Januacele Costa que, mesmo não pertencendo à etnia, pela sua dedicação exclusiva a essa língua, única ainda sobrevivente na região Nordeste, também confunde-se com sua história pelo empenho e dedicação admirável dedicados ao seu estudo. Por essa razão, lhe dedico o mais especial dos agradecimentos.

Há, ainda, aquelas pessoas que são o alicerce. Que preenchem os nossos dias e tornam qualquer caminhada mais prazerosa. Que mostram, mesmo quando nós duvidamos, que é sempre possível ir um pouco mais adiante. Dessa forma, agradeço enormemente a minha amada família, às amigas Vilca e Renata, aos eternos amigos do Pensionato Pousada Acadêmica em Belo Horizonte e ao meu amigo-irmão Thiago Rangel. Por fim, há ainda aquelas outras pessoas que, brincando, pedem para que sejam lembradas nos agradecimentos. Pois bem, não há necessidade de pedir, vocês são especiais e merecem um lugar aqui porque, de fato, foram importantes durante esse e todos os outros percursos: Lara e Carol, muito obrigado!

## SUMÁRIO

---

### **INTRODUÇÃO** **1**

---

Preliminares.....	1
A língua objeto de estudo.....	3
Metodologia.....	5

### **CAPÍTULO 1** **8**

#### **ALGUNS PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DE SONS LINGÜÍSTICOS**

1. Introdução.....	8
1.1 A fonética e os estudos da linguagem.....	8
1.2 O mecanismo de produção de fala.....	9
1.3 O acento.....	11
1.4 Correlatos fonéticos do acento.....	13
1.4.1 Frequência fundamental.....	13
1.4.2 Intensidade.....	16
1.4.3 Duração.....	17
1.5 Tipos de língua quanto ao uso de aspectos prosódicos.....	18
1.6 Princípios de fonologia métrica.....	20
1.6.1 A sílaba.....	22
1.6.2 O pé métrico.....	23
1.7 Propriedades do acento.....	24

### **CAPÍTULO 2** **26**

#### **A NATUREZA FONÉTICA DO ACENTO EM YAATHE**

2. Introdução.....	26
2.1 Palavras de uma sílaba.....	26
2.2 Palavras de duas sílabas.....	29
2.3 Palavras de três sílabas.....	36
2.4 Resumo e conclusões da análise.....	39

**O ACENTO E A MORFOLOGIA**

3. Introdução.....	42
3.1 Palavras com estrutura interna.....	43
3.1.2 Número .....	44
3.1.3 Gênero .....	47
3.1.3.1 Gênero feminino com morfema /ne/.....	49
3.1.3.2 Gênero feminino com morfema / )k <sup>j</sup> a/.....	59
3.1.4 Adjetivos.....	52
3.1.4.1 Adjetivos provenientes de nomes e verbos.....	52
3.1.5 Agente em /ho/.....	55
3.1.6 Outros casos.....	59
3.1.7 Conclusões de análise.....	61

**SUPOSTOS PARES MÍNIMOS REVISITADOS**

4. Pares Mínimos .....	62
4.1 Duração.....	63
4.2 Intensidade.....	66
4.3 Duração e intensidade.....	68
4.4 Casos sem identificação .....	68
4.5 Conclusões da análise.....	69

**NATIVIZAÇÃO: O PAPEL DOS EMPRÉSTIMOS**

5. Nativização .....	71
5.1 O Acento em Português.....	72
5.1.1 Correlato do acento em Português.....	72
5.2 Palavras de duas sílabas.....	74
5.3 Palavras de três sílabas .....	77
3.4 Conclusões da análise.....	77



<b>CONCLUSÃO</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>90</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>93</b>

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01: Símbolos do AFI para tons de nível e contorno .....	16
Tabela 02: Tom no Mandarim.....	19
Tabela 03: Acento com função distintiva.....	20
Tabela 04: Palavras de uma sílaba.....	28
Tabela 05: Dissílabos paroxítonos.....	30
Tabela 06: Dissílabos oxítonos.....	32
Tabela 07: Trissílabos paroxítonos.....	38
Tabela 08: Trissílabos oxítonos.....	38
Tabela 09: Valores percentuais para oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.....	40
Tabela 10: Pares mínimos .....	63
Tabela 11: Intensidade para [et <sup>h</sup> o] e [sade].....	64
Tabela 12: Frequência para [et <sup>h</sup> o] e [sade].....	64
Tabela 13: Intensidade para [ta.t <sup>h</sup> a], [ta.tʃa] e [to.le].....	67
Tabela 14: Palavras nativizadas.....	74
Tabela 15: Proporção de oxítonas e paroxítonas.....	88

## ÍNDICE DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01: Mapa da cidade de Águas Belas – Pernambuco .....	2
Figura 02: Mecanismo anatômico de produção de fala .....	10
Figura 03: Cordas vocais .....	14
Figura 04: Ondas sonoras – Frequência .....	14
Figura 05: Ondas sonoras – Intensidade .....	17
Figura 06: Espectrograma para as palavras [fo] e [se] .....	28
Figura 07: Espectrograma das palavras [se.nê:kʲa] e [ma.dʒõ:kʲa] .....	43
Gráfico 01: Modelo da sílaba métrica .....	22

## RESUMO

Falada pelos índios da tribo Fulni-o, cuja reserva indígena localiza-se no município de Águas Belas, a cerca de 300 quilômetros de Recife, o Yaathe é uma língua indígena pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê. Viva e falada por cerca de 3.700 indivíduos do grupo, segundo dados fornecidos pela FUNASA em 2006, ela desempenha funções rituais e sociais na aldeia, sendo a única língua nativa ainda falada no Nordeste do Brasil. (COSTA, 1999). Apesar de um amplo estudo já desenvolvido sobre o Yaathe, pouco se sabe a respeito do seu sistema acentual, tanto em termos fonéticos como em termos de funcionamento lingüístico. Dessa forma, portanto, direcionamos a elaboração desse trabalho para uma descrição fonético-experimental do acento, visando formulações mais consistentes a respeito da sua organização na língua referida. Para tanto, utilizamos os pressupostos de análise acústica, aliando procedimentos técnicos de fonética laboratorial e, posteriormente, princípios de análise da Fonologia Métrica. A apreciação dos dados mostrou que levando em conta critérios puramente fonológicos não seria possível definir claramente as regras de atribuição acentual para o Yaathe, fazendo-se necessário, portanto, um estudo de caráter morfológico, observando o comportamento do acento em palavras com estrutura interna. Do ponto de vista fonético, obtivemos os seguintes resultados: i) o pitch não tem função lingüística, uma vez que a curva melódica na palavra é sempre ascendente; ii) duração e intensidade, ora conjuntamente, ora isolados, são os correlatos fonéticos do acento; iii) a proeminência acentual ocorre na margem direita da palavra, na última ou na penúltima sílaba. Fonologicamente, não foi possível decidir as regras de acentuação da língua. Entretanto, a pesquisa permitiu esboçar hipóteses que poderão ser investigadas posteriormente para um melhor conhecimento do sistema prosódico do Yaathe.

**Palavras-chave:** Yaathe, Sistema acentual, Análise acústica, Fonologia Métrica.

## ABSTRACT

Spoken by the Fulni-ô indians, whose community is located in Águas Belas district, approximately 300 Km from Recife, Yaathe is an indigenous language belonging to Macro-Jê phylum. Live and spoken by almost 3,700 members of the group, according to data provided by FUNASA in 2006, it executes religious and social functions in the tribe, being the only native language still spoken in the Northeast of Brazil. (COSTA, 1999). In spite of a large study having already been undertaken of the Yaathe language, little is known about its accentual system in phonetics terms as well as linguistically. Hence, this study was conducted focusing on an experimental phonetic description of accent, aiming more consistent formulations of its organization in the referred language. To reach our goals, we used acoustic analyses principles, conjoined with technical procedures of laboratorial phonetics and, following that, analysis principles of Metrical Phonology. Data processing showed that taking into account only phonological criteria, it is not possible to define clearly the rules of assignment of stress in Yaathe, calling for a morphological study to observe the behavior of accent in words with an internal structure. From a phonetic point of view, we have reached the following results: i) pitch has not a linguistic function as the melodic pattern is always rising in the word; ii) length and intensity, either together or isolated, are the phonetic correlate of accent; iii) the accent prominence occurs in the right margin of the word, in the last or in the second-to-last syllable. From the phonological point of view, it was not possible to formulate rules for the assignment of accent in the language. Nevertheless the research made possible to sketch some hypothesis that can be pursued in the future towards a better understanding of the prosodic system of Yaathe.

**Keywords:** Yaathe, Accentual system, Acoustic analyses, Metrical Phonology.

## INTRODUÇÃO

---

### **Preliminares**

O interesse que os sons da linguagem humana têm despertado em estudiosos não é algo recente. Na verdade, estudos a esse respeito remontam há séculos a.C. e desde então um longo caminho veio sendo traçado para que o estudo dos sons que produzimos quando falamos pudesse assumir a importância e o grau de desenvolvimento que hoje possui nas pesquisas lingüísticas. O aprimoramento das teorias e o avanço dos métodos de análise vêm fornecendo ferramentas cada vez mais confiáveis para que pesquisas dessa natureza se desenvolvam. Apesar de ser uma ciência ainda muito jovem, a Lingüística vem se desenvolvendo de forma cada vez mais precisa e consistente. As pesquisas feitas ao longo de quase um século de estudos, apresentam, a cada dia, descrições mais completas e detalhadas dos fenômenos lingüísticos aos quais se propõem elucidar. Tradicionalmente, as teorias que fundamentam esses estudos concebem a língua como uma estrutura passível de ser estudada por meio de níveis de análise – fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, etc. – o que auxilia, metodologicamente, na compreensão dos fenômenos da linguagem, viabilizando, assim, um estudo também mais sistemático.

Trabalhos que buscam descrever os elementos sonoros de uma língua natural tendo como base os pressupostos de descrição da fonética e da fonologia podem ser fundamentados levando-se em consideração dois tipos principais de análise: a segmental, cujas propriedades investigativas são atribuídas a cada segmento, e a prosódica, objeto de estudo deste trabalho, cujas realizações se estendem pelas cadeias de fala e só nelas podem ser compreendidas e definidas. O estudo de aspectos prosódicos, de um ponto de vista fonético, especificamente falando, constitui-se em um nível de análise que se interessa por uma série de aspectos – frequência, intensidade, duração, etc. – que envolvem na sua produção unidades fônicas superiores aos sons – ou segmentos – propriamente ditos. Esses aspectos são responsáveis por estabelecer o ritmo de um sistema lingüístico, seu padrão acentual, a entonação das unidades sintáticas, entre outros fenômenos. Por não serem constituídos de valor absoluto, a exemplo do que acontece com os traços segmentais, os aspectos em questão só podem ser descritos levando-se em conta a possibilidade de serem comparados com outras unidades do sistema lingüístico ao qual pertencem.

Descrições fonéticas bem fundamentadas sobre aspectos prosódicos são relevantes para fornecer sustentação às teorias fonológicas que servem de base para uma pesquisa. Assim, um mecanismo de análise auxilia o outro, fornecendo evidências para um tratamento adequado dos fenômenos sob investigação. Com base, então, nessa perspectiva, direcionamos a elaboração desse trabalho para uma descrição fonético-experimental do sistema acentual em uma língua indígena brasileira – o Yaathe – sobre a qual pouco se sabe a respeito dos aspectos em questão. Pretendemos, em um segundo momento, apoiados em teorias fonológicas contemporâneas – a Fonologia Métrica, propriamente – entender como esses aspectos se organizam na língua e que funções desempenham. Estamos, pois, propondo-nos a efetuar um estudo que abrirá caminho para uma análise fonológica do sistema acentual do Yaathe.

### A língua objeto do estudo

Falada pelos índios da tribo Fulni-ô, cuja reserva indígena localiza-se no município de Águas Belas (ver Figura 1), a cerca de 300 quilômetros de Recife, capital de Pernambuco, o Yaathe é uma língua indígena pertencente ao tronco lingüístico Macro-Jê.

**Figura 1.** Mapa da cidade de Águas Belas - Pernambuco



Viva e falada por aproximadamente 3.700 indivíduos do grupo, segundo levantamento feito pela FUNASA em 2006, ela desempenha funções rituais e sociais na aldeia, sendo a única língua nativa ainda falada no Nordeste, do Ceará até a Bahia. (COSTA, 1999). Apesar de um amplo estudo já desenvolvido sobre o Yaathe, pouco se sabe a respeito do seu sistema acentual, tanto em termos fonéticos, como de função propriamente lingüística. Dessa forma, portanto, direcionamos a elaboração desse trabalho para uma descrição fonético-experimental do acento, visando formulações mais consistentes a respeito da organização desse sistema na língua referida.

Há, na literatura, vários trabalhos sobre o Yaathe, sob diferentes abordagens e considerando diversos níveis de análise – fonológico, morfológico e sintático. Na fonologia, mais precisamente, cuidadosas descrições foram feitas a nível segmental: descrição de sons, apreensão de fonemas, estrutura silábica, etc. Neste trabalho, entretanto, pretendemos estudar os aspectos prosódicos, a saber, frequência, intensidade e duração – principais correlatos do acento – ainda pouco estudados nas pesquisas até então realizadas.

Não se pode dizer que o estudo sobre o acento em Yaathe é uma questão totalmente inédita. Apesar de poucos, alguns trabalhos já foram desenvolvidos nessa linha de investigação, entre os quais podemos destacar: Meland e Meland (1967); Meland (1968); Lapenda (1968) e Barbosa (1991). Vale ressaltar, entretanto, que os resultados obtidos não suscitam aplicabilidade ao sistema de escrita da língua e as reflexões são, por assim dizer, não muito claras e, sobretudo, não há estudos sobre uma base mais atual, tanto em termos de aparatos de descrição como de teorias fonológicas. Resumidamente, quando pensamos sobre o estudo do acento na língua Yaathe, encontramos dois grupos básicos de trabalho: um primeiro que trata do acento, porém sem uma base nas teorias lingüísticas especificadas; e um segundo que, apesar de utilizar uma base de teorias lingüísticas, utiliza uma base que não dá conta das especificidades do fenômeno estudado.

Como exposto no início desta seção, o presente trabalho visa a descrever foneticamente os correlatos físicos responsáveis pela definição do padrão acentual na língua Yaathe e, posteriormente, com os resultados obtidos, buscaremos um referencial teórico dentro da fonologia com o intuito de evidenciarmos possíveis regras de aplicação para o fenômeno estudado. Significativamente, trabalhos nessa linha de pesquisa e com esse tipo de objeto em foco – uma língua indígena brasileira – podem conjugar múltiplas justificativas para a sua realização, como destacamos na exposição a seguir.



Primeiramente, descrever a estrutura de uma língua, independente do nível de análise adotado pelo pesquisador, faz-se importante pela própria questão científica. A exposição de resultados adquiridos com base em investigações adequadas e apoiados em modelos teóricos bem fundamentados é indispensável para que a própria teoria com a qual trabalhamos possa se desenvolver. Alcançar resultados satisfatórios pode nos fazer perceber como a teoria se mostra adequada para a nossa proposta ou, por outro lado, é possível também que ela seja reformulada, uma vez que as pesquisas indiquem a sua inadequação para o tratamento de determinados fenômenos. O registro e a descrição dos dados já são, por si mesmos, relevantes para a ciência lingüística.

Do ponto de vista metodológico, trabalhamos com técnicas de fonética experimental – uso de laboratório. Graças ao apoio de aparelhos avançados utilizados na captura do som, podemos contar com gravações de alta qualidade, o que garante que propriedades importantes dos dados coletados não sejam perdidas ou, talvez, mal interpretadas. Além disso, contamos com o auxílio de um programa de leitura de fala comumente utilizado em estudos de análise acústica – o PRAAT. Desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, membros do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam, esse *software* é um sofisticado programa, capaz, entre outras funções, de medir e representar graficamente ondas sonoras, formantes, níveis de frequência e intensidade dos dados que armazena. Esses recursos propiciam análises de dados mais consistentes e precisas, contribuindo, assim, para reflexões mais coesas. O PRAAT, ainda, é um dos programas mais indicados para o estudo de aspectos prosódicos.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos sobre o Yaathe, particularmente, que é a última língua nativa sobrevivente no Nordeste do Brasil, com exceção dos estados do Piauí e Maranhão, a descrição do sistema acentual, somente no nível fonético, pode vir a subsidiar estudos importantes voltados para a função gramatical ou lexical que esses aspectos podem desempenhar na língua. Para Maddieson (1984), a carência de hipóteses para explicar segmentalmente uma série de fenômenos lingüísticos, torna possível que essas explicações possam ser obtidas em outro nível de análise – o supra-segmental. Apostando nessa idéia, vemos que algumas realizações fonológicas e morfofonológicas em Yaathe parecem não poder ser explicadas puramente em termos de segmento. É o que acontece, por exemplo, com o processo de redução silábica que às vezes ocorre, outras não e, no entanto, os ambientes, em termos segmentais, são os mesmos. Como não se possui uma descrição acurada dos aspectos

prosódicos da língua, alguns processos que poderiam ser explicados levando-se em conta aspectos não segmentais, por exemplo, permanecem até agora sem explicação.

O Yaathe, ainda, está sendo intensamente estudado nas escolas da aldeia Fulni-ô e todos os envolvidos – professores, pais e alunos – confessam estar ansiosos para que a alfabetização seja bilíngüe. Embora a língua esteja sendo escrita com base em algumas propostas existentes, há vários pontos ainda não resolvidos sobre a organização do sistema de sons e uma não-padronização desse sistema ortográfico. Um dos aspectos da língua menos estudado e, por isso, menos sistematizado, conforme já observamos, é o acento. Neste trabalho, também, procura-se definir o papel do acento em Yaathe, de modo que possamos definir futuramente se para a escrita é necessário ou não o uso de acentos gráficos e, em caso afirmativo, propor o tipo de acento e as regras ortográficas necessárias.

Por fim, porém não menos importante, estudamos uma língua indígena brasileira. O processo de extermínio que dizimou, desde o início da colonização do Brasil, centenas de populações indígenas e, juntamente com elas, suas línguas, tem despertado em pesquisadores de todo o mundo um crescente interesse em contribuir para o registro lingüístico do que ainda existe. A língua de um povo faz parte da sua identidade cultural e o registro dela pode contribuir não só para a teoria lingüística com suas descobertas e revelações, mas também para a própria afirmação de um povo enquanto tal. Além disso, o estudo de uma língua que não é a nossa língua nativa permite-nos estudar profundamente as teorias e aplicá-las em procedimentos de descoberta e, depois, de interpretação.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para a execução desta pesquisa é a comumente utilizada em pesquisa de campo lingüístico, neste caso, voltada especificamente para a coleta de dados que permitam uma análise confiável dos aspectos prosódicos que pretendemos estudar. Levando em conta que os princípios metodológicos dialogam com as bases conceituais, os procedimentos de investigação serão aqueles relacionados aos mecanismos de análise acústica, a fim de obtermos resultados mais consistentes com relação ao nosso objeto de estudo.

A primeira parte do trabalho foi destinada à pesquisa de campo, por meio da qual coletamos os dados para a descrição fonética do aspecto prosódico estudado, o acento. Para

isso, selecionamos como informante dois índios da tribo Fulni-ô, falantes nativos da língua Yaathe. Levando em conta que o acento é um fenômeno lingüístico invariável no que diz respeito à sua realização, ou seja, independente de fatores extralingüísticos como faixa etária, sexo ou qualquer outro critério de classificação a realização será sempre a mesma, esses dois informantes se fazem necessários para que nossa meta de trabalho seja alcançada. O critério de escolha baseou-se única e exclusivamente no fato de os colaboradores terem a língua objeto de estudo nessa pesquisa como língua nativa e já possuírem uma idade que os caracterizavam como falantes constituídos, não apresentarem qualquer tipo de distúrbio de fala que viesse a comprometer o estudo aqui pretendido.

Para a coleta de dados, utilizamos uma lista de palavras previamente selecionadas (ANEXO 1), com o objetivo de levantarmos um *corpus* constituído de vocábulos com até três sílabas, levando em conta descrições já existentes dos fenômenos segmentais. Essa coleta, inicial, foi importante pelo contato que tivemos com o sistema lingüístico, mas também, e talvez principalmente, porque foi a partir dela que todas as reflexões e novas propostas de levantamento de dados foram guiadas. Esses dados, então, foram gravados diretamente no computador e, em seguida, submetidos às análises do programa de leitura da fala, o PRAAT. Com o aprimoramento das técnicas de análise, novas coletas de dados foram feitas a fim de obtermos mais precisão na aplicação teórica.

As palavras selecionadas para a primeira coleta foram retiradas da literatura até então produzida sobre o Yaathe. Desse material, ainda, utilizamos um dicionário da língua (SÁ, 2000) cuja marcação acentual já era explicitada, porém não formalizada em termos de organização do sistema lingüístico. Para a coleta de dados, especificamente, elaboramos uma lista de itens lexicais em português. Era solicitado aos informantes que nos fornecessem esses itens em sua língua nativa. Apesar de não encontrarmos na literatura um procedimento que se mostre mais adequado para a coleta proposta, optamos por considerar a forma de citação das palavras a mais viável para análise, tendo em vista que, mesmo em estruturas mais complexas, como unidades sintáticas, por exemplo, a marcação de acento nunca será transferida, apenas recoberta com uma nova camada entoacional. Metodologicamente, portanto, os correlatos responsáveis pelo estabelecimento do acento foram examinados dentro de palavras isoladas, não levando em conta os seus comportamentos quando inseridos em enunciados. Em outras palavras, estudamos esses aspectos do ponto de vista puramente lexical.

A análise acústica estabelece como unidade de base para o estudo de aspectos prosódicos a sílaba. Tendo em vista o nosso foco investigativo, utilizaremos o padrão silábico

da língua Yaathe definido no trabalho de Costa (1999), levando em conta o fato de esse trabalho apresentar formulações mais consistentes em termos de análise, tanto pela escolha de modelos teóricos como pela proposta de revisão de padrões silábicos apresentados por outros pesquisadores. Não será nosso interesse compreender e até mesmo resgatar mecanismos de representações subjacentes que estejam na base dessas formulações. Por enquanto, apenas faremos uso desse sistema. As especificações desse padrão silábico, caso necessário, serão explicitadas também durante a análise. Para o nosso estudo, de maneira prévia, precisaremos apenas do conhecimento sobre as possibilidades de representação, uma vez que a unidade mínima de análise prosódica é a sílaba.

A proposta de análise levará em conta, como já anteriormente mencionado, unidades lexicais. Partindo do princípio de que a organização da língua, enquanto um sistema, obedece a regras de funcionamento ordenado, o léxico seria o compartimento no qual encontraríamos as unidades básicas de análise acentual. Apesar de ser uma propriedade da sílaba, em termos de metodologia de estudo, os parâmetros de medição para que possa ser definido um sistema acentual tem por base a categoria de palavras.

É importante, ainda, delimitarmos que *corpus* será esse estudado. Levando em conta que trabalharemos com unidades lexicais e que estas, por sua vez, podem ser organizadas em uma categoria gramatical específica – a morfologia – encontramos uma subcategorização referente ao tipo de classe gramatical. As palavras, portanto, são organizadas levando em conta uma série de aspectos e, por isso, são distintamente classificadas quanto a determinados critérios. O nosso estudo levará em conta, principalmente, os substantivos, adjetivos e advérbios. Os verbos, em particular, formam uma classe mais fugidia que merece uma análise à parte, tendo em vista a complexidade da sua morfologia flexional e, às vezes, derivacional. Neste trabalho, portanto, não nos reportaremos a ela.

**ALGUNS PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DE SONS LINGÜÍSTICOS**

**1 Introdução**

Neste capítulo, procuramos mostrar, por meio de uma argumentação expositiva, os pressupostos teóricos nos quais se fundamenta a pesquisa aqui desenvolvida. Com essa finalidade, discutiremos as principais noções e conceitos abordados. Teremos como foco, precisamente, a abordagem de aspectos teórico-metodológicos que vêm se mostrando, a cada dia, mais confiáveis e precisos no que diz respeito ao estudo de aspectos prosódicos em línguas naturais. Por questões de orientação metodológica, trataremos inicialmente da especificação do nosso objeto de estudo – o acento. Nesta fundamentação, assumindo considerações propriamente teóricas, apresentaremos as bases conceituais, de caráter fonético, que serão responsáveis pelo estabelecimento da análise. Seguiremos com uma exposição teórica a respeito do modelo de análise fonológica que guiará o restante da orientação, a Fonologia Métrica, baseada, especificamente, no modelo proposto por Hayes (1994). O fato de modelos tradicionais restringirem a aplicação de suas regras aos segmentos impediu o desenvolvimento apropriado de técnicas para a análise de traços prosódicos. Surgiram, então, como forma de responder a essa inadequação teórica, modelos fonológicos com propostas de tratamento mais adequado para os traços referidos. Assim, dentre as várias subáreas que surgiram, destacamos, entre elas, a Fonologia Métrica, que se deteve em traçar métodos mais adequados para o estudo da acentuação. Apresentaremos o objetivo central da teoria e discorreremos a respeito de algumas unidades que são fundamentais para que uma análise voltada para a descrição do acento no nível puramente lexical alcance êxito, chegando a resultados mais confiáveis e aplicações lógicas.

**1.1 A fonética e os estudos da linguagem**

Dentro da tradição acadêmica, a fonética nem sempre ocupou um lugar de prestígio e reconhecimento. Muitas vezes confundida com a fonologia, teve seu espaço restrito ao de uma

disciplina meramente auxiliar, assumindo um plano puramente secundário nas pesquisas que tratavam do funcionamento lingüístico. Graças ao avanço científico, entretanto, tal disciplina pôde desenvolver recursos tanto técnicos como teóricos para subsidiar com consistência pesquisas de alto nível. Hoje, não só a lingüística, mas várias outras áreas relacionadas a ela – física, fonoaudiologia, comunicação, etc. – fazem uso dos seus recursos, visando com rigor um melhoramento em termos de pesquisa.

Assumindo, nesse contexto, uma perspectiva de estudo voltada para a descrição física de aspectos prosódicos, devemos levar em conta que a configuração das representações fonéticas exige um cuidado maior por parte dos pesquisadores. Estudos que levam em conta aspectos físicos do processo de produção da fala devem considerar e determinar previamente que aspectos são esses – acústicos, articulatórios, auditivos – que estão sendo submetidos à análise, uma vez que cada um deles exige metodologia adequada para o seu tratamento. Em nossa proposta, apesar de levarmos em conta os condicionamentos articulatórios, ou seja, aqueles que envolvem a produção dos sons da fala, daremos ênfase ao traçado acústico que envolve o estudo das propriedades físicas desses sons. Para isso, ainda, faremos uso de instrumentos laboratoriais, o que exigirá, por sua vez, um conhecimento técnico para a aplicação de análises fonéticas de caráter instrumental, aliando a produção física dos sons ao uso de aparelhos precisos em termos de medição. Por estarmos tratando, a princípio, de uma análise fonética, a compreensão do mecanismo de produção da fala é um fator determinante para que possamos compreender os processos lingüísticos que envolvem o acento.

## **1.2 O mecanismo de produção de fala**

Tendo em vista a natureza física dos fenômenos de produção de fala, o conhecimento anatômico torna-se um colaborador significativo em estudos voltados para esse aspecto, uma vez que tal conhecimento fornece subsídios mais transparentes para análises que buscam resultados apurados a respeito do sistema lingüístico. Objetivamente, o mecanismo de produção vocal é complexo e exige a interação de diversos sistemas do organismo, desde o sistema nervoso central até os sistemas respiratório e digestivo. Além dos mecanismos neurais, portanto, a produção da fala envolve também mecanismos fisiológicos que são inatos a esse processo de produção. Origina-se aí, logo, a necessidade de compreendermos mais

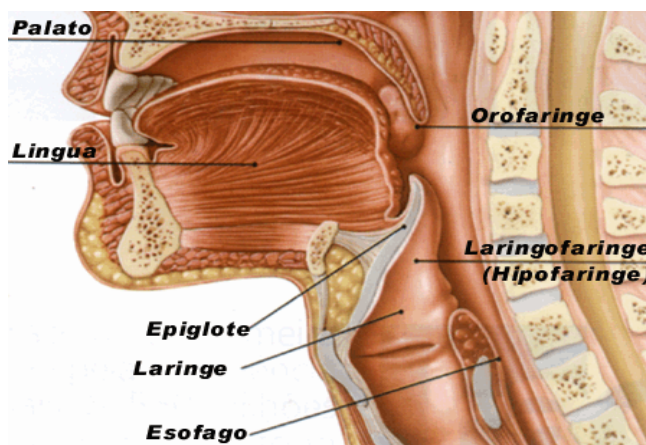
ordenadamente o funcionamento desses sistemas para que possamos, também, compreender de fato o que fazemos quando falamos.

Enquanto produto de um arranjo físico, a fala é resultado direto de processos de articulação, de modo que quanto melhor esses processos sejam compreendidos, de um ponto de vista anatômico-fisiológico, mais seguras serão as informações que se poderão fornecer para o conhecimento da fala. Tendo em vista a natureza física desse mecanismo de produção, a compreensão do canal sonoro se mostra relevante para estudos de base fonética. Sintetizamos essa questão na figura abaixo, na qual temos uma visão parcial do sistema de produção da fala.

**Figura 02**

Mecanismo anatômico de produção da fala

De acordo com Ladefoged (1996), a emissão da corrente de ar proveniente dos pulmões causa uma ativação das partículas locais do aparelho laríngeo fazendo com que ocorra uma variação de pressão interna. Essa variação, por sua vez, é realizada por meio de movimentos vibratórios das pregas vocais. Esses movimentos são responsáveis por mudanças no estado da glote que condicionam tanto as variações de frequência como de intensidade. Esse processo, logo, torna-se um condicionador efetivo e relevante para a compreensão de sistemas acentuais, uma vez que o processo físico é que determina tal funcionamento.



Fonte: [www.ufrj.br/institutos/it/de/acidentes/voz2.htm](http://www.ufrj.br/institutos/it/de/acidentes/voz2.htm)

O sistema de produção da fala é responsável pela realização de sons que são produzidos pelo aparelho fonador humano e aplicados, conseqüentemente, com uma função comunicativa. Os sons que servem para estudo são aqueles tidos como reflexo de um sistema subjacente organizado que determina os meios de produção e funcionamento de sistemas lingüísticos específicos. Com base em estudos já desenvolvidos, também é neurologicamente comprovado que existem áreas de ativação cerebral que são acionadas durante a produção da fala. O cérebro, portanto, de uma forma objetiva, seria responsável por enviar estímulos nervosos para os músculos e esses, por sua vez, seriam ativados para a produção dos sons que são codificados por meio da fala. A configuração de um segmento fonético, por outro lado, envolve a configuração também de vários músculos. Esse segmento, entretanto, faz parte de

um sistema subjacente de regras que transforma os estímulos nervosos em sinal de fala por meio de processos tanto neurofisiológicos como articulatórios. No estudo de aspectos prosódicos, saber que fatores estão por trás de cada aspecto em estudo é importante, uma vez que o acento é tido como uma saliência aplicada a uma unidade da cadeia de fala. E essa saliência, apesar de estar funcionando como reflexo do sistema de regras subjacentes da língua, de caráter mais abstrato, portanto, é provocada por motivações de caráter físico na representação de superfície.

### **1.3 O acento**

Nas últimas décadas, devido a um grande avanço não só teórico, mas também técnico, houve um grande aumento no número de estudos voltados para a investigação de aspectos prosódicos. O acento, em particular, tem despertado considerável atenção. A compreensão dos sistemas acentuais nas diversas línguas pode conduzir a informações não só de marcação rítmica, como vem sendo comumente mostrado na literatura, mas também de funções de caráter lexical, como iremos expor mais adiante, e funções precisamente gramaticais, com atuação nos vários níveis da estrutura gramatical – fonologia, morfologia, sintaxe, semântica – e na pragmática. Além disso, levando em conta a configuração do sistema lingüístico como uma estrutura formada por níveis hierárquicos, podemos obter respostas para diversos fenômenos que, mesmo não apresentando evidências claras, estão relacionados, em boa parte, ao acento.

A definição de acento, da mesma forma que a de qualquer outro objeto de estudo lingüístico, é diretamente condicionada pela abordagem teórica que a precede. Desse modo, portanto, torna-se difícil listar considerações mais gerais em termos de classificação que nos permitam discorrer a seu respeito, sem que estejamos, para isso, vinculados a uma corrente teórica propriamente dita. São os princípios da teoria e suas formulações metodológicas que permitem um enquadramento adequado do objeto analisado, fornecendo, assim, mecanismos mais evidentes de compreensão e classificação do que é submetido a estudo. Assim, o acento só pode ser definido quando levamos em conta a linha teórica que formula sua conceituação. Fox (2002) chama a atenção para o fato de o acento ser um dos aspectos mais problemáticos de lidar, tendo em vista uma não-padronização dos seus constituintes aliada a uma



irregularidade em termos de nomenclatura. O interesse que o tema tem despertado em vários pesquisadores e a não integração das pesquisas, são fatores que condicionam esses problemas.

Para o autor:

o ‘acento’ tem-se mostrado como um dos aspectos prosódicos mais controversos, o que tem gerado uma considerável soma de debates teóricos. Existiram – e continuam existindo – desacordos a respeito da natureza fonética do fenômeno, seu papel fonológico, a forma apropriada para a sua descrição, assim como sua relação com aspectos morfológicos e sintáticos em línguas específicas. (FOX, 2002, p.114.)<sup>1</sup>

De um ponto de vista técnico, levando em conta o que vem sendo mais recorrente e formulado em bases mais confiáveis, o acento defini-se como um traço supra-segmental aplicado, na literatura contemporânea, à unidade silábica. Para Ladefoged (2001), uma sílaba acentuada é pronunciada com uma maior emissão de energia quando comparadas às demais sílabas do mesmo enunciado, tornando-se, por isso, mais proeminente na fluência da fala. Por essa razão, também, uma sílaba acentuada carrega uma energia respiratória maior do que as sílabas que não o são. Para a Fonologia Métrica de Hayes (1994), o acento é a unidade básica que determina o ritmo das línguas.

Apesar de podermos identificar acusticamente os correlatos que são responsáveis pelo condicionamento do acento nas línguas diversas, parece não haver um único correlato que seja universal para essa determinação. As configurações acentuais de cada sistema lingüístico são distintas não só em termos dos próprios traços que motivam a proeminência das unidades silábicas, mas também na forma como eles se ajustam para gerar um sistema desse tipo. Ladefoged (2007) observa que um estudo que busca verificar a organização de elementos prosódicos deve considerar, pelo menos, a análise acústica de três elementos condicionantes, em sua maioria, da realização do acento nas línguas naturais: a frequência fundamental – correlato acústico do pitch – a intensidade e a duração das unidades de base, a sílaba.

Foneticamente falando, a compreensão dos fenômenos da fala exige habilidades técnicas que nos permitam apreender esses fenômenos, tanto em termos de produção como de percepção. Compartilhamos, por isso, do mesmo posicionamento de Ferreira Netto (2007),

---

<sup>1</sup> ‘Accent’ has proved to be one of the most controversial of the prosodic features, generating a considerable amount of theoretical debate. There has been - and continues to be – disagreement about the phonetic nature of the phenomenon, its phonological roles, and the appropriate mode of its description, as well as its relationship to morphological and syntactic features in specific languages.” (FOX; 2002, p.114.)

que chama a atenção para a necessidade de compreendermos o canal sonoro, propriamente dito, com a finalidade de conhecermos mais claramente os fenômenos lingüísticos condicionados por esse mecanismo de produção. Para um estudo sobre o acento, portanto, compreender que aspectos fisiológicos estão envolvidos com a produção de cada possível correlato – frequência fundamental, intensidade e duração – é um avanço para que a análise traga formulações mais precisas e consistentes a respeito da língua que está sendo estudada.

#### **1.4 Correlatos fonéticos do acento**

O acento nas línguas naturais é definido com base em modificações físicas que se manifestam durante a produção da fala e que são, como já dissemos anteriormente, reflexo de um sistema subjacente que determina as suas regras de aplicação. Com a finalidade de ditar o ritmo de um sistema lingüístico, as sílabas – unidades de base para o estudo de aspectos prosódicos – precisam de um mecanismo que as tornem proeminente em relação às demais sílabas do mesmo enunciado. Para isso, elas podem variar em frequência, intensidade ou duração, o que estabelecerá a diferença entre elas e as outras unidades do enunciado. Frequência fundamental, intensidade e duração, portanto, são correlatos condicionantes da realização do acento que podem atuar tanto isoladamente como em conjunto para a definição de sistemas específicos. Por essa razão, torna-se inevitável compreender inteiramente os mecanismos físicos envolvidos na produção desses aspectos, para que possamos analisar adequadamente um sistema acentual.

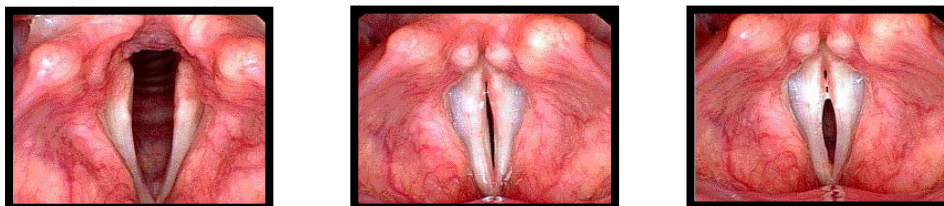
##### **1.4.1 Frequência fundamental**

Frequência fundamental é o termo usado na fonética acústica para designar o acento de altura que diz respeito à maior ou menor constância em que as cordas vocais vibram durante a produção do som. Quando falamos, um conjunto de mecanismos neuromusculares faz com que uma corrente de ar egressiva, proveniente dos pulmões, seja expelida em direção à cavidade oral. Ao passar pela laringe, essa corrente encontra-se com as cordas vocais, fazendo com que as suas dobras vibrem (ver figura 03). Há, nesse processo, uma relação

direta entre a vibração da glote e o nível de frequência do som produzido, dessa forma, quanto maior a vibração, maior será também a frequência do som realizado. A forma mais comum de causarmos variações de frequência na fala é alterando a vibração das cordas vocais.

**Figura 03**

Cordas vocais: Quando respiramos, as cordas vocais se abrem para a passagem do ar (esquerda). Ao falarmos, elas se aproximam para produzir o som da voz (centro). Durante o sussurro, elas encontram-se entreabertas (direita).<sup>2</sup>

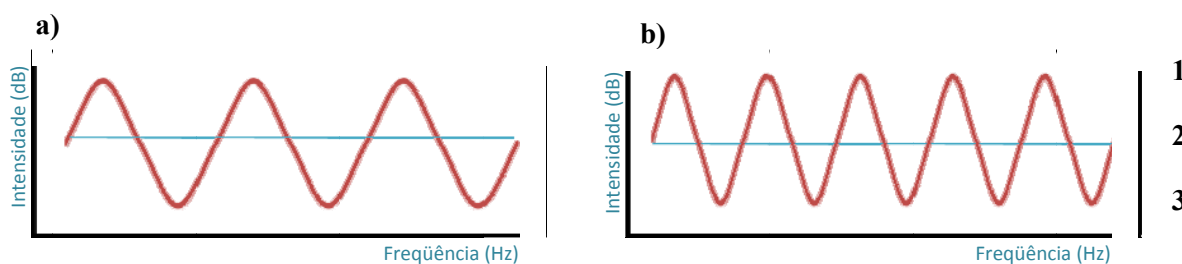


Fonte: [www.ift.unesp.br](http://www.ift.unesp.br)

Quando as cordas vocais estão alongadas, elas vibram mais rapidamente – maior frequência – resultando em um pitch mais alto. Quando esse alongamento se dá de forma menos acentuada – menor frequência – o pitch tende a ser mais baixo, o que pode indicar a ocorrência de segmentos laringalizados. A figura 04, abaixo, mostra a forma de propagação dos sons e como a variação de frequência fundamental pode ser entendida na análise das ondas sonoras que abarcam informações sobre uma série de mecanismos envolvidos na produção da fala.

**Figura 04**

Ondas sonoras – Frequência: Quanto maior a quantidade de ondas, maior será a frequência do som produzido e, conseqüentemente, a elevação do pitch.



A frequência, em particular, é uma unidade medida em Hertz (Hz) e que corresponde ao número de ciclos<sup>3</sup> completos que são produzidos em um intervalo de tempo de

<sup>2</sup> Fotos retiradas do *site* do curso de Física da Universidade Estadual Paulista (UNESP), voltado para o estudo das formas de produção e propagação dos sons da fala.

<sup>3</sup> Um ciclo corresponde ao movimento contínuo que percorre os pontos 2→1→2→3→2 na ordem apresentada. A seqüência de ciclos num espaço de tempo corresponde à frequência com a qual o som é produzido.

um segundo. Do ponto de vista auditivo, o ouvido humano tem uma audibilidade capaz de captar sons entre 20Hz e 20.000Hz. A figura 04, como mostrado em *a*, representa a propagação do som formado por uma onda de três ciclos completos no intervalo de um segundo ou, em termos mais técnicos, de 3Hz. Se ampliarmos o número de ciclos dessa mesma onda, como vemos em *b*, mantendo a amplitude apontada no primeiro gráfico, teremos o mesmo som sendo produzido com uma frequência mais alta.

Um fator também importante para a descrição da frequência em uma língua é a forma que a glote, espaço localizado entre as cordas vocais, pode assumir quando falamos. Em um tipo de som específico, conhecido como laringalizado, ela apresenta-se como uma pequena abertura situada em uma das extremidades das cordas vocais que, por sua vez, mostram-se bem menos alongadas do que nos sons durante a produção de sons não laringalizados, como os que produzimos regularmente quando falamos Português. Essa configuração cria um efeito vocal gerado por vibrações muito lentas que, conseqüentemente, produzem um nível de frequência acentuadamente baixo.

As variações de frequência podem ser usadas de diferentes formas e conduzir o ouvinte a vários tipos de informação se analisadas de um ponto de vista tanto funcional como pragmático. Quando elas remetem a características fisiológicas do falante – identificação de sexo masculino ou feminino, faixa etária, etc. – ou então ao seu estado emocional – alegre, triste, cansado, etc. – são classificadas como paralingüísticas. Essa classificação implica a existência de informações que interagem com a língua, porém não fazem parte dela, pelo menos em termos de estruturação.

Por outro lado, entretanto, variações de frequência também são usadas para indicar tipos de informações que fazem parte do próprio funcionamento da língua enquanto estrutura. O uso lingüístico do pitch é de interesse da fonologia e pode ser estudado pela entonação – variação na altura do som que incide sobre uma estrutura sintática – ou pelo tom – variação na altura do som que incide sobre uma estrutura morfológica. No primeiro caso, dizemos, *grosso modo*, que o tom é gramatical e no segundo caso que é lexical, tendo, portanto, valor distintivo entre unidades lexicais.

As línguas que usam o tom com função distintiva, têm como unidade de base investigativa a sílaba. A sílaba, por sua vez, para os modelos de fonologia não-linear, é o menor constituinte de análise prosódica. Existe, para esse aspecto, uma classificação específica. A depender da configuração assumida, o tom pode ser de nível, apresentando movimentos contínuos, ou de contorno, com movimentos que se alteram. Assim, foram

criados diacríticos específicos para formalizar esse tipo de estudo que são aplicados e utilizados pelo Alfabeto Fonético Internacional (AFI), como mostramos na tabela 01:

<b>Tabela 01</b>		Símbolos do AFI para tons de nível e contorno.	
<b>Nível</b>		<b>Contorno</b>	
e! ou □	extra alto	e& ou \	ascendente
e↔ □	alto	e⊥ □	descendente
e# □	médio	e#≅ ¬	alto ascendente
e↑ □	baixo	e↑# □	baixo ascendente
e% □	extra baixo	e⊥◊ ⊥□	ascendente descendente
□	downstep	⊂	melodia ascendente
□	upstep	⊆	melodia descendente

Para alguns teóricos, o uso que as línguas fazem do pitch o insere tanto em sistemas mais simples, como os que marcam apenas dois tons, um alto e outro baixo, como também em sistemas mais complexos, marcando mais de dois tons, que podem ser de nível e/ou de contorno.

### 1.4.2 Intensidade

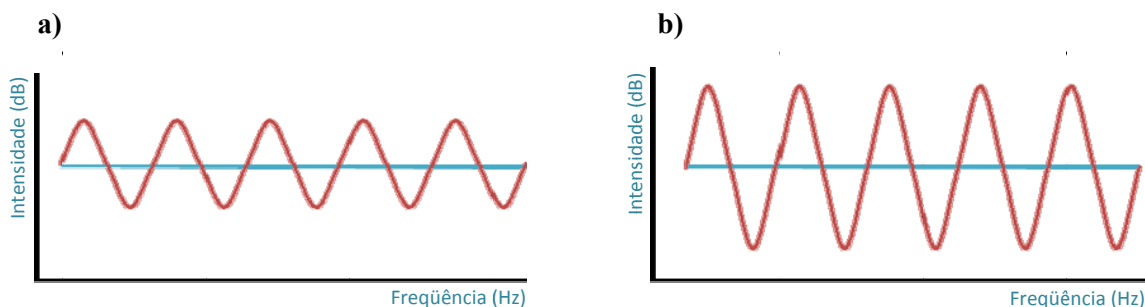
A intensidade é o aspecto prosódico que indica a maior ou menor força com a qual os falantes pronunciam as unidades lingüísticas superiores aos fonemas. De um ponto de vista estritamente fonético, a intensidade consiste em um mecanismo de produção sonora no qual o ar é expelido para fora dos pulmões com uma força maior que a comumente usada nas outras unidades do mesmo enunciado. Essa força faz com que seja criada uma variação interna das partículas de ar. Assim, como o ar passa pelo trato vocal com uma força maior, ele é também percebido com mais intensidade pelo ouvido e, do ponto de vista auditivo, torna-se mais proeminente. Por ter um processo de formação semelhante ao da freqüência, uma vez que os dois estão relacionados ao aspecto de força, geralmente as sílabas que recebem o maior nível de intensidade são também as que recebem o nível de freqüência mais alto. De fato, essa não é uma regra segura porque os sistemas são organizados também com base em representações mentais e, por isso, a definição dos correlatos varia de língua para língua condicionada

também pelo que está na subjacência. As representações de superfície, mesmo que influentes, não são, de um todo, predominantes.

A análise acústica da intensidade está relacionada à amplitude das ondas sonoras, ou seja, quanto maior for a onda produzida no processo de fala, maior será a intensidade que ela produz e, em caso de sistemas lingüísticos que usam esse correlato como determinação para definir a marcação acentual, teríamos a proeminência silábica sendo determinada por ele. Por essa razão, assim como a freqüência, a intensidade pode ser compreendida e definida com base no estudo das ondas sonoras. E, também, a exemplo do que acontece com a freqüência, quanto maior a intensidade, maior a percepção auditiva de proeminência silábica. Na figura 05, abaixo, mostramos como se dá essa relação:

**Figura 05**

Ondas sonoras – Intensidade: As duas ondas apresentadas possuem o mesmo número de ciclos. Há uma variação, entretanto, com relação à intensidade. O valor da intensidade no gráfico **a** é duas vezes menor que o do gráfico **b**. Isso indica que temos em **b** uma amplitude duas vezes superior à amplitude de **a**.



### 1.4.3 Duração

A duração é o aspecto prosódico que está relacionado ao tempo de produção de um determinado segmento da cadeia de fala. Uma das formas utilizadas pelas línguas para dar proeminência às unidades de base é prolongar o núcleo silábico ou, em alguns casos, toda a sílaba, de forma que eles sejam auditivamente mais percebidos do que os outros segmentos ou sílabas, como acontece com o Português, por exemplo. Em algumas línguas, a diferença do tempo de produção de segmentos é usada para estabelecer contrastes lexicais. Há, entretanto, algumas ressalvas aos mecanismos de análise para esse aspecto. Como observa Fox (2002, p. 360), “duração é, em alguns aspectos, um dos traços prosódicos mais difíceis de ser

caracterizado, apesar de sua aparente simplicidade, à medida que seu status é ambivalente [...] ele pode ser analisado de diversos modos<sup>4</sup>. Definir os parâmetros para a sua análise é uma tarefa difícil. Dessa forma, apesar de ser um aspecto atuante na determinação dos sistemas acentuais, a duração não é passível de uma análise tão simples.

Alguns problemas se colocam, principalmente, com relação à segmentação da cadeia de fala. Nem sempre é tão evidente onde se inicia e onde termina um determinado segmento, mesmo com o auxílio de aparelhos laboratoriais. Definir o tempo de produção dele requer procedimentos mais apurados. Com base, então, na análise espectrográfica, é possível que o tempo de produção possa ser percebido e interpretado acusticamente. A análise, porém, requer atenção, uma vez que precisamos identificar, entre outras coisas, quando os sons são inerentemente mais longos – duração sendo um traço distintivo na língua – e quando esse alongamento se dá com finalidades específicas, como a de marcação acentual.

## **1.5 Tipos de língua quanto ao uso de aspectos prosódicos**

Dependendo do tipo de organização que o sistema acentual das línguas apresenta, elas podem ser classificadas em três grupos principais com relação ao uso de aspectos prosódicos: línguas entoacionais, tonais e de pitch accent.

As línguas entoacionais usam variações de pitch em uma seqüência de sons para atribuir diferentes significados a um mesmo sintagma ou sentença. Os usos mais comuns da entonação condizem com a demarcação das fronteiras sentenciais e a distinção entre estruturas gramaticais, como frases declarativas e interrogativas. Em línguas como o Português e o Inglês, por exemplo, sentenças segmentalmente iguais podem ser interpretadas pelos falantes como uma declaração ou interrogação, dependendo unicamente da melodia tonal que a percorre. Além disso, variações na cadeia melódica podem indicar estados psicológicos do falante como alegria, raiva, sarcasmo etc.

Em algumas línguas o traço essencial de significação de uma palavra é o tom. Ele pode atribuir função lexical a determinados vocábulos, a exemplo do que acontece no Cantonês, dialeto falado na China, ou também desempenhar função gramatical, como é o caso

---

<sup>4</sup> Length is, in some ways one of the most difficult prosodic features to characterize, in spite of its apparent simplicity, as its status is ambivalent [...] it can be analyzed in a variety of ways. Fox (2002, p.360).

da língua Igbo<sup>5</sup>, que expressa a marcação de posse pela elevação do tom. No Mandarim, um dos principais dialetos falados na China, a seqüência segmental [ma] assume diferentes significados, dependendo exclusivamente do tipo de tom que é usado na sua produção (Ver tabela 02.). Essas alterações, muitas vezes imperceptíveis aos ouvidos de um estrangeiro, são entendidas tão claramente pelos seus falantes nativos como as distinções provenientes das variações entre consoantes e vogais. Línguas que fazem uso do pitch com essas funções são chamadas de línguas tonais. Vemos na tabela as distinções lexicais que o mesmo significante [ma] pode assumir quando usamos variações de pitch para a sua produção:

**Tabela 02**

Tom no Mandarim

<b>Significante</b>	<b>Significado</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Descrição</b>
/ma/	mãe	□	extra alto
/ma/	cânhamo	┘	alto ascendente
/ma/	cavalo	□	baixo ascendente
/ma/	insultar	□	descendente

Alguns sistemas lingüísticos não entram na classificação de línguas puramente entoacionais ou tonais da mesma forma como acontece com o Inglês e o Mandarim, respectivamente. Na língua Pirahã, falada por índios que vivem na floresta amazônica, por exemplo, a distinção lexical entre itens segmentalmente iguais ora é feita por influência do tom, ora pela influência do acento. Línguas que tem esses dois aspectos atuando simultaneamente em um sistema organizado de regras são classificadas como sendo línguas de pitch accent.

Para Ladefoged (2001), o caso mais notável de línguas que se encontram entre línguas tonais e acentuais é o Japonês. Em Estandard, dialeto padrão falado no Japão, as palavras são divididas em dois grupos: as acentuadas e as não acentuadas. Nas palavras do primeiro caso, o acento é realizado por um tom alto na sílaba acentuada, sendo as demais marcadas por um tom baixo.

O acento, ainda, pode assumir diferentes funções nas diversas línguas existentes. Em línguas cujo acento não é fixo, podendo mover-se no interior da palavra, ele pode

<sup>5</sup> Dos quase 250 dialetos que existem na Nigéria, o Igbo, que usa variações de pitch com função gramatical, é o mais falado ao leste do país.



desempenhar função distintiva entre os seus itens lexicais. No Português, por exemplo, encontramos uma série de pares mínimos cuja única sustentação distintiva entre seus constituintes é a posição do acento. Outras línguas, como o Inglês e a maioria das línguas românicas, também possuem esse acento móvel. (Ver tabela 03.) Em nível sintático, o acento pode ser usado tanto para dar uma ênfase especial a alguma palavra da sentença como também para contrastá-la com outra. Vemos, abaixo, pares mínimos que apresentam como elemento distintivo de significação o posicionamento do acento. Em termos lexicais, essa é uma das funções mais comuns que o acento pode desempenhar apesar de outras funções também serem atribuídas ao acento que delimita cada palavra. Assim, um estudo puramente lexical pode trazer muitas evidências sobre como o sistema rítmico da língua funciona.

**Tabela 03**

Acento com função distintiva.

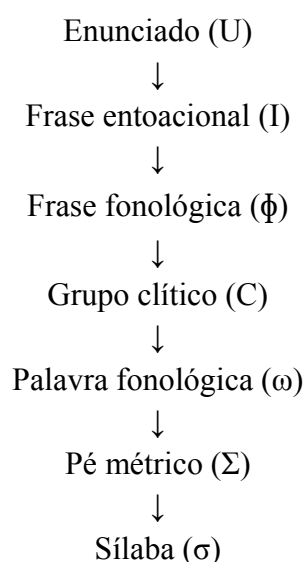
<b>Língua</b>	<b>Pares mínimos</b>
Português	/ʊduvida/ /duʊvida/
Inglês	/ʊimport/ <i>importação</i> /imʊport/ <i>importar</i>
Italiano	/ʊprincipi/ <i>príncipe</i> /prinʊcipi/ <i>início</i>

## 1.6 Princípios de Fonologia Métrica

O surgimento da Fonologia Métrica e de outros modelos teóricos que buscam condições favoráveis para a descrição e formalização do acento nas línguas deve-se à inadequação metodológica apresentada por modelos precedentes que, em linhas gerais, definiam o acento como uma propriedade exclusiva do segmento. Esse posicionamento impedia que formulações fonológicas fossem atestadas em níveis não segmentais. O acento, portanto, era tratado em termos de traço – [+ acento] e [– acento]. Os modelos de análise não-lineares, de uma forma geral, têm dado conta de descrever os mais variados fenômenos das línguas naturais. A Fonologia Métrica, em particular, tem apresentado resultados satisfatórios no que diz respeito ao estudo de aspectos prosódicos, fornecendo mecanismos teóricos e

metodológicos mais adequados para o tratamento do acento e, conseqüentemente, do ritmo da fala.

A Fonologia Métrica é um modelo teórico relacionado à forma como os segmentos de uma língua se organizam em grupos de proeminência. Partindo do princípio de que a estrutura interna dos sistemas lingüísticos apóia-se em níveis organizados hierarquicamente, esse modelo definiu o acento como propriedade da unidade silábica, que estaria, por sua vez, relacionada a outras unidades da cadeia de fala. Essas unidades seriam formalmente representadas por árvores métricas. A estrutura básica desse modelo é apresentada em Bisol (2001, p.35), como vemos a seguir:



Essas são as categorias especificadas pela autora. Cada nível de proeminência corresponde a um constituinte prosódico. Para o nosso trabalho, entretanto, traremos considerações específicas a respeito da sílaba e dos pés métricos, que serão os condutores da discussão que propomos. Tendo em vista que buscamos descrever as unidades lexicais, esses são os constituintes básicos sem os quais não poderíamos prosseguir na pesquisa. Os outros constituintes seriam indicados e mereceriam ser tratados em estudos cuja análise é focada em unidades superiores à palavra – sintagmas ou sentenças. Esse não é o nosso caso.

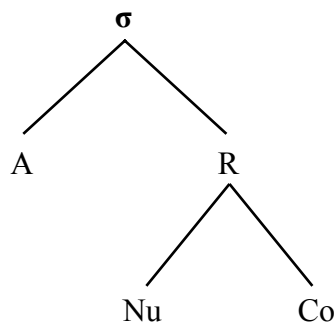
### 1.6.1 A sílaba

Dentro dos estudos lingüísticos, a sílaba, enquanto unidade de análise, é definida por meio de várias teorias e, conseqüentemente, perspectivas distintas. Apesar de não ser uma noção nova em fonologia, como aponta Bisol (2001), só recentemente ela foi aceita como unidade fonológica. Para a Fonologia Métrica, esse constituinte prosódico define-se como a menor unidade de análise para o estudo do acento e possui, por sua vez, uma estrutura particular que evidencia importantes recursos para estudos que buscam compreender como se dá a organização dos níveis gramaticais.

Para a teoria métrica da sílaba, esse constituinte é um componente que se configura por meio de uma hierarquia interna. Assim, como vemos no gráfico 01, a sílaba seria formada pelo ataque (A) e pela rima (R), sendo a rima subdividida em dois outros componentes, o núcleo (Nu) e a coda (Co). Nessa estrutura, o ataque e a coda podem ser marcados como categorias vazias, o que evidencia a importância do núcleo nesse constituinte. A depender de seus parâmetros, cada língua estabelece regras para definir que tipo de segmento pode ocupar cada uma dessas posições.

**Gráfico 01**

Modelo da sílaba métrica



No estudo sobre o constituinte silábico, encontramos uma distinção entre os tipos de sílabas que podem ser formadas – leves e pesadas. Para a teoria, sílabas leves são aquelas cuja rima não apresenta ramificação, sendo preenchida apenas na posição do núcleo – a coda é marcada como uma categoria vazia. As sílabas pesadas, por sua vez, são as que possuem uma rima ramificada. Nesse caso, a posição de coda pode ser preenchida tanto por uma consoante, outra vogal ou então a vogal que fica na posição de núcleo pode ser longa, ocupando duas unidades de tempo na produção da fala. Em síntese, essa distinção pode ser simplificada

assumindo que sílabas leves não possuem rima ramificada enquanto que as pesadas possuem. É importante lembrar que, mesmo que o ataque possa ser preenchido por mais de um segmento, não há interferência no peso silábico. A importância dessas definições é que há evidências claras de que o peso silábico influencia na atribuição do acento em determinadas línguas. Apesar de não haver um consenso, alguns estudos apontam para o fato de o acento em português ser também condicionado por fatores morfológicos. É fato, entretanto, que as regras de atribuição acentual, apesar de estarem atreladas à estrutura silábica, são determinadas por unidades maiores constituídas por mais de uma sílaba, os pés métricos.

### **1.6.2 O pé métrico**

Na literatura clássica, os pés métricos são unidades de marcação rítmica utilizados como elemento estrutural para a elaboração de poemas. No estudo do acento de línguas naturais, o que acontece não é muito diferente. A Fonologia Métrica define esse constituinte como uma unidade formada por duas ou mais sílabas, subordinadas a uma relação de dominância, ou seja, uma das unidades silábicas que constitui o pé métrico deve ser dominante, de modo a se tornar mais proeminente em relação às demais.

Apesar de não haver uma delimitação para o número de sílabas que podem constituir cada pé métrico, compartilharemos nesse trabalho do mesmo posicionamento teórico proposto por Hayes (1981), que afirma só existir pés binários, formados por duas unidades silábicas. A justificativa apresentada nos casos em que a unidade lexical possui um número ímpar de sílabas, não formando pés binários perfeitos, é da existência de pés degenerados. Os pés degenerados são condizentes com a menor formação de um pé métrico constituído por uma única sílaba. Essa formulação, entretanto, não é aceita para todas as línguas.

Em se tratando de domínio, como já falamos, os pés binários estabelecem uma relação de dominância, na qual a posição do núcleo – a sílaba mais proeminente – determina e especifica a formação de cada pé. Existem sílabas com estruturas distintas e, portanto, há formas também distintas de agrupá-las. Nesse contexto, são estabelecidos dois pés principais, o troqueu e o iâmbico. Para a teoria, levando em conta o aspecto de marcação rítmica entre sílabas fortes e fracas, os pés do tipo troqueu são aqueles que possuem o constituinte forte na margem esquerda, enquanto os pés do tipo iâmbico são aqueles com a sílaba forte na margem

direita, sensíveis ao peso silábico. Temos, a seguir, a representação formal que a teoria métrica traz para esse constituinte da cadeia prosódica:

- Pé binário troqueu            (\*     ●)  
  σ     σ
- Pé binário iâmbico        (●     \*)  
  σ     σ

Há, nesse estudo, algumas subespecificações relevantes para a nossa pesquisa. Os pés do tipo troqueu são ramificados em dois grupos relacionados ao tipo de unidade básica que pode determinar os princípios de marcação acentual. Assim, temos o pé troqueu do tipo silábico e o do tipo mórico. O pé troqueu silábico define o padrão acentual tendo como unidades de base a sílaba, sendo insensível ao peso que elas possam ter. O pé troqueu mórico acentua, como já especificado, a unidade da margem esquerda. A diferença, entretanto, quando comparado com o troqueu silábico, é que este tem como referencial de análise, em vez de sílabas, moras, sendo sensíveis ao peso silábico. As moras são unidades de tempo presentes na estrutura da sílaba que são contadas da seguinte forma: sílabas pesadas possuem duas moras e sílabas leves possuem apenas uma.

Esses modelos refletem uma tendência inerente às línguas para manter padrões rítmicos com sílabas fortes e fracas distribuídas regularmente no contínuo da fala. Dessa forma, não haverá violação de um dos princípios básicos para a aplicação do acento – o princípio que determina que não pode haver choque acentual. É, via de regra, impossível que duas unidades silábicas pronunciadas consecutivamente recebam, em um mesmo vocábulo, marcação acentual proeminente. Essas são, basicamente, as referências principais às quais nos reportamos durante a análise de dados.

## 1.7 Propriedades do acento

Para a definição do acento, há uma série de propriedades que vêm se mostrando, com base em estudos já desenvolvidos sobre o tema, recorrente. Destacamos, entre elas, a

propriedade demarcativa. Essa propriedade define que o acento tende a ser marcado nas extremidades das palavras, ocupando sempre as posições de margem. A propriedade rítmica, já discutida, estabelece que deve haver uma regularidade com relação à disposição de sílabas fortes e fracas no contínuo da fala. A terceira propriedade diz respeito à sensibilidade à quantidade na qual o acento incide naturalmente sobre as unidades com maior peso silábico. Por fim, a propriedade cumulativa segundo a qual um acento se mostra mais proeminente que nas outras sílabas da palavra.

**A NATUREZA FONÉTICA DO ACENTO EM YAATHE**

**2 Introdução**

Inicialmente, vale ressaltar, o tratamento dos dados que segue respeita um critério de apresentação que leva em conta a ordem crescente do número de sílabas que constituem cada palavra submetida à análise. Todas elas, lembramos, foram gravadas duas vezes na forma de citação para que pudéssemos obter informações mais precisas e sustentáveis. Observamos, ainda, que a coleta dos dados foi feita com base em uma lista de vocábulos previamente selecionados e gravados diretamente no programa de leitura da fala, PRAAT. O intuito primeiro, vislumbrando uma análise instrumental, é de obter condições laboratoriais específicas para o estudo proposto. Em alguns momentos, entretanto, obtivemos dados não previstos. Isso fez com que a quantidade de palavras com o determinado número de sílabas que pretendíamos alcançar fosse alterada, ora para mais, ora para menos. Em alguns momentos, também, pela presença de ruídos externos que comprometeriam a veracidade da apreciação, algumas palavras foram excluídas.

O que segue, então, é a análise de dados que julgamos qualitativamente satisfatórios para a descrição proposta. Com relação ao aspecto quantitativo, apesar de algumas alterações no que fora previsto, tendo em vista que nem sempre as palavras escolhidas para estudo eram obtidas da forma que esperávamos, nenhuma foi significativa a ponto de comprometer o estudo pretendido. Assim, feitas essas observações, partiremos agora para a análise propriamente dita.

**2.1 Palavras de uma sílaba**

Como já mencionado no capítulo referente à fundamentação teórica, os aspectos prosódicos só podem ser caracterizados foneticamente quando consideramos o ambiente no qual eles se realizam, levando em conta, para isso, a comparação entre as suas unidades constitutivas. No caso de palavras, mais precisamente, a unidade silábica. Como o acento vem

sendo definido por várias teorias como uma força expiratória na qual a sílaba acentuada é produzida com uma maior emissão de energia quando comparada às demais sílabas da mesma unidade lexical, parece não haver viabilidade para que possamos determinar se palavras monossilábicas são ou não acentuadas, uma vez que não dispomos de parâmetro algum de comparação. No caso da intensidade, por exemplo, definir se ela é forte ou fraca em um determinado ambiente é uma questão que envolve, necessariamente, a possibilidade de comparação entre as sílabas que constituem cada palavra sob investigação. Como não temos esse parâmetro, a análise, pelo menos para esse grupo, não mostra viabilidade.

É possível, entretanto, no caso de uma análise fonológica, na qual levaríamos em conta o aspecto funcional, que vocábulos segmentalmente iguais, formados por apenas uma sílaba, possam ter uma marcação de acento relevante se ela diferenciar, por exemplo, unidades lexicais, como o caso mostrado para o Mandarim no qual a seqüência de segmentos [ma] pode assumir quatro significados distintos a depender da freqüência – correlato acústico do tom – com a qual cada uma delas é produzida. Para o Yaathe, entretanto, não evidenciamos nada parecido. As unidades lexicais monossilábicas não formam pares mínimos em Yaathe.

Seria possível, em outro caso, que esses vocábulos recebessem uma marca de acento quando inseridos em unidades superiores às unidades lexicais. Estudos sobre a representação acentual em estruturas sintáticas mostram que monossílabos podem receber um acento condizente com sua função específica em sentenças (LADEFOGED, 2001). Essa função, entretanto, estaria relacionada a questões de ordem enfática, na qual uma palavra é pronunciada propositalmente com mais força a fim de chamar para si uma atenção especial dentro do contexto de fala. Esse caso, entretanto, não nos interessa por agora, uma vez que temos como foco o trabalho de determinação acentual do léxico em Yaathe e não das funções que podem ser atribuídas a ele quando inserido em estruturas lingüísticas mais complexas.

Ainda sobre monossílabos, para fins de análise, optamos por expor a seguir a listagem de dados coletados e uma análise feita para um dos aspectos que estamos estudando – a freqüência. Há uma justificativa clara para expormos esse estudo, mesmo assumindo não haver muita viabilidade. A intensidade e a duração, mesmo sendo dois dos condicionadores do acento, não possuem uma formulação tão complexa, como a que dispomos para a freqüência que, no nível fonológico, pode compor tons de nível ou de contorno. Palavras de uma sílaba podem trazer evidências desse comportamento lingüístico, mesmo que não tenhamos, necessariamente, unidades lexicais idênticas que possam formar pares mínimos na



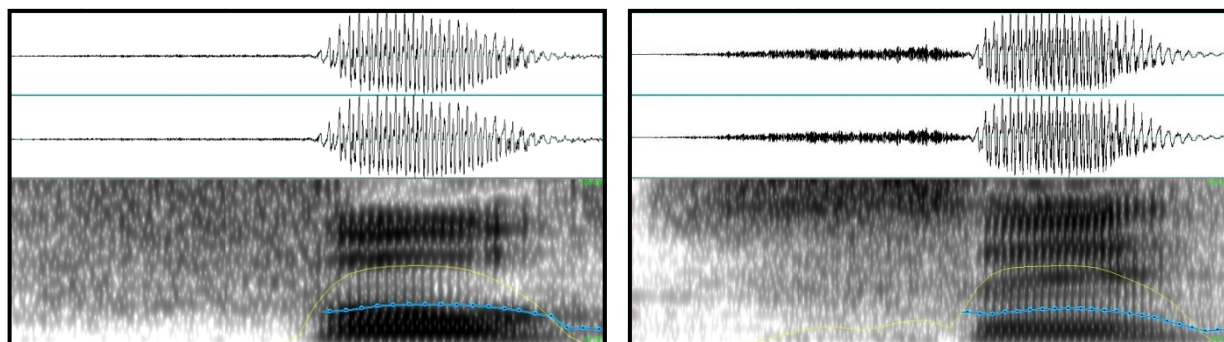
língua. No quadro a seguir, então, disponibilizamos algumas das palavras estudadas e logo a seguir uma análise sobre a frequência produzida para cada uma delas.

**Tabela 04** Palavras de uma sílaba

Nome	Transcrição Fonética	Nome	Transcrição Fonética
<i>frente</i>	[te]	<i>céu</i>	[tʃa]
<i>filho</i>	[ka]	<i>avó</i>	[si]
<i>corpo</i>	[k <sup>h</sup> e]	<i>irmão</i>	[ʃi]
<i>amigo</i>	[mti]	<i>perna</i>	[ʃo]
<i>marido</i>	[fo]	<i>sangue</i>	[tʃi]
<i>ele</i>	[sa]	<i>fim</i>	[dʒo]
<i>mato (substantivo)</i>	[se]	<i>cabelo</i>	[li]

As palavras da tabela 04, todas formadas por uma única sílaba, seguindo o modelo do padrão silábico definido em Costa (1999), mostram resultados semelhantes para a configuração da frequência. Em todas elas, a linha indicadora que mostra a sua realização tem início em um determinado ponto do espectrograma, o ponto que coincide especificamente com o início do som vocálico, e segue, gradativamente, perdendo força. Essa redução, se sabe, é resultado da diminuição da pressão sub-glótica. A forma das linhas que indicam a frequência, portanto, foi regular para todas as palavras. Na figura 06, abaixo, disponibilizamos um espectrograma gerado pelo PRAAT para as palavras [fo] *marido* e [se] *mato* com fins ilustrativos. A linha amarela indica a intensidade e a azul a frequência do som produzido:

**Figura 06** Espectrograma para as palavras [fo] *marido* e [se] *mato*



A intensidade de uma única sílaba e o tempo de produção utilizado pelos falantes na sua produção, apesar de poderem ser fisicamente medidos, são, metodologicamente, inclassificáveis, como já afirmamos, uma vez que a sua categorização depende diretamente da possibilidade de podermos comparar uma sílaba com as outras. Os aspectos prosódicos possuem valores relativos e uma sílaba só se define como forte ou fraca quando temos outra unidade comparativa. Como essas sílabas adjacentes não existem no mesmo item lexical, não há como classificá-las quanto aos parâmetros responsáveis pela atribuição do acento nas palavras da língua estudada. Para a frequência, mesmo fazendo uma análise mais detalhada, não foram encontradas evidências de que o Yaathe pudesse apresentar qualquer tipo de função específica atribuída ao tom, tendo em vista a recorrência de um mesmo padrão.

É possível encontrar em estudos específicos que tratam do comportamento acentual a afirmação de que determinadas línguas possuem monossílabos átonos e tônicos. Na verdade, para algumas teorias fonológicas, o acento não decorre apenas da combinação entre duas ou mais sílabas. Como o acento pode, em determinados sistemas lingüísticos, ser determinado com base no peso silábico, uma palavra formada por apenas uma sílaba, se composta por duas moras, seria classificada como tônica. Essa classificação, entretanto, não pode ser atribuída para o Yaathe, uma vez que iremos encontrar em palavras formadas por duas e três sílabas uma marcação acentual indiferente ao número de moras que as constituem. Entretanto, levando em conta que a análise mostrada é de base puramente fonética, optamos por reafirmar a não possibilidade de classificação acentual para monossílabos.

## **2.2 Palavras de duas sílabas**

As palavras estudadas nesta seção, formadas por duas unidades silábicas, foram analisadas levando em conta parâmetros de estudo acústico e mecanismos de análise fornecidos pelo PRAAT. Dessa maneira, frequência, intensidade e duração foram verificadas e o que segue, portanto, é uma descrição experimental dos dados submetidos à análise a fim de identificarmos qual ou quais correlatos são responsáveis pela definição do acento na língua estudada. Metodologicamente, separamos cada grupo de unidades lexicais – oxítonas e paroxítonas – para um estudo detalhado sobre suas representações prosódicas. Em seguida, faremos algumas considerações assumindo como referencial os pressupostos da Fonologia

Métrica, a fim de obtermos resultados mais claros e conclusões mais seguras que possam definir com maior clareza as regras de atribuição acentual do Yaathe para esse grupo específico que estamos estudando.

Para o *corpus* levantado, composto por 93 palavras, encontramos unidades lexicais cuja marcação acentual acontece tanto na última sílaba como na primeira. Para as palavras cuja sensação auditiva do acento é marcada na sílaba final – da esquerda para direita – a frequência permaneceu com a mesma configuração – baixa na primeira sílaba e alta na última, sofrendo uma pequena redução no final do som vocálico. Levando em conta esse aspecto, um provável caracterizador da forma de citação das palavras em Yaathe, uma vez que essa configuração permanece também nos outros casos que serão apresentados mais adiante, a atribuição do acento por meio da frequência não apresenta viabilidade, uma vez que, como já mencionamos, a sensação auditiva do acento ocorre em posição distinta daquela na qual a frequência apresenta o seu ápice.

A análise acústica, entretanto, evidenciou um papel relevante para a intensidade e, também, para a duração. Os dois aspectos, aparentemente, com o mesmo grau de importância. Para todas as palavras coletadas que apresentaram marca de acento logo no começo do vocábulo, a intensidade se mostrou mais forte na sílaba inicial, perdendo força no final dessas unidades. Em outras palavras, a maior emissão de energia ocorre na primeira sílaba em 100% dos casos estudados. A duração, também, evidenciou essa marcação, com uma porcentagem semelhante. Nesse contexto, podemos dizer que a intensidade e a duração funcionam, para os casos destacados, como correlatos principais na atribuição acentual. Vejamos a seguir, na tabela 05, como se dá essa relação de proeminência:

<b>Tabela 05</b>		Dissílabos paroxítonos
<b>Português</b>	<b>Yaathe</b>	<b>Correlato(s)</b>
<i>mosca</i>	[ <sup>1</sup> o.ʃa]	intensidade / duração
<i>dente</i>	[ <sup>1</sup> ta.ʃi]	intensidade/ duração
<i>dois</i>	[ <sup>1</sup> tkã.no]	intensidade / duração
<i>longe</i>	[ <sup>1</sup> ke.ʎa]	intensidade / duração
<i>último</i>	[ <sup>1</sup> u.ʃi]	duração
<i>carne</i>	[ <sup>1</sup> u.ʧi]	intensidade / duração
<i>mel</i>	[ <sup>1</sup> na.to]	intensidade / duração
<i>mar</i>	[ <sup>1</sup> ʃa.le]	intensidade / duração

<i>todos</i>	[ <sup>1</sup> naw.de]	intensidade / duração
<i>mão</i>	[ <sup>1</sup> k <sup>h</sup> o.ho]	intensidade / duração
<i>dois</i>	[ <sup>1</sup> tkã.no]	intensidade / duração
<i>palavra</i>	[ <sup>1</sup> a.tʃa]	duração
<i>novidade</i>	[ <sup>1</sup> ã.k'a]	duração
<i>rio</i>	[ <sup>1</sup> fu.li]	intensidade / duração

Levando em conta os pressupostos da teoria métrica do acento, podemos chegar a algumas conclusões preliminares, assumindo para isso o que já foi apresentado em termos de referencial acústico. Inicialmente, é possível afirmar, observando os dados da tabela acima, que esse grupo apresenta palavras com determinação do padrão rítmico troqueu – os vocábulos possuem pés binários dominantes à esquerda. Em outras palavras, quando forem formadas por duas sílabas, as palavras terão o acento localizado na primeira unidade silábica. Assumindo essa hipótese do ritmo troqueu para o Yaathe, entretanto, precisaremos formular, mais adiante, que tipo de regra estabelecerá a acentuação quando essas palavras dissilábicas forem acentuadas na margem direita. Se as regras de funcionamento da língua assumem o pé binário troqueu como sua regra básica de acentuação, precisamos formalizar as condições nas quais isso não ocorre. Vejamos, então, como se comporta o acento nas outras palavras também dissilábicas.

No segundo grupo, temos palavras formadas também por duas unidades silábicas, porém com marca acentual na última sílaba, formando, assim, vocábulos oxítonos. A configuração para a freqüência é idêntica à apresentada no primeiro grupo – baixa na primeira sílaba e alta na segunda, sofrendo uma pequena redução no fim da palavra – sendo que esse padrão permanece o mesmo, tanto para o estudo dos pares mínimos como nos casos de nativização, que serão apresentados nos capítulos seguintes. Por isso, mais uma vez, é inviável atribuir qualquer valor a esse aspecto, levando em conta que ele é sempre constante e a percepção acentual se modifica em termos de posição dentro das palavras. Para esse grupo, temos também a sensação auditiva do acento sendo marcada pela intensidade e pela duração, atuando integralmente na definição do padrão acentual. Com exceção de um único vocábulo em que apenas a intensidade define essa marca, sem que a duração exerça qualquer influência, e outros quatro em que a sensação auditiva é determinada somente pela duração, em todos os outros casos esses dois aspectos funcionam integralmente como correlatos. A tabela abaixo mostra esses dados.

**Tabela 06**

Dissílabos oxítonos

Português	Yaathe	Correlato(s)
<i>instrumento</i>	[sa.'ka]	duração
<i>filha</i>	[ka.'sa]	duração / intensidade
<i>bom</i>	[ka.'ka]	duração / intensidade
<i>goteira</i>	[t <sup>h</sup> ε.'t <sup>h</sup> ε]	duração / intensidade
<i>chefe</i>	[da.'tka]	duração / intensidade
<i>pai</i>	[it.'fe]	intensidade
<i>frente</i>	[i.'t <sup>h</sup> ε]	duração / intensidade
<i>porco</i>	[wa.'le]	duração
<i>arara</i>	[tul.'k <sup>j</sup> a]	duração / intensidade
<i>pedra</i>	[fow'a]	duração / intensidade
<i>traíra</i>	[t <sup>h</sup> o:.'fo]	duração / intensidade
<i>muito</i>	[e.'kla]	duração / intensidade
<i>cama</i>	[tfai.'a]	duração
<i>escorpião</i>	[t <sup>h</sup> u]..'k <sup>j</sup> a]	duração / intensidade
<i>diferente</i>	[tʃats'to]	duração

Na tabela acima, temos listadas palavras da língua Yaathe com acento marcado na posição final de cada item. Dentro desses padrões, portanto, assumimos que, para a definição acentual das palavras dissilábicas, essa língua utiliza como principais correlatos, em condições semelhantes de importância, a intensidade e a duração. Assim, assumindo caracterizações propriamente acústicas, existe, para esse grupo, uma maior emissão de ar nas sílabas que são acentuadas, que as tornam mais proeminentes na fluência da fala, do que as sílabas que não o são.

A duração, nesse contexto, é um aspecto que merece atenção e um devido cuidado. Não há regras que determinem até que ponto um segmento mais longo do que o outro trata necessariamente de um indicativo de marcação acentual ou tão somente da duração intrínseca do próprio segmento. Os limites em termos de processamento temporal são trabalhados em milésimos de segundos. Em alguns casos já apresentados, o segmento que ocupava o núcleo da sílaba e possuía maior duração não apontava para um caso de maior proeminência, sendo esta definida unicamente pela intensidade. Apesar de o PRAAT ser um programa muito utilizado para análises prosódicas, alguns pesquisadores apontam para a dificuldade de analisarmos com precisão esse aspecto, uma vez que delimitar precisamente onde inicia e termina cada segmento exige habilidade e cuidados extremos. Além de não termos nítidas as

fronteiras que delimitam cada unidade segmental, como coloca Massini-Cagliari (1992, p. 34), “há um momento em que o sinal acústico não é um segmento nem outro, mas os dois”. Por essa razão, é que indicamos a duração como um dos correlatos, mas com ressalvas. A análise se baseia em princípios metodológicos já apresentados, porém atentamos para a dificuldade de lidar com tal fenômeno.

Alguns aspectos importantes são evidenciados por meio dessa análise apresentada para as palavras da tabela 06. Temos, a princípio, para todas elas, pés binários do tipo iâmbico, sendo que, nesses casos, as sílabas que recebem o acento são todas classificadas como sílabas do tipo abertas – sem núcleo ramificado – como nos exemplos (1), (2) e (3), a seguir.

(1) [sa.'ka] *instrumento*

(2) [ka.'ka] *bom*

(3) [ta.'tʃa] *lenha*

Com relação às palavras da tabela 06, ainda, há casos em que a sílaba inicial é fechada e, mesmo assim, o acento não recai sobre ela. Esses dados confirmam a não sensibilidade do acento às sílabas desse tipo. Para a Fonologia Métrica, entretanto, pés do tipo iâmbico são sempre sensíveis ao peso silábico. Parece, portanto, não haver um fator determinante, dentro da Fonologia Métrica, que defina critérios precisos para que palavras de duas sílabas recebam acento na primeira ou na segunda unidade silábica.

Temos, entretanto, um fator corroborante para assumirmos que esse modelo rítmico iâmbico poderia ser o padrão para as palavras dissilábicas em Yaathe – a sua recorrência. No grupo de palavras estudado, o número de vocábulos oxítonos é superior ao de paroxítonos. Como encontramos, tanto na tabela 05 quanto na tabela 06, palavras que não são sensíveis ao peso silábico, parece não haver relevância em considerarmos o peso da sílaba na atribuição acentual. Assim, como vemos, o acento é marcado independentemente dessa estruturação.

Com base nas definições de Hayes (1994), o iâmbico seria um pé dominante à direita e sensível ao peso silábico, ou seja, sílabas fechadas que são definidas por possuir um segmento longo em posição de núcleo, um ditongo – crescente ou decrescente – ou um som consonantal em posição final, chamaria para si o acento da unidade lexical. Essa seria uma

restrição que explicaria o deslocamento do acento, mesmo quando uma regra primeira determinasse uma marcação contrária. Com esse princípio, poderíamos explicar porque palavras como em (4), (5) e (6), a seguir, recebem o acento na sílaba inicial.

(4) ['tʃas.kʲa] *tartaruga*

(5) ['u:.tʃi] *carne*

(6) ['naw.de] *todos*

O problema, entretanto, é que precisaríamos de outra regra que desse conta das palavras dissilábicas classificadas acidentalmente como oxítonas, mas com a sílaba da esquerda pesada, como vemos nos exemplos abaixo:

(7) [tat.'ka] *lajeiro*

(8) [tul.'kʲa] *arara*

(9) [dat.'ka] *chefe*

A teoria métrica, entretanto, não dispõe de recursos que dêem conta dessa questão. Poderíamos, então, levantar duas hipóteses: a primeira estaria relacionada à natureza das unidades lexicais. Como a escolha do significante utilizado para designar os significados na superfície envolve processos de ordem subjacente, poderíamos considerar que, nesses casos, o acento seria previamente determinado no léxico da língua. A segunda hipótese baseia-se no fato de o Yaathe ser uma língua inteirada com processos de derivação e composição no tocante à formação de palavras e, como sabemos, determinados prefixos e sufixos, quando integrados às raízes nominais, condicionam um movimento da posição do acento, que busca se ajustar adequadamente às regras de ordem prosódica que regem o seu funcionamento. Algumas palavras do Yaathe, como afirma Costa (1999), são resultados da fusão de morfemas lexicais que possuem acentos independentes. Quando essas formas se juntam para dar origem a uma nova unidade lexical, alguns processos ocorrem. Assim, um dos acentos é apagado e o

outro é mantido para que não haja quebra da regra de marcação rítmica. Exemplos dessa natureza são apresentados pela autora:

(10) ['feya] + ['tʃa] → [fẽ.ˈtʃa] = *sol*

(11) ['feya] + ['se] → [fey.ˈse] = *macaxeira*

O fato é que nem sempre essas formas de origem relacionadas ao processo de formação de palavras podem ser resgatadas. Muitas delas já se cristalizaram na língua de forma a não poder mais ser dissociadas em uma análise como a mostrada em (10) e (11). É fato, porém, que, se temos duas unidades lexicais distintas e elas se unem para criar um único signo lingüístico, a regra de atribuição do acento deve seguir de acordo com o planejamento interno desse sistema. Em um capítulo específico, no qual trataremos da relação do acento com questões de ordem morfológica, veremos mais claramente como boa parte dessas unidades lexicais tem sua representação prosódica explicada por meio desse nível de análise – a morfologia.

Para o grupo de palavras formado por duas sílabas, portanto, podemos concluir que a duração e a intensidade são os correlatos que determinam a aplicação acentual e, mesmo não encontrando regras específicas que definam quais as condições que determinam a posição do acento nesse grupo, podemos verificar, por meio de um levantamento percentual, que há a predominância do acento na margem direita das palavras que estudamos. Do total de vocábulos que foram selecionados para estudo, 63,5% são definidos como oxítonos, enquanto que somente 36,5% definem-se como paroxítonos. Temos, de fato, uma diferença significativa em termos de percentual, mesmo sabendo que os dados coletados não constituam uma representação significativa da língua para um estudo estatístico. Esse valor, entretanto, por si só, mostra-se como um bom indicativo e uma representação relevante de que o acento na margem direita da palavra pode ser tido como a forma padrão para o Yaathe em vocábulos de duas sílabas. Essa questão, porém, só será evidenciada ou contestada quando tivermos os resultados de outras palavras, que serão estudadas mais adiante, formadas por um número superior de unidades silábicas.



### 2.3 Palavras de três sílabas

As palavras formadas por três sílabas apresentam uma particularidade quando comparadas àquelas formadas por apenas uma ou duas unidades silábicas. A questão principal se coloca em termos de morfologia. As palavras em Yaathe são formadas, em grande parte, por processos de derivação e composição (COSTA, 1999). Sendo assim, boa parte delas pode ser decomposta em raiz e sufixo ou em duas unidades lexicais distintas e portadoras de significados independentes. Os vocábulos trissilábicos são mais recorrentes com relação a esse uso, apesar de podermos segmentar também as palavras dissilábicas. Estaria na relação com a morfologia, talvez, a explicação necessária para dar conta das regras de aplicação acentual que se mostram insuficientes quando levamos em conta apenas parâmetros da Fonologia Métrica. Faremos, porém, uma análise acústica, buscando identificar os correlatos que auxiliam na marcação acentual e, posteriormente, no capítulo específico, considerações que levam em conta critérios morfológicos, propriamente ditos.

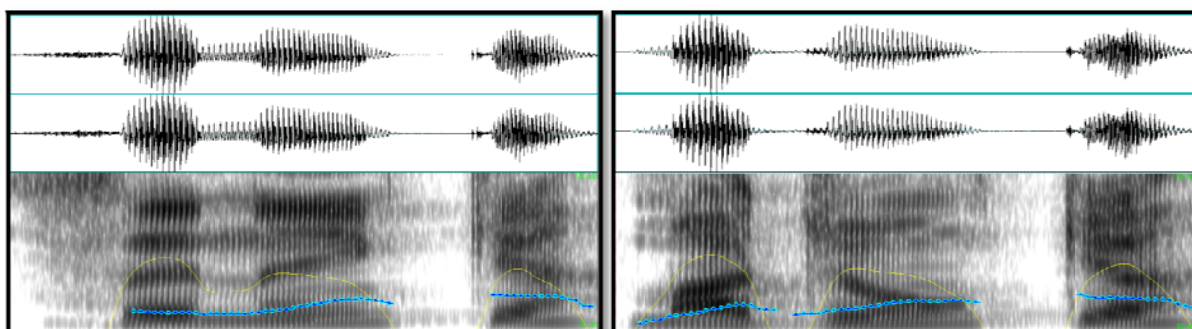
Seguindo a metodologia adotada para a definição do(s) correlato(s) acústico(s), trabalharemos com palavras escolhidas aleatoriamente, sem qualquer tipo de influência, tendo em vista o nosso interesse inicial em determinar primeiramente que correlatos condicionam a aplicação acentual. Posteriormente, tendo uma definição clara de quais são os aspecto(s) que físico(s) condiciona(m) essa realização e que posições são ocupadas por eles, trataremos exclusivamente das questões de ordem morfológica as quais acreditamos, tendo em vista a sua produtividade em várias outras línguas, serem responsáveis pela marcação acentual em contextos específicos.

No grupo estudado, de três sílabas, então, analisamos acusticamente 77 palavras do Yaathe. A marcação acentual básica pode ser definida em duas posições específicas: na penúltima sílaba das palavras – definindo um padrão paroxítono – e na última sílaba das palavras – definindo-as como oxítonas. Com exceção de um único caso, [ˈti.li.ʃi] *bonito* não foi encontrado qualquer outro vocábulo no qual o acento ocorresse na antepenúltima sílaba, portanto, apenas um caso de proparoxítona foi comprovado. Não encontramos, também, qualquer indício de que a frequência pudesse assumir um *status* na representação prosódica dessas palavras. A indicação dos gráficos é sempre de uma representação ascendente com uma pequena redução que coincide com término da palavra, algo que julgamos próprio da

forma de citação, na qual os dados foram coletados. A figura abaixo ilustra essa representação para as palavras [se.nẽ.kʲa] *coisa* e [ma.dʒõ.kʲa] *morcego*, respectivamente:

**Figura 07**

Espectrograma para as palavras [se.nẽ.kʲa] *coisa* e [ma.dʒõ.kʲa] *morcego*



A análise acústica das palavras paroxítonas, feita com base no estudo dos espectrogramas, indica a duração como principal correlato fonético para o acento desses vocábulos. Em todos os casos estudados, a sílaba que proporcionava uma maior percepção auditiva era também a sílaba mais longa. A intensidade, apesar de se mostrar mais proeminente em algumas sílabas auditivamente percebidas como as que portavam o acento daquela unidade lexical, o fizera de forma menos significativa que a já observada para as palavras dissilábicas. Em apenas dois dos casos, ela coincidiu com a posição forte, marcada como acentuada. Temos abaixo, na tabela 08, a representação de algumas dessas palavras submetidas a análise:

**Tabela 07**

Trissílabos paroxítonos

Português	Yaathe	Correlato(s)
<i>cachoeira</i>	[et.ʼfu.li]	duração
<i>índia</i>	[set.ʼsõ:kʲa]	duração
<i>coisa</i>	[se.ʼnẽ:kʲa]	duração
<i>morcego</i>	[ma.ʼdʒõ:kʲa]	duração

<i>lugar da gente</i>	[se.'ke.he]	duração
<i>guerra</i>	[ta.'saw.se]	duração / intensidade
<i>cantor</i>	[kle.'tʃa.ho]	duração / intensidade
<i>gavião</i>	[a.'wi.wi]	duração

As palavras que formam o grupo das oxítonas também definem a proeminência silábica com base na duração. Nesses casos, entretanto, mais do que no grupo das paroxítonas, as sílabas acentuadas são, em grande parte, produzidas também com uma maior emissão de energia, tendo, conseqüentemente, uma maior intensidade. Vemos a seguir, na tabela 09, uma lista dessas palavras.

**Tabela 08**

Trissílabos oxítonos

Português	Yaathe	Correlato(s)
<i>Ipanema</i>	[fɪ.li.'ka]	duração / intensidade
<i>feijão</i>	[na.tsa.'ka]	duração / intensidade
<i>solteiro</i>	[e:.de.'d <sup>w</sup> a]	duração
<i>nuca</i>	[k <sup>h</sup> lɛ.le.'k <sup>h</sup> a]	duração / intensidade
<i>gafanhoto</i>	[fli:.li.'a]	duração
<i>Deus</i>	[e:.dʒa.'d <sup>w</sup> a]	duração
<i>cidade</i>	[set.se.'ne]	duração / intensidade
<i>casal</i>	[tkã.ne.'wa]	duração / intensidade

Em dois casos específicos – [e:.de.'d<sup>w</sup>a] *solteiro* e [e:.dʒa.'d<sup>w</sup>a] *Deus* – os primeiros sons vocálicos são evidentemente mais longos quando comparados aos demais sons vocálicos das outras unidades silábicas. Como o alongamento se dá pela própria natureza do segmento ou, como já dissemos, como resultado de processos morfofonológicos, não há viabilidade em considerarmos essa questão. Uma evidência clara para esse posicionamento é o fato de esses sons mais longos não serem auditivamente percebidos como portadores de qualquer marcação acentual.

Levando em conta o aspecto produtivo, temos que do grupo de 77 palavras formado por três sílabas, 54,5% são oxítonas, 44% paroxítonas com um único caso de proparoxítona, que contabiliza 1,5% dos dados. Aliando essas informações estatísticas com as informações

apresentadas para as palavras de duas sílabas, parece evidente que há uma predominância em Yaathe das palavras que acentuam na última sílaba da unidade lexical.

## **2.4 Conclusões da análise**

É possível, levando em conta as análises apresentadas até o momento, na qual buscamos definir, com base em parâmetros acústicos, que aspectos físicos estão envolvidos na definição da marcação acentual em Yaathe, fazer algumas colocações sobre como intensidade, frequência e duração se organizam para que a proeminência silábica seja estabelecida nas unidades lexicais formadas por uma, duas e três sílabas, definindo, assim, as condições físicas de realização do acento em Yaathe.

Primeiramente, para as palavras constituídas de uma única unidade silábica, não podemos chegar a conclusões precisas a respeito dos correlatos porque, levando em conta o aspecto físico da descrição, é impossível qualificá-las sem que tenhamos, para isso, um parâmetro de comparação. Desse modo, mesmo depois de termos estudado cada uma das palavras apresentadas na listagem, nada pode ser dito de forma efetivamente significativa. Seria possível, entretanto, dentro de uma análise lexical, que os mesmos significantes apresentassem significados distintos quando percorridos por diferentes níveis de frequência, o que definiria um aspecto tonal para a língua estudada, o que, de qualquer forma, também não é o caso. Não encontramos em nossos dados qualquer indício de que a Yaathe poderia ser definida como uma língua tonal.

O grupo de palavras formado por duas sílabas apresenta uma formulação consistente em termos de como os correlatos responsáveis pelo estabelecimento do padrão acentual se comportam. Inicialmente, descartamos qualquer hipótese de que a frequência tenha um papel decisivo na forma como o acento se manifesta em Yaathe – pelo menos para palavras de duas sílabas. A configuração sempre ascendente, com maior realização na última unidade silábica de cada palavra e o fato de termos a sensação auditiva do acento variando, ora ocorrendo no início do vocábulo, ora no final, descarta qualquer possibilidade de atribuirmos a esse aspecto prosódico um *status* relevante. Intensidade e duração, por outro lado, apresentam resultados interessantes. Em um número considerável de palavras submetidas a estudo, a sílaba que

recebe o acento lexical é a que possui maior intensidade e o núcleo silábico mais prolongado. Nos poucos casos em que esses dois aspectos não atuaram conjuntamente, pelo menos um deles define a marca de acento. Esses casos, entretanto, formam um grupo relativamente restrito. Menos que 3% dos casos estudados.

Diante dos fatos observados, as palavras formadas por três sílabas também descartam qualquer hipótese de atribuição acentual relacionada à frequência que, como nas palavras formadas por duas sílabas, também se configura de forma ascendente. Cabe, portanto, à intensidade e à duração marcar as sílabas que são produzidas com uma diferença fonética que as tornem proeminentes em relação às demais sílabas. A análise, então, mostra que a intensidade e a duração atuam conjuntamente em algumas palavras e em outras somente a duração é responsável por definir o acento. Nesse grupo, ainda, apesar de termos três posições marcadas e passíveis de serem acentuadas, com exceção de uma única palavra classificada como proparoxítona, o acento ocorre apenas nas posições finais – penúltima e última sílaba. Dessa forma, temos basicamente e quase que somente a classificação de palavras oxítonas e paroxítonas para os dados coletados. Na tabela 10, abaixo, temos esquematizado os valores percentuais que apresentamos até o momento.

**Tabela 09**

Valores percentuais para oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

<b>Número de sílabas</b>	<b>Porcentagem de oxítonas</b>	<b>Porcentagem de paroxítonas</b>	<b>Porcentagem de proparoxítonas</b>
Duas sílabas	59 palavras (63,5%)	34 palavras (36,5%)	-
Três sílabas	42 palavras (54,5%)	34 palavras (44%)	1 palavra (1,5%)
Polissílabos <sup>6</sup>	8 palavras (34,7%)	15 palavras (65,3%)	-

Podemos afirmar, então, que as palavras em Yaathe formadas por até três unidades silábicas, são acentuadas respeitando um critério de aplicação prosódica que privilegia a intensidade e a duração dos segmentos, não atestando qualquer valor para a frequência. As posições marcadas ficam na margem direita das palavras, ocupando a última e a penúltima sílaba dessas unidades. Apesar de não encontrarmos regras claras que definam a atribuição acentual para esse grupo estudado, podemos ver, por meio de cálculos percentuais, que a forma oxítona mostra maior produtividade do que a paroxítona na língua e estas duas, por sua

<sup>6</sup> Polissílabos, apesar de citados na tabela 09, serão apresentados e discutidos mais adiante, no capítulo 3 que trata de o Acento e a Morfologia.

vez, mais produtividade que a proparoxítona. Somando as unidades lexicais formadas por duas e três sílabas em Yaathe e ainda as que são polissílabas, temos que 56,9% delas são marcadas como oxítonas enquanto que 42,5% como paroxítonas, havendo um único caso de proparoxítona, equivalente e 0,6%. Os monossílabos ficam de fora da contagem por não podermos definir foneticamente o seu *status* quanto à acentuação. A quantidade de dados de que dispomos, talvez, não seja suficiente para que cálculos dessa natureza possam determinar com precisão a preferência por uma forma acentual em detrimento da outra. Levando em conta, entretanto, os dados de que dispomos como um todo para fins de análise, parece consistente considerarmos que o padrão oxítono se mostra predominante, o que nos levaria a buscar regras que dessem conta de explicar as condições em que isso não ocorre.

## CAPÍTULO 3

---

### O ACENTO E A MORFOLOGIA

#### 3 Introdução

Para a análise de itens lexicais formados por duas ou mais sílabas em Yaathe, é importante que levemos em conta questões de ordem também morfológica, devido ao produtivo mecanismo de formação de palavras por meio, entre outros processos, de derivação e de composição. A formação de classes de palavras e o estabelecimento de suas funções podem ser determinados na língua estudada por sufixos específicos que são incorporados a uma raiz – derivação – ou palavras já constituídas que são agrupadas para significar novos conceitos – composição. A hipótese principal, baseada na análise de diversas línguas (HAYES, 1994), é de que determinados afixos, quando anexados a uma raiz, interferem, até certo ponto, no posicionamento do acento lexical. Nesse contexto, portanto, podemos dividir, metodologicamente, as palavras em dois grupos principais: aquelas constituídas de um único morfema – palavras sem estrutura morfológica – e aquelas cuja estrutura pode ser percebida pela sua segmentação, que permite identificar morfemas específicos que são afixados para a sua constituição. É importante notar que a tarefa de selecionar palavras sem estrutura morfológica em Yaathe não é fácil. Alguns processos podem estar cristalizados na língua de tal forma que já não poderíamos prever suas formulações. Um estudo de caráter morfológico mais aprofundado também sairia do objetivo principal da nossa proposta. Buscamos, entretanto, fazer um apanhado levando em conta estudos da morfologia do Yaathe, conforme já descrita em outras pesquisas (COSTA, 1999). Nesta seção, portanto, analisaremos as palavras do Yaathe formadas por duas, três ou mais sílabas nas quais podemos identificar os morfemas que as constituem e reconhecer sua estrutura interna.

Nas teorias contemporâneas, a compreensão dos fenômenos da linguagem envolve não somente o estudo de cada nível de análise que compõe o sistema estudado, mas também e, em alguns casos, principalmente, a interrelação entre esses constituintes. Convencionalmente, essa relação é definida com base em processos que são determinados pela hierarquia gramatical. Em linhas gerais, cada nível de análise, apesar de possuir sua própria organização e regras, responsáveis por definir cada um desses componentes, pode estar imbricado com outros níveis, criando uma rede complexa de relações. Esse contexto nos leva a assumir que, mesmo existindo regras internas que definem as premissas de cada nível de análise, os aspectos lingüísticos relacionados a cada um desses níveis será, em algum momento, definido pela forma harmônica como ele se relaciona aos outros níveis. É nesse contexto que termos como morfofonologia e morfosintaxe se estabelecem.

Estudos sobre o acento, nas várias línguas do mundo, apontam para a existência de uma relação definida entre a posição que ele ocupa nas palavras e a estrutura morfológica

existente. Por possuírem formas lexicais marcadas quanto à posição acentual, o Português e o Inglês se tornam exemplos claros dessa interação. O fato de termos o Yaathe como uma língua predominantemente fusionante, na qual as unidades lexicais são formadas por processos principalmente de afixação, direciona esse estudo também para uma análise que leva em conta o condicionamento morfológico na aplicação acentual. Assim, verificamos como o acento se comporta nos casos mais produtivos de derivação. Para que pudéssemos dar andamento à pesquisa, portanto, selecionamos palavras que apresentam estrutura morfológica que pode ser percebida dentro de critérios puramente morfológicos. Esse estudo poderá fornecer evidências mais claras sobre como o acento pode ou não ser condicionado por fatos da morfologia.

### **3.1 Palavras com estrutura interna**

Com base em um levantamento feito nos materiais já publicados sobre o Yaathe, selecionamos palavras formadas por duas, três ou mais sílabas cuja estrutura morfológica pode ser identificada. Listamos esse grupo e analisamos acusticamente o seu comportamento acentual. Assim, poderemos verificar, de um ponto de vista comparativo, se entre essas unidades lexicais e as que não possuem uma estrutura interna, a aplicação acentual se define distintamente ou não. Esse método de análise poderá evidenciar aspectos importantes do sistema acentual, caso uma relação com a morfologia venha a ser atestada.

A análise que efetuamos, de início, aponta para uma característica já presente nos outros estudos apresentados em capítulos anteriores – a padronização da marcação de frequência. Em todas as palavras submetidas a estudo, temos uma frequência mais baixa na primeira sílaba das unidades lexicais, que ascende gradativamente até o seu final. Assim, mais uma vez, tendo em vista que a percepção auditiva de acento nesse grupo varia em termos da posição que ocupa na palavra, não podemos atribuir a esse aspecto um papel fonológico. Pelo menos, não em termos de análise lexical. Destaca-se, entretanto, a forma como duração e intensidade se comportam nas sílabas que são auditivamente percebidas com proeminência acentual.

Optamos, então, por selecionar itens lexicais cuja formação incluía a afixação de morfemas específicos e que também mostravam produtividade na língua. Assim,



selecionamos palavras com enquadramento em determinadas categorias e analisamos o comportamento acentual em cada uma delas. Na discussão que segue, veremos como se efetua a organização prosódica nas categorias determinadas: número – *singular e plural* – gênero – *masculino e feminino* – adjetivos terminados em /wa/, agentes terminados em /ho/ e outros casos para os quais não encontramos definições específicas sobre o seu *status* como morfema, mas que influenciam sistematicamente na forma como o acento se comporta nas palavras em que são inseridos.

### 3.1.2 Número

A expressão de número em Yaathe é efetuada por dois morfemas. Nos casos de palavras que indicam o valor singular, a representação é não-marcada, tendo por isso um morfema zero /ø/ e, nos casos de plural, a marcação é feita pelo acréscimo do sufixo /-sato/ às raízes nominais. A análise consiste, basicamente, na comparação entre palavras na forma de singular com palavras na forma de plural. Para esse estudo, selecionamos itens lexicais com padrão acentual já definido e, em seguida, comparamos as duas formas de número já mencionadas. O interesse principal, já dissemos, é verificar se o acento que em uma palavra no singular recai em uma posição determinada é modificado devido ao processo de afixação do morfema e, em caso afirmativo, buscar depreender as regras que controlam esse funcionamento.

Inicialmente, levando em conta o fato de termos um mecanismo econômico no que diz respeito à marcação de número em Yaathe, não se faz necessário um levantamento de dados que sejam, por assim dizer, mais elaborados em termos da escolha para o *corpus*. O léxico que serve de base para esse estudo leva em conta apenas e necessariamente as posições marcadas pelo acento em cada unidade lexical. Sendo assim, focamos o estudo em nomes do Yaathe cuja marcação acentual os define ou como palavras oxítonas ou como paroxítonas. As proparoxítonas, ao que parece, não formam uma classe produtiva na língua, como já vem sendo mostrado nesse trabalho.

O estudo, portanto, seguiu com base em dois procedimentos básicos. O primeiro deles é focado na análise acústica, por meio da qual procuramos a localização do acento em

palavras na forma de singular, que é expressa pelo morfema zero /ø/ e, ainda, o correlato responsável por tal marcação. Levando em conta a verificação acústica, temos que duração e intensidade, aliados, contribuem para atribuir proeminência à sílaba acentuada das palavras analisadas. Chegamos aos seguintes resultados para esse grupo estudado, como mostrado nos exemplos que seguem.

- |     |                              |                  |
|-----|------------------------------|------------------|
| (1) | [ɔts.'ka]                    | <i>homem</i>     |
| (2) | [tʃ <sup>h</sup> lɛ.'ka]     | <i>árvore</i>    |
| (3) | [se.ke <sup>j</sup> .ni.'ho] | <i>professor</i> |
| (4) | [wa.'le]                     | <i>porco</i>     |
| (5) | [se:.'to]                    | <i>pássaro</i>   |
| (6) | ['o.ʃa]                      | <i>mosca</i>     |

O segundo passo, seguindo as orientações metodológicas do trabalho, foi verificar como se dava o comportamento acentual, de um ponto de vista também acústico, nas palavras da listagem apresentada acima, quando colocadas na forma de plural. As indicações claramente expressas por meio da análise acústica, levando em conta também questões de ordem auditiva, apontam para um aspecto lexicalmente marcado nesse grupo de palavras selecionadas, quando apresentadas em sua forma pluralizada. A duração e a intensidade atuam conjuntamente para definir a posição do acento nessas unidades lexicais. Os resultados são postos na listagem a seguir.

- |      |                                    |                    |
|------|------------------------------------|--------------------|
| (7)  | [ɔts.ka.'sa.to]                    | <i>homens</i>      |
| (8)  | [tʃ <sup>h</sup> lɛ.ka.'sa.to]     | <i>árvores</i>     |
| (9)  | [se.ke <sup>j</sup> .ni.ho.'sa.to] | <i>professores</i> |
| (10) | [wa.le.'sa.to]                     | <i>porcos</i>      |
| (11) | [se:.to.'sa.to]                    | <i>pássaros</i>    |
| (12) | [o.ʃa.'sa.to]                      | <i>moscas</i>      |

Observa-se, portanto, que o morfema de número plural, independentemente da forma lexical a que se une para indicar o número dos nomes submetidos a estudo – seja ele um vocábulo oxítono ou paroxítono – condiciona o posicionamento do acento, que se desloca para a margem direita da palavra, ocupando, em todos os casos apresentados, a sílaba inicial do morfema estudado /sato/. Algumas observações, entretanto, podem ser feitas a fim de reafirmarmos de que maneira, nos casos estudados, o aspecto morfológico se torna um condicionador fundamental para a atribuição do acento.

Os estudos feitos apontam, em todos os casos, para uma aplicação acentual que não leva em conta a representação prosódica dos itens lexicais estudados quando passam da forma singular para a forma plural. Em outras palavras, quando um vocábulo é oxítono, a exemplo do que pode ser visto em /ɔts.'ka/ *homem*, a aplicação do morfema de plural ocorre fazendo com que a regra de aplicação acentual seja determinada por fatores morfológicos, sem qualquer indício de que a palavra na forma singular possa exercer influência nessa aplicação. Sendo assim, para esse vocábulo, temos a seguinte representação de grade métrica, seguindo o modelo de Hayes (1994) e, usando uma forma diferenciada, na qual o acento define o padrão paroxítono para a palavra, mostramos também o modelo da grade métrica para o vocábulo /'o.ʃa/ *mosca*:

**a)**

				*		<b>Linha 2</b>
	*		*	*		<b>Linha 1</b>
*	*	*	*	*	*	<b>Linha 0</b>
ɔts	'ka	ɔts	ka	'sa	to	

**b)**

				*		<b>Linha 2</b>
	*		*	*		<b>Linha 1</b>
*	*	*	*	*	*	<b>Linha 0</b>
'o	ʃa	o	ʃa	'sa	to	

As grades métricas apresentadas acima mostram como, nesses casos, independentemente da representação prosódica indicada no vocábulo em sua forma singular, a questão de aplicação acentual respeita critérios mais fundados na morfologia do Yaathe do que regras que seriam propriamente fonológicas. Nesses casos, portanto, seguindo uma tendência evidenciada em vários sistemas lingüísticos, encontramos para o Yaathe mais um fator corroborante para dizermos, pelo menos em parte, que a representação prosódica em unidades de base puramente lexical é resultado da interação entre o nível fonológico e morfológico, pelo menos.

### 3.1.3 Gênero

A categoria de gênero, inicialmente, apesar de apresentar, na maioria dos casos, formas supletivas para o gênero feminino, possui quatro formas principais nas quais podemos simplificar o uso desse aspecto:

Masculino, não marcado /ø/.

[wale]                    *porco*

[sekejniho]            *professor*

[jaded<sup>w</sup>a]                *menino*

Feminino, marcado sufixalmente por /ne/, /so/ e / )kja/.

wale – ne                → *porca*

seke<sup>l</sup>niho – so → *professora*

jaded<sup>w</sup>a – )kja → *menina*

Para essa análise, assumindo a maior produtividade na língua Yaathe das formas /ne/ e /neka/, essa última passando por determinados processos morfofonológicos e assumindo a

forma /k<sup>h</sup>a/, trataremos esses morfemas com atenção especial nesta secção. Levando em conta o carácter comparativo, uma vez que temos para o gênero masculino uma representação não marcada, com morfema zero /ø/ e todos os casos de gênero feminino com a afixação de morfemas específicos, mostraremos primeiramente a disposição acentual nos casos sem marca de morfema e, em seguida, aqueles cujo morfema define o gênero feminino, verificando, assim, como o acento se comporta nesses ambientes.

O grupo de palavras selecionadas, como veremos mais adiante, conta com vocábulos oxítonos e paroxítonos, ressaltando mais uma vez a possível pouca produtividade das formas proparoxítonas em Yaathe. Esses resultados são evidenciados por meio de análise acústica que aponta para a determinação da intensidade e duração atuando como correlatos na marcação acentual dessa língua. A listagem que segue é composta por palavras do gênero masculino, tendo, por essa razão, a representação de um morfema zero.

- |      |                           |                       |
|------|---------------------------|-----------------------|
| (13) | [wa.'le]                  | <i>porco</i>          |
| (14) | [its.'de]                 | <i>tio</i>            |
| (15) | [ta.'t <sup>h</sup> o]    | <i>inimigo</i>        |
| (16) | [ <sup>h</sup> ta.de]     | <i>sogro</i>          |
| (17) | [i.fi.'dʒa]               | <i>valente (masc)</i> |
| (18) | [ <sup>h</sup> ʃi]        | <i>irmão</i>          |
| (19) | [le.fe.ti.'a]             | <i>boi</i>            |
| (20) | [ <sup>h</sup> he.sa]     | <i>grande (masc)</i>  |
| (21) | [e.'so]                   | <i>outro</i>          |
| (22) | [e.'mti]                  | <i>amigo</i>          |
| (23) | [ya.de.'d <sup>w</sup> a] | <i>menino</i>         |
| (24) | [mu.'la.ti]               | <i>mulato</i>         |
| (25) | [set.'so]                 | <i>índio</i>          |
| (26) | [kle.'tʃa.ho]             | <i>cantor</i>         |
| (27) | [iak.'ka]                 | <i>sobrinho</i>       |

Podemos dividir esse grupo de palavras levando em conta o tipo de morfema que é afixado em cada uma dessas unidades lexicais para indicar o gênero feminino. Como o gênero masculino em Yaathe é marcado por um morfema zero /ø/, a sua representação acentual é definida com base em parâmetros de ordem não-morfológica. Dentro desse contexto, veremos como as palavras que recebem os morfemas /ne/ e / )kʲa / se comportam em termos de acentuação.

### 3.1.3.1 Gênero feminino com morfema /ne/

No caso das palavras que utilizam o /ne/ como morfema de gênero, é possível apontar dois comportamentos principais no que diz respeito a sua aplicação. Primeiramente, de um ponto de vista fonético, as palavras oxítonas, quando recebem esse morfema, têm o seu último som vocálico nasalizado devido ao processo de assimilação de traços. Essa questão, entretanto, é meramente fonética e em nada parece interferir no que diz respeito à aplicação acentual. Morfológicamente, entretanto, o morfema /ne/ parece causar um tipo de mudança na classificação acentual, uma vez que as palavras ‘originalmente’ oxítonas recebem o morfema, mas mantêm a posição do acento na sílaba final da palavra ainda no gênero masculino. Levando em conta esses dados, poderíamos concluir que o acento é indiferente à representação morfológica, não interpretando a sílaba do morfema com uma sílaba válida para a aplicação prosódica nessas palavras. O fato é que palavras paroxítonas no gênero masculino, modificam a posição do acento quando no gênero feminino que é direcionado para a sílaba que antecede o morfema /ne/. Dessa forma, como podemos ver na lista de palavras que segue, a afixação do morfema cria uma nova unidade lexical com marcação acentual distinta da palavra formada quando no gênero masculino e com recorrência do acento na penúltima sílaba dessas unidades:

- |      |               |                |
|------|---------------|----------------|
| (28) | [wa.'lẽ.ne]   | <i>porca</i>   |
| (29) | [its'dẽ.ne]   | <i>tia</i>     |
| (30) | [ta:.'tʰõ.ne] | <i>inimiga</i> |
| (31) | [ta.'dẽ.ne]   | <i>sogra</i>   |

- (32) [i.ʃi.'dʒa.ne]                      *valente (fem)*  
 (33) ['ʃi.ne]                                      *irmã*  
 (34) [le.fe.ti.'a.ne]                      *vaca*  
 (35) [e.'sõ.ne]                              *outra*  
 (36) [em.'tĩ.ne]                              *amiga*  
 (37) [iak.'kã.ne]                              *sobrinha*

### 3.1.3.2 Gênero feminino com morfema / )k<sup>i</sup>a/

Outros nomes da língua, entretanto, utilizam para a formação do gênero feminino o morfema /neka/ que, como resultado do processo de alongamento compensatório, realiza-se pela forma / ~k<sup>i</sup>a/, como veremos nos exemplos. O comportamento acentual não é distinto do que já apresentamos para o morfema /ne/. Simplificadamente, quando as palavras na forma de gênero masculino recebem esse morfema específico, o acento, independente do fato de sua forma inicial ser oxítone ou paroxítone, recai, de forma sistemática, na sílaba que antecede esse morfema. Nesse caso, ainda, selecionamos palavras marcadas como paroxítonas quando no gênero masculino, a fim de verificarmos se o acento de fato permaneceria na raiz nominal ou, levando em conta a segunda hipótese, se ele, respeitando uma possível regra de aplicação acentual de caráter morfológico, deslocava-se para a fronteira do morfema. Listamos abaixo alguns exemplos estudados.

- (38) [ia.'de.d<sup>w</sup>a]                      *menino*  
 (39) [mu.'la.ti]                              *mulato*  
 (40) [set.'so]                                      *índio*  
 (41) [kle.tʃa.'d<sup>w</sup>a]                      *cantor*

O estudo aponta para uma representação prosódica recorrente em todas as formas analisadas, ocorrendo o acento, para todos os casos, na sílaba final da unidade lexical

estudada, que antecede o morfema de gênero feminino anexado. Essa representação ignora o acento da palavra quando no gênero masculino, uma vez que, independente da sua classificação quanto à forma oxítônica ou paroxítônica, não interfere na representação final quando a ela são afixados os morfemas de gênero feminino. Na listagem que segue, mostramos exemplos dessa relação entre representação prosódica e morfologia atestada para esses casos sob estudo:

- (42) ia.'de.d<sup>w</sup>a + <sup>h</sup>k<sup>j</sup>a → [ia.de'do):k<sup>j</sup>a] *menina*  
(43) mu.'la.ti + <sup>h</sup>k<sup>j</sup>a → [mu.la.'ti):k<sup>j</sup>a] *sogra*  
(44) set.'so + <sup>h</sup>k<sup>j</sup>a → [set.'so):k<sup>j</sup>a] *índia*  
(45) kle.'tʃa.d<sup>w</sup>a + <sup>h</sup>k<sup>j</sup>a → [kle.tʃa.'do):k<sup>j</sup>a] *cantora*

Tendo em vista a classificação acentual dessas palavras como paroxítonas quando no gênero masculino, fica descartada a hipótese de que o acento permaneceria na mesma posição quando essas palavras são passadas para o gênero feminino. O deslocamento da proeminência silábica indica que, mesmo que a acentuação não seja marcada sobre o morfema estudado, parece haver, morfológicamente, um condicionamento no qual essa proeminência aparece sempre na última sílaba da raiz nominal.

### 3.1.4 Adjetivos

A classe de adjetivos em Yaathe pode ser definida por meio de sufixos específicos que identificam a sua função gramatical na língua. Além desses, entretanto, há ainda os adjetivos que aparecem com forma lexical já marcada, não dispondo, por essa razão, de uma identificação em termos puramente de morfologia. O primeiro grupo, portanto, morfológicamente marcado, apresenta, por essa razão, mecanismos mais evidentes de classificação. Em Costa (1999), os adjetivos morfológicamente marcados do Yaathe podem ser divididos basicamente de duas formas: os adjetivos que são derivados de nomes, com



marcação sufixal em /ja/, que pode variar para as formas /-a/, /-ʔa/ ou /-wa/, e aqueles expressos por meio de expressões adjetivais codificadas pelas formas /ka/ e /dowa/.

A metodologia adotada para o estudo desse grupo de palavras tem por base a seleção de itens lexicais que são classificados como adjetivos em Yaathe, assumindo, para isso, as descrições prévias das categorias gramaticais da língua. Levando em conta a produtividade das formas terminadas em /ja/, /wa/ e /dowa/, o grupo de adjetivos que recebe essa marca de sufixo forma o *corpus* de base para esta seção de estudo. Veremos inicialmente formas adjetivais provenientes de verbos e, em seguida, as formas cuja base se estabelece nos nomes da língua. Tendo em vista a distinção marcada entre verbos e nomes, um estudo separado dessas classes derivacionais pode ser mais vantajoso.

#### 3.1.4.1 Adjetivos provenientes de verbos e nomes

Os adjetivos em Yaathe provenientes de construções verbais são formados acrescentando-se à raiz verbal o morfema formador de adjetivos. A regra, basicamente, segue a estrutura abaixo:

Verbo Ind. → raiz verbal + ka      Ex: dē:ne.ka *assustar*

Adjetivo → raiz verbal + d<sup>w</sup>a      Ex: dē:ne.d<sup>w</sup>a *assustador*

As palavras derivadas da classe verbal foram analisadas com o auxílio do PRAAT e, *grosso modo*, parece existir uma padronização na forma como o acento é distribuído entre essas unidades lexicais. Em todos os casos estudados, a sensação auditiva de acento parece recair sobre o morfema adjetival. Como esse não é o único critério que utilizamos, tendo em vista o referencial de análise acústica, o núcleo silábico do morfema referido também possuía a maior duração quando comparado aos demais núcleos das outras unidades silábicas. Temos, portanto, seguindo esse estudo, a seguinte representação para esse grupo de palavras estudadas:

(46) [de:ne.<sup>1</sup>d<sup>w</sup>a]      *assustado*

(47)	[e.di.'d <sup>w</sup> a]	<i>descascado</i>
(48)	[e.'d <sup>w</sup> a]	<i>cheio</i>
(49)	[e.fi.ti.'d <sup>w</sup> a]	<i>caído</i>
(50)	[e.he.'d <sup>w</sup> a]	<i>sepultado</i>
(51)	[ei.se.'d <sup>w</sup> a]	<i>escolhido</i>
(52)	[eis.ni.'d <sup>w</sup> a]	<i>puxado, arrastado</i>
(53)	[e.li.'d <sup>w</sup> a]	<i>farto, saciado</i>
(54)	[k <sup>h</sup> u.k <sup>h</sup> i.'a]	<i>ocupado</i>
(55)	[lew.ne.'d <sup>w</sup> a]	<i>calado</i>
(56)	[mi.ne.'d <sup>w</sup> a]	<i>apertado</i>
(57)	[o:.le.'d <sup>w</sup> a]	<i>afastado</i>
(58)	[phu:.ne.'d <sup>w</sup> a]	<i>partido</i>
(59)	[sa.ke.tʃa.'d <sup>w</sup> a]	<i>unido</i>
(60)	[to.dõ.'d <sup>w</sup> a]	<i>assado</i>
(61)	[tol.ne.'d <sup>w</sup> a]	<i>seguro</i>
(62)	[du.ma.ne.'dwa]	<i>belo</i>

Na listagem apresentada, todas as palavras possuem um padrão acentual oxítono, no qual a percepção auditiva desse elemento é marcada pela duração. Na forma verbal de origem, que termina em /ka/<sup>7</sup>, no tempo presente, o morfema é o portador do acento lexical e, ao que parece, o mesmo ocorre quando o morfema que define o adjetivo é afixado à raiz do verbo. Antes, porém, de apontarmos para um condicionamento claro sobre a posição que o acento ocupa nesse grupo específico de palavras, veremos alguns casos nos quais os adjetivos derivam de nomes, em que a representação acentual é a mesma.

(63)	[e.de.'wa]	<i>verde de fruta</i>
(64)	[e.di.di.'t <sup>w</sup> a]	<i>poderoso, forte</i>
(65)	[e.fli.do.'wa]	<i>limpo</i>
(66)	[ef.tõ.do.'a]	<i>salgado</i>

<sup>7</sup> A forma de citação dos verbos em Yaathe é o que tem sido descrito como o Modo Indicativo: raiz + ka.

(67)	[ej.lɛ.'a]	<i>branco</i>
(68)	[fe'.s <sup>w</sup> a]	<i>descalço</i>
(69)	[fe.'t <sup>w</sup> a]	<i>canhoto</i>
(70)	[kfaf.do.'a]	<i>adormecido</i>
(71)	[e.ʃi.'dʒ'a]	<i>corajoso</i>
(72)	[tu.si.'a]	<i>azedo</i>

Temos também, nesse caso, palavras marcadamente oxítonas definidas, dentro de padrões acústicos, com base na duração do segmento. Essa descrição, entretanto, é, por assim dizer, conflituosa. Apesar de termos encontrado uma forma de marcação acentual que parece ser restrita a uma única posição dentro da unidade lexical, o que nos permitiria afirmar que o morfema indicador da classe de adjetivo define a representação prosódica do Yaathe, encontramos problemas no que se refere à definição do correlato acústico dessas palavras. A questão se coloca basicamente pelo fato de termos vocábulos com proeminência de intensidade não coincidindo com a vogal mais longa da palavra, o que provoca, até certo ponto, uma indefinição do ponto de vista auditivo. Como já mostramos, intensidade e duração parecem atuar conjuntamente para que a percepção de acento seja captada pelo ouvido. Em poucos casos, tivemos apenas um desses correlatos atuando isoladamente. Foi preciso, por isso, utilizar critérios mais eficientes que nos auxiliassem nessa definição.

Primeiramente, optamos por considerar o correlato daquelas palavras que não levantaram qualquer tipo de dúvida quanto a sua marcação acentual como o correlato padrão e, em todas elas, a duração era o correlato principal que definia a aplicação do acento. Em segundo lugar, as evidências apresentadas nos capítulos anteriores mostram que o Yaathe tende a acentuar na posição final, optamos, portanto, pela marcação que recai sobre a última sílaba da palavra. Deixamos claro, entretanto, que essa classificação é complexa e as evidências que temos para qualquer tipo de afirmação não são suficientes.

No Dicionário de IATÊ, de Aluizio Caetano de Sá (2000), por exemplo, a formulação para a aplicação do acento em adjetivos provenientes de verbos é simples. Como regra geral, a forma verbal de indicativo perde o morfema /ka/, portador do acento dessa unidade lexical, e à raiz é acrescido o morfema formador de adjetivo. Nesse processo, o acento cai uma posição e a nova classe formada é definida como paroxítona. Essa regra, entretanto, levando em conta o referencial de análise acústica de que dispomos, parece não ser

válida para todos os casos que analisamos. Em palavras como [du.ma.ne.'d<sup>w</sup>a] *belo*, [de:.ne.'d<sup>w</sup>a] *assustado* ou ainda [eis.ni.'d<sup>w</sup>a] *puxado*, por exemplo, apesar de termos, com base no dicionário referido, palavras com marcação acentual na penúltima sílaba, devido ao processo já explicado, encontramos na análise acústica evidências de que a marcação acentual para essas e outras palavras as classificariam como oxítonas, tendo, portanto, a maior proeminência na sílaba que representa o morfema adjetival.

### 3.1.5 Agente em /ho/

A língua Yaathe, marcadamente fusionante, define a categoria de agente por meio do processo de afixação do morfema /ho/ a uma raiz verbal, da mesma forma que ocorre com os adjetivos da língua. Assim, podemos formular a regra para a forma de agente anexando a uma raiz verbal esse morfema específico, como temos abaixo representado.

Verbo:	raiz verbal - ka	Ex: ejs.ni.'ka - <i>puxar</i>
Nome de agente:	raiz verbal - ho	Ex: ejs.ni.'ho - <i>aquele que puxa</i>

Levando em conta essa formulação, portanto, analisamos o comportamento acentual nas palavras que formam a classe de agente em Yaathe. O estudo, dentro da mesma orientação, aponta para dois comportamentos específicos, que determinam a classificação acentual em palavras oxítonas e paroxítonas. Em nenhum dos casos, tivemos evidências de que algum dos vocábulos estudados fosse uma palavra proparoxítona ou com marcação de acento antes da antepenúltima sílaba.

Do ponto de vista acústico, as sílabas que recebem o acento principal das palavras agentivas são proeminentemente marcadas na língua, em grande parte, por atuação conjunta da duração e intensidade, sendo esses, portanto, seus correlatos principais. Do total de palavras estudadas, as que são acentualmente marcadas pela intensidade e duração totalizam 66,6% das palavras. Em alguns casos, entretanto, a sílaba acentuada é também aquela marcada somente pelo maior prolongamento do som vocálico que ocupa a posição de núcleo.

Esse último caso, entretanto, ocorre com menor frequência – 33,3% dos casos – tendo em vista que a maioria das palavras que foram submetidas à análise é acentualmente definida pela duração e intensidade simultaneamente.

Em termos de classificação, o estudo aponta para a formação de palavras oxítonas e paroxítonas na língua, não apresentando, como já mencionamos, qualquer caso de palavra proparoxítona. Do grupo estudado, aproximadamente 26% delas recebem o acento na última sílaba, enquanto que os 74% restante o recebe na penúltima. Mostramos abaixo uma lista das palavras que compõem a menor parte da representação indicada e algumas considerações a seu respeito. Em seguida, veremos como o acento ocorre no maior grupo, o das paroxítonas.

- |      |                         |                              |
|------|-------------------------|------------------------------|
| (73) | [tet.'ho]               | <i>aquele que faz</i>        |
| (74) | [eis.ni.'ho]            | <i>aquele que sabe</i>       |
| (75) | [k <sup>h</sup> et.'ho] | <i>aquele que fofoca</i>     |
| (76) | [lew.ne.'ho]            | <i>aquele que silencia</i>   |
| (77) | [sa.na.ne'ho]           | <i>aquele que se amostra</i> |
| (78) | [kej.ni.'ho]            | <i>aquele que ensina</i>     |

Com base no que se observa acima, é possível afirmar que o acento das palavras recai sobre o morfema agentivo. Não podemos, entretanto, afirmar que essa é uma regra válida para todos os outros casos do Yaathe, uma vez que temos, como veremos mais adiante na próxima lista, uma quantidade superior de palavras desse mesmo grupo que acentua na penúltima sílaba. Se, de alguma forma, a marcação acentual nesse grupo for definida com base em parâmetros morfológicos, precisamos encontrar regras que definam essa aplicação. A hipótese de que o acento recai sobre o morfema parece não ser válida, uma vez que se aplica apenas a um grupo restrito de palavras. Na listagem que segue, dispomos algumas unidades lexicais que são acentuadas na penúltima sílaba e pertencem à mesma categoria de agente:

- |      |                 |                            |
|------|-----------------|----------------------------|
| (79) | [de.'wẽ.ho]     | <i>aquele que deve</i>     |
| (80) | [sa.'fi.'ne.ho] | <i>aquele que descansa</i> |
| (81) | [e.dzi.'ne.ho]  | <i>aquele que ilumina</i>  |
| (82) | [e.'few.ho]     | <i>aquele que mata</i>     |

(83)	[e.'fle.ho]	<i>aquele que acaba</i>
(84)	[e.fli.'dõ.ho]	<i>aquele que limpa</i>
(85)	[ef.'ni.ho]	<i>aquele que olha</i>
(86)	[eh.'dã.ho]	<i>aquele que espanca</i>
(87)	[ej.'ko.ho]	<i>aquele que paga</i>
(88)	[e.'ki.ho]	<i>aquele que tira</i>
(89)	[ek.'ni.ho]	<i>aquele que entrega</i>
(90)	[ek.'de.ho]	<i>aquele que sabe</i>
(91)	[fej.'tõ.ho]	<i>aquele que trabalha</i>
(92)	[fo.'ẽ.ho]	<i>aquele que pesca</i>
(93)	['kfẽ.ho]	<i>aquele que crê</i>
(94)	['taj.ho]	<i>aquele que cozinha</i>
(95)	['saw.ho]	<i>aquele que briga</i>
(96)	[tuj.'ne.ho]	<i>aquele que queima</i>

Considerando os exemplos acima, podemos dizer que a maioria das palavras que designam agentes de ações específicas é classificada como paroxítona. O fato de elas derivarem de formas verbais é um fator que requer o conhecimento da organização prosódica dessas formas específicas para que possamos compreender mais claramente se há ou não alguma relevância quando o morfema de agente é afixado à base verbal. Optamos, metodologicamente, por não tratar nesse estudo da classe de verbos, tendo em vista o seu aspecto flexional complexo que, *a priori*, exigiria um estudo particularizado, o qual julgamos não ser determinante na análise proposta. Como não temos essa base, entretanto, torna-se mais complicado definir parâmetros que dêem conta da posição do acento nesse grupo ora examinado.

Levando em conta uma análise baseada nos princípios da Fonologia Métrica, por exemplo, teríamos problemas em postular formulações precisas porque, se considerássemos as palavras paroxítonas como padrão, tendo em vista a sua recorrência, não teríamos como explicar os casos de oxítonas com regras precisas. O mesmo também ocorreria no caso inverso. Sabemos, entretanto, que os verbos no modo indicativo do Yaathe, aqueles que terminam com o morfema /ka/ no presente e na forma de citação, possuem o acento lexical na

última sílaba, sendo marcado, portanto, no morfema citado. Assumindo que os nomes de agentes derivam dessa forma verbal, não encontramos também qualquer formulação do ponto de vista morfológico que estabeleça que tipo de regra é aplicada para que algumas palavras sejam paroxítonas enquanto que outras oxítonas.

O fato é que em 74% das palavras estudadas o acento ficou localizado na fronteira de morfema, o que poderia ser um indicativo de que há, mesmo sem evidências mais explícitas, uma relação entre a posição do acento e a formulação morfológica subjacente. O acento vem se mostrando recorrente para um elevado número de palavras na última sílaba da raiz verbal, independente do número de sílabas que ela possua – duas, três ou quatro. Não sabemos até que ponto determinados processos podem estar envolvidos com o nível prosódico da língua e até onde isso também pode interferir no mecanismo de aplicação acentual. Alguns autores chamam a atenção para o fato de que as línguas, por estarem em constante processo de mudança, podem apresentar em momentos específicos de estudo formas concorrentes, sendo que por um mecanismo natural (ou social) de seleção uma delas vai prevalecer. De qualquer forma, esse grupo específico de palavras apresenta outra dificuldade quando levamos em conta a sua classificação acentual. Como já dissemos, alguns casos foram problemáticos quanto à definição da sílaba tônica e seu correlato.

### **3.1.6 Outros casos**

Alguns morfemas em Yaathe, apesar de possuírem formas específicas, como veremos logo mais, parecem não apresentar uma sistematicidade, ocorrendo tanto em palavras classificadas dentro das categorias de nomes e verbos, como também adjetivos, entre outros. Com isso, parece não haver uma representação de significado única, uma vez que esses morfemas podem determinar, a depender da raiz à qual será afixado, classes distintas. Há, entretanto, aspectos recorrentes em termos de marcação acentual. Encontramos, assim, uma recorrência da forma como as palavras que os possuem são acentuadas, parecendo haver uma relação direta entre elas e alguma referência morfológica que não se mostra muito evidente na língua. Um exemplo claro que constata essa afirmação pode ser visto na listagem que segue, composta por palavras classificadas tanto como nomes e adjetivos como também como verbos e conjunções em Yaathe:

(97)	[ma.'dʒõ.kʲa]	<i>morcego</i>
(98)	[ 'ã.kʲa]	<i>novidade</i>
(99)	[saj.'ã.kʲa]	<i>desigual, irregular</i>
(100)	[se.'nẽ.kʲa]	<i>história</i>
(101)	[set'sõ:kʲa]	<i>índia</i>
(102)	[ 'sõ:kʲa]	<i>alvorecer</i>
(103)	[ 'tõ:kʲa]	<i>como? (diga outra vez)</i>
(104)	[ja.de.'dõ:kʲa]	<i>menina</i>
(105)	[ 'dʒõ:kʲa]	<i>panela</i>
(106)	[a.'lã:kʲa]	<i>atrasar</i>
(107)	[ 'dã:kʲa]	<i>atear fogo</i>
(108)	[e.'dʒã:kʲa]	<i>errar</i>
(109)	[e.'fẽ:kʲa]	<i>viver</i>

Na lista acima, temos palavras pertencentes a categorias gramaticais distintas. Todas elas, entretanto, apresentam características semelhantes no que diz respeito à representação prosódica e, ao que parece, características também semelhantes em termos de morfologia, mesmo que estas não sejam ainda claras e bem explicitadas. Levando em conta a estrutura lexical dessas unidades, é possível observar que todas elas terminam com a mesma seqüência de segmentos / )kʲa/ sempre precedida de uma vogal nasal longa. Em todas elas, ainda, temos também a mesma marcação acentual. Os sons que antecedem esse morfema, marcados como nasais, recebem o acento principal da palavra em todos os casos de que dispomos, independente do número de sílabas que compõem a palavra ou da categoria gramatical à qual ela pertence.

A forma de morfema / )kʲa/ é apresentada no trabalho de Costa (1999), que apresenta algumas evidências sobre o seu *status* morfológico na língua. Essa autora detalha um processo de alongamento compensatório no qual há o apagamento do som consonantal /n/, porém com estabilidade do traço [+ nasal]. Como forma de compensar esse apagamento, a vogal precedente é alongada para incorporar a unidade de tempo da nasal elidida. O processo se dá, em termos de formulações, da seguinte forma:



- /wa.le.ka.ne.ka/ → [wa.le.'kã:k'a] *zombar*
- /ti.li.ʃi.ne.ka/ → [ti.li.'ʃi:k'a] *estar bonito*

Temos, basicamente, dois morfemas – /ne/ e /ka/ – que, mediante um processo morfofonológico, passam a constituir uma única unidade significativa. O que parece, entretanto, é que esse processo que envolve questões tanto da fonologia como da morfologia, condiciona também a configuração acentual das unidades lexicais, atingindo, assim, outro nível da constituição hierárquica na qual enquadrados o funcionamento dos sistemas lingüísticos – o nível auto-segmental ou prosódico. A evidência mais clara desse fenômeno é o fato de termos sempre a marca de acento no início desse morfema, considerando, para isso, o traço nasal como seu constituinte.

### 3.1.7 Conclusões da análise

A intenção de estudo sobre a morfologia do Yaathe e uma possível relação entre ela e a representação acentual é motivada, em grande parte, pelo fato de termos na língua um produtivo processo de formação de palavras caracterizado como fusionante. Esse processo, em vários sistemas lingüísticos, aponta para um condicionamento da posição que o acento ocupa dentro das unidades lexicais. Não poderíamos, portanto, excluir essa análise do nosso trabalho. Levando em conta toda a discussão já apresentada, podemos afirmar que, de fato, temos em Yaathe uma relação evidente entre a marcação acentual e o nível de análise morfológico. Em linhas gerais, o acento tende a recair sobre o morfema que indica determinada função, como nos casos de número /sato/, no qual a proeminência é marcada no início do morfema de plural ou, em casos como de agente, no qual o acento recai, em grande parte, sobre a sílaba que antecede o morfema formador de nome de agente /ho/.

Um aspecto importante evidenciado pela análise de categorias morfológicas é que em grande número das palavras que são classificadas como paroxítonas a motivação parte de morfemas que condicionam a posição do acento para a penúltima sílaba desses vocábulos estudados. Evidências são apresentadas mais claramente nas classes de gênero masculino e

feminino e nos casos de singular e plural quando as palavras com morfema zero ( $\emptyset$ ) são oxítonas.

Diante dos fatos observados, temos evidências que uma análise puramente fonológica não daria conta da aplicação acentual em Yaathe, levando em conta o fato de só morfologicamente podermos explicar determinadas realizações do acento. As categorias apresentadas nessa pesquisa, obviamente, não são todas as categorias encontradas na língua. Um estudo futuro, mais detalhado, abrangendo outras categorias, pode rever aspectos que foram aqui apontados e, assim, fornecer evidências de se as nossas postulações são coerentes ou não.

## CAPÍTULO 4

---

### SUPOSTOS PARES MÍNIMOS REVISITADOS

#### 4 Pares Mínimos

O acento, além de desempenhar funções de ordem rítmica nas línguas, organizando ordenadamente as seqüências de sílabas que são produzidas com uma maior emissão de energia e as sílabas que não o são, é responsável também, no caso de estudos lexicais, pela distinção que pode ser atribuída a vocábulos segmentalmente iguais, porém diferentes no que diz respeito às suas representações prosódicas. Várias línguas, a exemplo do Português, Inglês, Italiano, Espanhol, etc., utilizam esse recurso para diferenciar palavras do ponto de vista do significado e as línguas indígenas, em particular, são recorrentes com relação a esse uso.

Na literatura sobre o Yaathe, há afirmações, segundo Meland e Meland (1967) e Lapenda (1968), de que ela seria uma língua tonal, ou seja, que estabeleceria a distinção entre determinadas palavras da língua por meio de variações na cadeia melódica que, de um ponto de vista físico, são o resultado de mudanças na produção do pitch. Contudo, os dados que são apresentados com o intuito de respaldar essa hipótese, são dados que não obtivemos nas pesquisas de campo. Além da escassez de exemplos, os pares que são citados na literatura então informada não foram da mesma forma fornecidos pelos informantes da pesquisa atual. Levando em conta, portanto, o conhecimento que os falantes possuem sobre a língua estudada e os materiais dos quais dispomos para consulta – teses, dicionário e outros tipos de pesquisa

– selecionamos palavras que pareciam, pelo menos em um primeiro momento, semelhantes de um ponto de vista segmental e distintas de um ponto de vista prosódico, para que pudéssemos analisá-las detalhadamente e determinar, conseqüentemente, que parâmetro ou parâmetros físicos seriam responsáveis por tal diferenciação no que envolve a produção desses vocábulos estudados.

Partindo da hipótese que as palavras de que dispomos são iguais, pelo menos em termos de segmento, o estudo se baseia na análise dos aspectos que são condicionadores da realização do acento nas línguas naturais – intensidade, freqüência e duração. Por se tratar de uma análise de caráter acústico, veremos como esses correlatos se comportam nas palavras estudadas levando em conta o aspecto de produção, focando nossa análise nas variações que são apresentadas quando comparamos um vocábulo com outro cuja representação segmental é idêntica. A nossa lista ficou composta de sete pares, os quais são apresentados e analisados a seguir. (Ver tabela 10) Para fins de simplificação, a exposição de argumentos segue de acordo com as semelhanças apresentadas para cada possível par mínimo indicado. Assim, poderemos ver mais claramente a metodologia aplicada.

**Tabela 10**

Pares mínimos

<b>Representação Segmental</b>	<b>Significado 1</b>	<b>Significado 2</b>
[e.t <sup>h</sup> o]	<i>rosto</i>	<i>avô</i>
[se.a]	<i>urina</i>	<i>moça</i>
[ta.ke]	<i>roupa</i>	<i>nele</i>
[ta.t <sup>h</sup> a]	<i>culpa</i>	<i>bico</i>
[ta.tʃa]	<i>lenha</i>	<i>espírito</i>
[to.le]	<i>com</i>	<i>toré</i>
[sa.de]	<i>coitado</i>	<i>é mesmo</i>

Dos sete pares de palavras encontrados, podemos simplificar os resultados em grupos principais cuja distinção é marcada 1) pela duração, 2) pela intensidade, 3) por duração e intensidade e 4) um caso em que não há uma marcação evidente que possa levar a conclusões de ordem prosódica, como sugerido inicialmente. Segmentamos as seções seguintes de acordo com cada aspecto indicador de mudança.

#### 4.1 Duração

A seqüência de segmentos [e.t<sup>h</sup>o] e [sa.de] apresentam, em linhas gerais, a mesma representação, tanto para a intensidade, como para a freqüência nas duas palavras que cada uma significa. Em [e.t<sup>h</sup>o], inicialmente, a intensidade é mais baixa na sílaba inicial de cada palavra significada e alta na sílaba final. A mesma configuração, também, é apresentada para a freqüência, baixa na primeira sílaba e alta na segunda. Para a seqüência de segmentos [sa.de] a primeira sílaba, tanto em *coitado*, como em *é mesmo* apresenta uma maior intensidade quando comparada à última sílaba, sendo a freqüência mais proeminente nas sílabas finais. As tabelas 11 e 12, a seguir, disponibilizam os níveis de intensidade e freqüência, respectivamente, para cada ápice silábico dos pares estudados:

<b>TABELA 11</b>	Intensidade para [e.t <sup>h</sup> o] e [sa.de]	
<b>Palavra</b>	<b>Intensidade 1<sup>a</sup> sílaba</b>	<b>Intensidade 2<sup>a</sup> sílaba</b>
[e.t <sup>h</sup> o] <i>rosto</i>	69,15 dB intens.	72,05 dB intens.
[e.t <sup>h</sup> o] <i>avô</i>	68,20 dB intens.	69,59 dB intens.
[sa.de] <i>coitado</i>	76,08 dB intens.	70,74 dB intens.
[sa.de] <i>é mesmo</i>	78,08 dB intens.	68,92 dB intens.

<b>TABELA 12</b>	Freqüência para /e.t <sup>h</sup> o/ e /sa.de/	
<b>Palavra</b>	<b>Freqüência 1<sup>a</sup> sílaba</b>	<b>Freqüência 2<sup>a</sup> sílaba</b>
[e.t <sup>h</sup> o] <i>rosto</i>	129,97 Hz freq.	172,98 Hz freq.
[e.t <sup>h</sup> o] <i>avô</i>	125,72 Hz freq.	164,92 Hz freq.
[sa.de] <i>coitado</i>	127,98 Hz freq.	168,56 Hz freq.
[sa.de] <i>é mesmo</i>	174,91 Hz freq.	184 74 Hz freq.

Para os dois pares apresentados, apesar de não haver modificação na representação da intensidade e de freqüência, encontramos uma variação significativa em um dos elementos indicadores de aspectos prosódicos – a duração. Nesses dois casos citados, [e.t<sup>h</sup>o] e [sa.de], tendo em vista que a duração segmental é o único elemento que se diferencia, podemos dizer

que o alongamento do segmento vocálico, por ser o único aspecto com representação distinta quando comparamos as duas palavras de mesma representação, é que determina a mudança de significados entre as palavras analisadas, formando assim, dois pares mínimos.

A variação no tempo de produção dos segmentos vocálicos que pertencem a uma unidade silábica pode conduzir, a depender do sistema lingüístico e sua organização interna, a contrastes de significado vocabular. É o que se verifica na análise dos pares mínimos acima expostos. Em [e.t<sup>h</sup>o] *rosto*, o tempo de produção do primeiro som vocálico é de 0.115598 segundos. Para esse mesmo som da palavra que designa *avô*, a duração segmental ultrapassa o dobro desse valor, medindo 0.247657 segundos de duração. O mesmo fato mostrado acima é observado para [sa.de]. Quando designa *coitado*, o som vocálico da primeira sílaba tem um tempo de duração de 0.141896 segundos. Para significar a expressão *é mesmo*, esse valor quase que dobra, atingindo a margem de 0.269600 segundos. Do ponto de vista auditivo, a variação na duração desses segmentos permite-nos fazer a seguinte marcação acentual, representada em 1 e 2, a seguir:

- (1) [ˈe.t<sup>h</sup>o] → *avô*  
[e.t<sup>h</sup>o] → *rosto*
- (2) [ˈsa.de] → *é mesmo*  
[sa.ˈde] → *coitado*

Com relação à duração, entretanto, algumas colocações são importantes tendo em vista que, inicialmente, temos apenas uma representação fonética das palavras coletadas. Costa (1999) compartilha da mesma idéia apresentada por Meland e Meland (1967) de que não há, no Yaathe, segmentos longos no nível fonológico. Isso implica dizer que a distinção não seria, de fato, marcada pelo alongamento do segmento. O argumento utilizado é o de que as vogais longas são resultado de processos morfofonológicos que se cristalizaram na língua ao longo da sua história. Para COSTA (1999):

Entretanto, no momento sincrônico, a maioria destas [vogais longas] passou a fazer parte do sistema fonológico da língua, desde que, embora não criem contrastes, ocorrem sem motivação evidente, quer dizer, sem que se possa predizer estas ocorrências, em um bom número de palavras da língua e, basicamente, nas mesmas posições em que são permitidas as vogais breves correspondentes. (COSTA, 1999, p.56.).

Mesmo que a duração não estabeleça a distinção entre os vocábulos com função de marca acentual, sendo apenas o resultado de processos morfofonológicos, como apontam pesquisas já concluídas (COSTA, 1999), a afirmação de que ela não cria contraste pode ser, até certo ponto, descartada, tendo em vista os exemplos apresentados acima e o atual *status* desses segmentos no quadro de vogais da língua. A depreensão da estrutura interna de [e.t<sup>h</sup>o] e [sa.de], de que não dispomos neste momento, poderia trazer respostas mais seguras para esses processos combinatórios.

O fato é que precisamos saber discernir também quando o alongamento de um segmento vocálico é resultado de processos de ordem gramatical e quando ele é produzido com função de marcar numa seqüência de sons aquele cuja produção emana maior energia articulatória, definindo, assim, a unidade acentual da palavra. Nos casos estudados, apesar de termos uma distinção clara entre cada palavra marcada apenas pelo alongamento do som vocálico, tendo em vista a sua predição com base no que já foi descrito a respeito do sistema de sons do Yaathe, parece que levando em conta o aspecto funcional, a duração desses pares analisados não seria resultado do processo de marcação prosódica. Não poderíamos, portanto, dizer que os pares de palavras constituem pares mínimos pela sua natureza acentual e sim, tão somente, por estarmos tratando de segmentos diferentes.

A descrição do sistema de consoantes e vogais do Yaathe que utilizamos como base para esse estudo, aponta para a aplicação no sistema da língua tanto dos sons [a] e [e], como dos seus equivalentes alongados, [a:] e [e:]. E é isso que explica a descrição feita por Costa (1999). Assim, teríamos, como já mencionado, um par mínimo, porém com a distinção sendo realizada por diferenças na natureza de cada segmento, e não na duração enquanto aspecto de marcação acentual.

## **4.2 Intensidade**

Dos pares de palavras selecionados, três apresentaram configuração por meio da qual poderíamos atribuir a distinção de significado à variação de intensidade. Os pares de palavras formados pelas seqüências de segmentos [ta.t<sup>h</sup>a], [ta.tʃa] e [to.le], mesmo mantendo uma

representação semelhante para a frequência, baixa na sílaba inicial e alta na final, sofrem modificações no que diz respeito ao nível de intensidade de cada sílaba analisada, como podemos ver na tabela 13, que segue.

**TABELA 13**

Intensidade para /ta.t<sup>h</sup>a/, /ta.tʃa/ e /to.le/

Palavra	Intensidade 1ª sílaba	Intensidade 2ª sílaba
[ta.t <sup>h</sup> a] <i>culpa</i>	76,90 dB intens.	71,91 dB intens.
[ta.t <sup>h</sup> a] <i>bico</i>	72,65 dB intens.	76,47 dB intens.
[ta.tʃa] <i>espírito</i>	75,71 dB intens.	73,40 dB intens.
[ta.tʃa] <i>lenha</i>	73,04 dB intens.	77,26 dB intens.
[to.le] <i>com</i>	72,92 dB intens.	68,68 dB intens.
[to.le] <i>toré</i>	67,52 dB intens.	69,86 dB intens.

Os valores da tabela 13 mostram que o que diferencia uma seqüência segmental da outra em termos de análise acústica é a variação de intensidade. Enquanto que para uma das representações a intensidade é mais forte na primeira sílaba, para a outra a marca de proeminência se dá na sílaba final. Levando em conta a não variação dos outros aspectos estudados – frequência e duração – podemos atribuir à intensidade a responsabilidade por tal diferenciação de significado. As medidas de duração para os pares estudados não são relevantes, uma vez que há uma grande proximidade entre os valores. Nesse caso, precisamos levar em conta que, mesmo quando a variação existe, ela precisa ser significativa para estabelecer uma caracterização que seja perceptível em termos de análise acústica. Nesse grupo, portanto, podemos afirmar, pelo menos com base em informações de caráter físico, que a intensidade é que determina a sensação auditiva da realização do acento, sendo, por isso, o correlato responsável pela diferenciação de significados. Temos abaixo, em 3, 4 e 5 a marcação acentual para esse grupo de palavras levando em conta a análise que propomos:

(3) [ˈta.t<sup>h</sup>a] → *culpa*  
       [ta.t<sup>h</sup>a] → *bico*

(4) [ˈta.tʃa] → *espírito*

- [ta.'tʃa] → *lenha*
- (5) ['to.le] → *com (preposição)*
- [to.'le] → *toré*

### 4.3 Duração e intensidade

Em um único caso, encontramos um par de palavras cuja distinção prosódica é definida conjuntamente pela duração e intensidade. Os significados conduzidos pela seqüência segmental [sea], possuem marcação acentual em posições distintas, sendo essa marcação definida por um maior prolongamento da vogal que constitui o núcleo da sílaba e um maior nível de intensidade também identificado nessas mesmas unidades. Representamos abaixo, no exemplo 6, a marcação indicada:

- (6) ['se.a] → *urina*
- [se.'a] → *moça*

### 4.4 Caso sem identificação

Os pares de palavras selecionados foram coletados e identificados como possíveis pares mínimos levando-se em conta o conhecimento inato que os informantes possuem sobre a língua Yaathe. Na listagem apresentada, entretanto, um par de palavras, após analisado, não mostrou qualquer tipo de variação nos aspectos possíveis – intensidade, frequência e duração – para que pudéssemos atribuir a diferença de significado a algum desses elementos de ordem prosódica.

Para o significante [ta.ke], as duas palavras significadas – *roupa* e *nele* – apresentaram maior intensidade e frequência na sílaba final, sendo a duração irrelevante nesse caso pela proximidade existente entre elas. A sensação auditiva indica também uma acentuação marcada na última sílaba para os dois casos. Com base nesses dados, portanto,



poderíamos afirmar que esse par submetido à análise não forma um par mínimo ideal, uma vez que não há nenhum traço que possa marcar a diferença de significados entre as palavras. É evidente, porém, que de um ponto de vista auditivo existe uma distinção entre elas. Essa diferença, ao que parece, seria apenas de qualidade vocálica. O último som vocálico analisado na produção de *nele* é marcado por uma queda mais acentuada da frequência, o que seria, provavelmente, um indicativo de redução da pressão sub-glótica. A razão para esse acontecimento, possivelmente, se baseia no fato de o advérbio *nele* ser a junção de dois morfemas com significados distintos. Dessa forma, quando justapostos, apenas uma dessas unidades mantém a proeminência. Não temos, portanto, um par mínimo formado.

#### **4.5 Conclusões da análise**

A observação dos pares analisados conduz a algumas conclusões a respeito da língua Yaathe e da sua organização prosódica. Inicialmente, nos casos em que a modificação de significado é condicionada por variações de duração, a duração no tempo de produção desses segmentos não pode ser considerada um aspecto de ordem prosódica porque ela é resultado direto de processos morfofonológicos. Levando em conta aspectos de descrição morfofonológica, então, o alongamento do som vocálico nos casos especificados seria resultado de processos gramaticais, não havendo ligação alguma com a marcação prosódica. Parece conveniente, assim, considerarmos que os sons vocálicos mais longos, mesmo que resultados de processos morfofonológicos, estariam agora, no momento sincrônico da língua, instaurados como um elemento distintivo. Assim, seria possível atribuímos à duração um aspecto funcional, contrastivo, portanto. É fato, como já evidenciamos, que esse contraste está relacionado a aspectos de natureza apenas segmental, não havendo relação alguma com a marcação de acento.

O estudo, ainda, nos leva a outra conclusão. Apesar de as afirmações de que o Yaathe é uma língua tonal, ou seja, uma língua que usa variações de frequência – pitch – com função distintiva entre itens lexicais, nada foi evidenciado no trabalho que nos levasse a essa conclusão. Inicialmente tivemos dificuldade para conseguir na coleta de dados as mesmas palavras que foram apresentadas como pares mínimos em outros estudos. Em todos os casos estudados, o valor da frequência era sempre ascendente – baixo na primeira sílaba e alto na

segunda. Temos, portanto, um único elemento atuando determinadamente nesse processo de mudança de significado, a intensidade – e um único caso em que a marca de acento, além de apresentar maior intensidade, possui também maior duração no segmento acentuado. A intensidade, que em algumas análises apresentadas, como para as palavras formadas por duas sílabas, já indica um *status* importante, foi o correlato identificado para a determinação da mudança de significado em alguns dos casos apresentados.

A utilização de acento com função lexical nas línguas é, como já mencionamos, algo recorrente. O reconhecimento dos aspectos prosódicos e de sua organização, entretanto, é uma questão fugidia. O objetivo primeiro da pesquisa é identificar os traços prosódicos foneticamente para que possamos, por meio desse estudo, estabelecer que critérios são utilizados para que a intensidade, frequência e duração se agrupem em um arranjo sistemático que possa trazer informações sobre a organização acentual do Yaathe. Definir essa organização levando em conta um número reduzido de dados não é tarefa fácil. As conclusões a que podemos chegar podem estar fundadas em bases não tão sustentáveis. Assumiremos, por essa razão, os dados apresentados como um todo, para fim de análise, mas tendo em mente que as argumentações expostas seriam mais uma fonte de indícios para estudos posteriores, baseados em uma nova coleta, do que, necessariamente, conclusões fechadas a respeito do aspecto estudado.

## CAPÍTULO 5

---

### NATIVIZAÇÃO: O PAPEL DOS EMPRÉSTIMOS

#### 5 Nativização

A nativização é o processo por meio do qual uma língua qualquer adapta ao seu acervo lexical palavras pertencentes a outro sistema lingüístico. Tal empréstimo se justifica pela necessidade que a língua tem de expressar em seus enunciados novos conceitos. Estudos sobre casos de nativização, entretanto, mostram que o empréstimo não é feito integralmente, ou seja, a palavra emprestada passa por determinados processos de adaptação ao ser incorporada à nova língua. O uso de vocábulos estrangeiros em um dado sistema é feito por meio da adaptação deles a regras determinadas que governam a língua receptora.

Para o Yaathe, especificamente, o Português é a língua de contato que serviu, em determinados momentos, como referencial para o processo de nativização. Nesse contexto, os itens lexicais incorporados à língua sofrem adaptações de ordem fonética e também morfológica. Nesta secção, buscamos compreender como os empréstimos vindos do Português se comportam em termos de prosódia. Buscamos, em outras palavras, verificar que estratégias são utilizadas pela língua estudada para atribuir o acento às palavras vindas do Português. Partindo do princípio de que a observação dos processos de nativização é considerada uma fonte de evidências sobre o comportamento da gramática da língua receptora, poderemos encontrar informações mais claras sobre o funcionamento do aspecto estudado. A partir de então, poderemos mostrar, caso sejam identificados, aspectos do sistema acentual do Yaathe revelados pelos processos de nativização.

Dispomos, para essa análise, de dezoito palavras da língua Yaathe que são reflexo do contato da mesma com o Português. Levando em conta que trataremos agora de um estudo de base comparativa, serão considerados aspectos de análise do acento também na língua portuguesa. Aspectos estes, salientamos, de base acústica, uma vez que nossa pesquisa se destina à investigação dos correlatos fonéticos que determinam a marcação acentual em Yaathe.

### **5.1 O Acento em Português**

O acento lexical em Português é um tema que vem despertando o interesse dos pesquisadores e, conseqüentemente, motivando uma série de estudos que buscam compreender quais critérios são utilizados para a aplicação acentual em tal língua. Nesse sentido, diferentes teorias fonológicas vêm sendo aplicadas e os estudos apontam algumas hipóteses para a atribuição acentual. O nosso foco, entretanto, está direcionado para os aspectos de caráter acústico que fazem com que os falantes dessa língua percebam o acento em determinada sílaba das palavras que pertencem ao seu acervo lexical.

Para Massini-Cagliari (1992, p.38) “os principais correlatos do acento em Português são (em ordem decrescente de importância): duração, intensidade e qualidade vocálica”. Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir a análise acústica das palavras do Português que serviram de empréstimo para o Yaathe. Com esse resultado, poderemos comparar os ápices silábicos, identificar seus correlatos e, em seguida, fazer um estudo comparativo a fim de verificarmos até que ponto o aspecto prosódico é mantido ou, caso sofra modificações, que possível regra poderia dar conta de tal alteração. Apesar de já conhecermos onde ocorre a marcação de acento nas palavras estudadas, precisamos determinar quais aspectos físicos são utilizados para marcar a proeminência atribuída a cada uma delas. Esse parâmetro nos permitirá não somente verificar onde, de fato, a acentuação ocorre, mas também se o Yaathe, caso adote o padrão acentual do Português, faz uso dos mesmos correlatos.

Inicialmente, coletamos dados de um falante nativo do Português brasileiro. Para fins de análise, cada palavra que serviu de empréstimo para a língua estudada foi coletada e gravada três vezes. Tendo em vista que já conhecemos previamente a posição das sílabas acentuadas, o nosso foco se volta para a definição específica do seu correlato, uma vez que mais de um aspecto físico pode ser responsável por essa determinação.

### 5.1.1 Correlato do acento em Português

O estudo se baseia em uma lista de dados composta por dezoito palavras. Desse grupo, onze são formadas por duas sílabas, outras seis por três sílabas e uma é polissílaba. Para as palavras formadas por duas unidades silábicas – *arroz, bode, facção, favor, febre, feira, graças, hora, papel, pobre e pote* – tivemos variações não sistemáticas para a frequência, que ora se mostrava baixa na sílaba acentuada, ora alta, o que não permite fazermos qualquer menção a sua relação com a posição do acento. A intensidade, também, não apresentou muita sistematicidade. Em algumas gravações se mostrava proeminente na primeira sílaba de uma palavra enquanto que na segunda ou terceira gravação da mesma esse valor era maior no final do vocábulo estudado. Tivemos, contudo, uma padronização relacionada à duração dos segmentos vocálicos. Enquanto que para a frequência e a intensidade das sílabas acentuadas havia variação sem qualquer regularidade, para a duração tivemos um prolongamento do som vocálico nas sílabas previstas como acentuadas no Português. Definimos, portanto, para os vocábulos formados por duas unidades silábicas, que o correlato fonético que define a proeminência acentual para esse grupo específico é a duração.

No grupo de palavras formadas por três sílabas – *domingo, garapa, igreja, inferno, laranja e mulato* – temos todas as unidades lexicais classificadas como paroxítonas em relação à marca acentual. Para todas elas, também, se repete a mesma configuração que vimos acima para as palavras de duas sílabas. Não parece haver sistematicidade para a produção da frequência e da intensidade, que oscilam sem qualquer regularidade dentro dessas unidades lexicais. Dessa forma, a sílaba identificada como sílaba tônica ora possui uma intensidade alta, ora uma intensidade baixa, sendo que o mesmo é verificado para a frequência. A duração, mais uma vez, é o aspecto que se mostra regular. As sílabas acentuadas são as que possuem o segmento vocálico com maior extensão em termos de produção temporal sendo, dessa forma, percebidas como mais proeminentes pelos falantes.

O único caso de polissílabo encontrado – *Jesus Cristo* – trata-se de uma composição. Isoladamente, cada palavra possui um acento – *Jesus* é oxítônica enquanto que *Cristo* é paroxítona. A regra de marcação rítmica, para evitar o choque acentual, ao agrupar esses dois itens lexicais em uma palavra fonológica, reduz a proeminência da primeira unidade lexical

*Jesus*, fazendo com que a primeira sílaba dessa palavra seja pronunciada com mais força. Dessa forma, o acento em *Cristo* é mantido e na composição da palavra formada define-se como o acento principal. Para esse dado, também, temos a duração definindo a marcação de acento.

Diante dessa situação, veremos como a língua Yaathe atribui a marcação acentual nos casos de empréstimo lingüístico, tendo sempre como parâmetro a análise efetuada, que aponta o correlato do Português para os vocábulos estudados. Na tabela abaixo, expomos as palavras submetidas à análise, com as transcrições fonéticas tanto para o Yaathe como para o Português. Assim, a evidência do contato entre essas línguas pode ser percebida por meio da semelhança fonética apresentada entre elas:

<b>Tabela 14</b>		Palavras nativizadas
<b>Nome</b>	<b>Transcrição Fonética</b>	<b>Forma nativizada</b>
<i>arroz</i>	[a.'hojs]	[a.'ho.so]
<i>bode</i>	['bɔ.di]	['bu.di]
<i>facão</i>	[fa.'kãw]	[fa.'kã.ma]
<i>favor</i>	[fa.'voh]	[fa.'vo.lo]
<i>febre</i>	['fɛ.bri]	['fɛ.vle]
<i>feira</i>	['fɛj.ra]	['fɛj.la]
<i>hora</i>	['ɔ.ra]	['ɔ.la]
<i>papel</i>	[pa.'pɛw]	[wa.'pɛ.la]
<i>pobre</i>	['pɔ.bri]	['pu.li]
<i>pote</i>	['pɔ.ti]	['pu.ti]
<i>domingo</i>	[do.'mĩ.gu]	[do.'mĩ.ko]
<i>garapa</i>	[ga.'ra.pa]	[ga.'la.pa]
<i>igreja</i>	[i.'grɛ.ʒa]	['klɛ.ʃa]
<i>inferno</i>	[ĩ.'fɛh.nu]	['fɛh.nu]
<i>laranja</i>	[la.'rã.ja]	[la.'la.ʃa]
<i>mulato</i>	[mu.'la.tu]	[mu.'la.ti]
<i>Jesus Cristo</i>	[,ʒɛ.zujs.'kriʃ.to]	[ʒɛ.zu.'klis.to]

## 5.2 Palavras de duas sílabas

As palavras formadas por duas sílabas em Português, com exceção de quatro casos específicos que trataremos mais adiante, têm suas equivalentes em Yaathe também formadas por duas unidades silábicas sofrendo, em todos os casos apresentados, algum tipo de adaptação de ordem fonética referente aos segmentos que as constituem. Aspectos como a frequência (Hz) já parecem ter sua representação marcada, sempre ascendente, o que descarta a possibilidade de atribuirmos a ela qualquer relação com o acento lexical. A duração e a intensidade, por outro lado, parecem ser decisivos para a atribuição do acento nessas palavras, uma vez que as variações em termos de vogais mais ou menos longas mostram relevância para o aspecto de análise acústica e a maior emissão de energia parece também definir onde a proeminência é marcada. Em 80% dos dados dissílabos, a duração e a intensidade atuam conjuntamente na marcação acentual das palavras nativizadas, sendo os 20% restantes marcados apenas por um desses correlatos.

Em termos de posição dentro da estrutura lexical, o acento das palavras nativizadas parece seguir o mesmo padrão acentual das palavras na língua de origem. Temos, dessa forma, palavras paroxítonas nativizadas que repetem a mesma marcação prosódica do Português, como temos abaixo representado.

- (1) ['bɔ.di] *bode* → ['bu.di]
- (2) ['fɛ.bri] *febre* → ['fe.vle]
- (3) ['fe.ra] *feira* → ['fe.la]
- (4) ['pɔ.ti] *pote* → ['pu.ti]

As palavras oxítonas formadas de duas sílabas, por sua vez, constituem um grupo específico que, além das modificações referentes aos segmentos, são distintas também por uma alteração no número de unidades silábicas que as constituem, uma vez que, quando incorporadas pelo Yaathe, parecem sofrer processos de ressilabificação. Temos, dessa forma, como vemos abaixo, uma diferença marcada entre o número de sílabas que constituem as palavras de origem e aquelas que são reflexo do processo de nativização:

- (5) [a.'hojs] *arroz* → [a.'ho.so]
- (6) [fa.'kãw] *facção* → [fa.'cã.ma]

(7) [fa.'voh] *favor* → [fa.'vo.lo]

(8) [pa.'pɛw] *papel* → [wa.'pɛ.la]

Nesse caso, porém, antes de pensarmos na acentuação propriamente dita, precisamos recorrer ao processo que explica essa ampliação silábica. Com base em Costa (1999, p.55), “uma palavra terminada em sílaba travada em Português passa para o Yaathe do seguinte modo: a consoante de travamento silábico ressilabifica pela criação de uma vogal harmônica, produzindo, deste modo, a sílaba ótima na língua, que é, como sabemos, CV.”

Para as quatro palavras em questão, não há variação alguma em relação à configuração da frequência, que vem sempre mantendo o mesmo padrão ascendente – baixa na sílaba inicial e alta no final das palavras. A duração e a intensidade, por sua vez, apresentam maior proeminência nas sílabas intermediárias – auditivamente percebidas como acentuadas – definindo assim, um padrão paroxítono para esse grupo estudado. Levando em conta o aspecto de classificação acentual, podemos assumir que houve variação prosódica quando comparamos essas palavras nativizadas com a sua forma de origem em Português, onde são oxítonas. Entretanto, é válido atentarmos para o fato de que o acento ocorre exatamente nas mesmas sílabas que são acentuadas em língua portuguesa.

Esses dados permitem-nos formular, pelo menos, duas hipóteses para a atribuição do acento nessas palavras: 1) a acentuação, em caso de empréstimo, não leva em conta o acento original da palavra, atribuindo a sua própria marca prosódica, pertencente à estruturação acentual da língua receptora ou 2) a marcação original de acento é indiferente ao processo de ressilabificação, mantendo a estrutura prosódica da língua de origem.

A primeira hipótese, inicialmente, criaria a necessidade de termos de apresentar exemplos que comprovassem de fato que as palavras de duas sílabas classificadas como paroxítonas não levam em conta a marcação acentual do Português, atribuindo regras próprias para a aplicação do fenômeno estudado. O problema se coloca pelo fato de termos visto que o pé métrico troqueou é o padrão na língua. Outro problema encontrado é o fato de não termos um contra-exemplo no qual a palavra oxítona em Português passe para a forma paroxítona em Yaathe – não levando em conta os casos de palavras que são ressilabificadas.

Para a segunda hipótese, podemos pensar que, ao sofrer o processo de ampliação silábica que evita o travamento da sílaba em posição final de palavra, o acento permanece na



mesma unidade como forma de preservar a marcação inicial, sendo a regra de atribuição prosódica aplicada em primeiro lugar e a regra de ressilabificação aplicada posteriormente. Assim, a língua não interpretaria a sílaba formada como uma sílaba ‘real’. A vantagem da última hipótese é que ela simplifica a questão levando em conta que o funcionamento das línguas parte do princípio do menor esforço para estabelecer suas regras de funcionamento.

### **5.3 Palavras de três sílabas**

Das quatro palavras formadas por três sílabas, todas possuem uma representação semelhante para a frequência produzida – ascendente. Nesses vocábulos, também, as medições para duração e intensidade indicam que esses dois aspectos se definem como correlatos principais da atribuição acentual em casos de nativização do Yaathe. Nos quatro itens coletados, esse dois aspectos atuam conjuntamente para definir a sílaba proeminente dessas unidades. Os itens lexicais do Português que deram origem às palavras [do.'mĩ.ko], [m∅.'la.ti], [ga.'la.pa] e [la.'la.ʃa] em Yaathe são classificados, segundo as regras de aplicação acentual, como palavras paroxítonas – a sílaba acentuada é a penúltima, da esquerda para a direita. Os vocábulos estudados também passaram por processos de adaptação fonética, como podemos ver.

Em Yaathe, a análise acústica aponta também para a mesma posição da sílaba acentuada quando a palavra é nativizada. Assim, temos palavras também paroxítonas sendo formadas para o grupo de trissílabos. Vemos, assim, que a marcação de acento é mantida na penúltima sílaba das palavras estudadas e os correlatos que determinam essa marca acentual são intensidade e duração. Enquanto tínhamos para as palavras do Português somente a duração atuando como fator determinante, nas palavras do Yaathe temos também, além da duração, a intensidade cumprindo esse papel.

### **5.4 Conclusões da análise**

O grupo de palavras formadas por duas sílabas em Português que originou palavras em Yaathe, são classificadas, levando-se em conta a posição do acento, como oxítonas e paroxítonas. As palavras paroxítonas mantiveram o número de sílaba e a mesma posição do

acentos quando incorporadas à língua estudada. A única modificação apontada condiz com adaptações de ordem fonética, uma vez que o Yaathe não possui os mesmos segmentos que o Português apresenta restrições fonotáticas diferentes. Os dissílabos oxítonos, por terminarem em sílabas travadas, vão de encontro a uma restrição que proíbe sílabas desse tipo em posição final de palavra. Como forma de resolver esse desacordo, ocorre um processo de ressilabificação que altera o número de sílabas que as constituem. A regra de atribuição acentual, entretanto, parece ser aplicada primeiro. Assim, quando o processo de ressilabificação ocorre, a representação prosódica se mostra indiferente e o acento permanece na mesma sílaba da palavra de origem.

No grupo de vocábulos em Yaathe cuja origem está em palavras de três sílabas, apresenta o mesmo número de unidades silábicas que as de sua forma de origem. Nesse grupo, a percepção auditiva do acento também recai sobre a penúltima sílaba de cada vocábulo. Os aspectos acústicos que definem essa percepção são a duração e a intensidade. Levando em conta esse grupo de palavras analisadas, podemos dizer que a marcação acentual é mantida, havendo apenas modificação no tipo de aspecto físico que determina a ocorrência do acento – além da duração, que define sozinha o acento no Português, a intensidade é também responsável pela proeminência atribuída à sílaba acentuada.

As quatro palavras que na forma de origem são constituídas por duas sílabas e, ao serem incorporadas pelo Yaathe, sofrem adaptações de ordem fonética, apresentam a marca de acento também na mesma sílaba da palavra de origem. A diferença, entretanto, é que devido a rearranjos na estrutura silábica, a palavra dissilábica passa a ter três sílabas. Do ponto de vista da marcação acentual, enquanto a palavra do Português é oxítona, a palavra formada no Yaathe é paroxítona. Ao que parece, o mais evidente é que não haja modificação prosódica quando as palavras que sofrem o processo mencionado são adaptadas ao Yaathe. A marcação permanece a mesma e a sílaba acrescentada não é interpretada como uma sílaba válida pelo sistema da língua receptora. Por essa razão, talvez, o acento permaneça na mesma sílaba, sendo indiferente ao processo de ressilabificação.

## CONCLUSÃO

---

Para buscar compreender melhor o sistema acentual da língua Yaathe que, apesar de já estudado, foi pouco evidenciado em termos de funcionamento lingüístico, esta pesquisa destinou-se a uma investigação de caráter acústico, visando uma definição mais clara da forma como o acento não só se comportaria em termos de aplicação – levando em conta as posições que ele poderia ocupar quando inserido em unidades lexicais – mas também que aspectos físicos estariam envolvidos na sua realização, definindo, assim, os correlatos responsáveis pela sua atribuição. Os resultados obtidos, então, foram utilizados em análises de caráter fonológico, levando em conta, para isso, os pressupostos da Teoria Métrica do Acento, baseada em Hayes (1994), por meio da qual procuramos explicitar regras específicas que determinassem as condições de aplicação acentual para esse sistema lingüístico. O fato de não conseguirmos formular regras mais gerais que dessem conta de todo o *corpus* estudado direcionou a análise para o condicionamento de aspectos de caráter morfológico que, ao longo da pesquisa, mostrou produtividade no que diz respeito às condições de aplicação para o acento lexical do Yaathe em boa parte das palavras que não conseguimos determinar em termos puramente de fonologia.

O estudo de base acústica levou em consideração os três aspectos físicos relevantes para a atribuição do acento em línguas naturais, tendo por base a posição de Ladefoged (2007) para esse tipo de estudo – duração, intensidade e frequência. Para as palavras do Yaathe formadas por uma, duas e três unidades silábicas, a configuração da representação de frequência foi sempre recorrente – inicialmente baixa e aumentando gradativamente durante a produção dos vocábulos – definindo um padrão ascendente. O fato de termos em vários exemplos a proeminência acentual ocorrendo em posições distintas daquelas nas quais a frequência apresentava-se mais alta, elimina a possibilidade de atribuímos a ela um *status* relevante na aplicação do acento em Yaathe. A duração e a intensidade, por outro lado, mostraram uma atuação, em grande parte, conjunta para definir a proeminência acentual das

palavras estudadas. Em alguns casos, poucos, salientamos, apenas ou duração ou intensidade definiu onde o acento ocorria. Nesses casos, então, o aspecto que não atuava na marcação de acento apresentava valores muito similares quando comparamos as unidades silábicas para os dados estudados. Assim, podemos concluir que duração e intensidade são os correlatos que definem em Yaathe a aplicação do acento, podendo ocorrer tanto em conjunto, na maioria dos casos, como também, porém de forma menos produtiva, isoladamente.

O estudo das palavras formadas por duas unidades silábicas mostra que a língua acentua tanto na última sílaba desses vocábulos – definindo um padrão oxítono – como na penúltima sílaba – definindo um padrão paroxítono:

- |     |                        |                     |
|-----|------------------------|---------------------|
| (1) | [dat.'ka]              | <i>chefe</i>        |
| (2) | [flaj.'a]              | <i>bacurau</i>      |
| (3) | [ia:'t <sup>h</sup> e] | <i>nossa língua</i> |
| (4) | [tʃle.'ka]             | <i>árvore</i>       |
| (5) | ['fu.li]               | <i>rio</i>          |
| (6) | ['o.ʃa]                | <i>mosca</i>        |
| (7) | ['ta.ʃi]               | <i>dente</i>        |
| (8) | ['tkã.no]              | <i>dois</i>         |

As formulações da Fonologia Métrica, quando aplicadas a esse grupo de palavras, encontram barreiras metodológicas que impedem uma definição clara de como funcionam as regras de aplicação acentual para o Yaathe em casos de dissílabos. Basicamente, a questão se coloca pelo fato de não conseguirmos formular regras que definam os ambientes em que o acento deva ocorrer em posição final de palavra, ou em posição que antecede a última sílaba. Se considerarmos o pé iâmbico – acento à direita – como o padrão para o Yaathe, teríamos que explicitar as regras para os casos em que o acento ocorresse na margem esquerda da palavra. Como para a Teoria Métrica o pé iâmbico é sensível ao peso silábico, não teríamos como explicar, por exemplo, as palavras abaixo listadas, cujas sílabas do tipo VC, CVC, entre outras, não portam o acento:

- (9) [dat.'ka]                    *chefe*  
 (10) [el.'ka]                    *ruim*  
 (11) [flaj.'a]                    *bacurau*  
 (12) [ja:'t<sup>h</sup>e]                    *nossa língua*  
 (13) [ja.'sa]                    *pessoa*  
 (14) [se:.'to]                    *pássaro*

Se para as palavras dissilábicas assumíssemos o pé troqueu – acento à esquerda – como padrão, entraríamos no conflito de ter de explicar o porquê de as formas oxítonas serem mais produtivas na língua, levando em conta os dados que dispomos para análise. Parte desse léxico, entretanto, pode ser segmentada e, considerando o nível morfológico no que diz respeito à formação de palavras, podemos encontrar algumas respostas para a forma como o acento se comporta em parte desse grupo, o que veremos mais adiante.

Com exceção de um único caso de proparoxítona identificado, as palavras formadas por três sílabas distribuíram-se entre as classificações oxítonas e paroxítonas, sendo a primeira forma mais recorrente. As mesmas limitações encontradas para as palavras dissilábicas também foram identificadas para esse grupo. Tendo em vista a maior produtividade da forma oxítona, 57% dos casos analisados, se assumíssemos o pé iâmbico como padrão, teríamos problemas com outras formulações da teoria, como a insensibilidade ao próprio peso silábico, característica inerente a esse tipo de pé métrico:

- (15) [e.dew.'a]                    *verde de fruta*  
 (16) [fliʃ.maj.'a]                    *relâmpago*  
 (17) [so.foj.'a]                    *mandacaru*  
 (18) [tkã.ne.'wa]                    *par*

Assumindo o pé troqueu como padrão, mais uma vez teríamos que explicar a recorrência da forma acentual oxítona, já que a forma não marcada na língua definiria palavras paroxítonas. Objetivamente, não encontramos, em termos puramente fonológicos,

critérios suficientes que dessem conta da aplicação acentual nessas palavras formadas por duas e três sílabas. O estudo, entretanto, aponta para evidências de que parte do léxico classificado acentualmente como oxítono e paroxítono parece poder ser explicado quando levamos em conta aspectos da morfologia.

Não há, na literatura sobre o Yaahe, especificação alguma de que a categoria de nomes na língua possua algum tipo de caracterizador puramente morfológico utilizado na sua classificação. Há, entretanto, formas que se mostram recorrentes e, por essa razão, se destacam por portarem invariavelmente o acento da unidade lexical, como no caso dos nomes que terminam com a forma /ka/. Em todos os dados coletados cuja forma lexical termina com essa sílaba, a proeminência acentual incondicionalmente ocorreu sobre ela. Listamos abaixo alguns dos exemplos que ilustram a situação descrita:

- |      |                        |                    |
|------|------------------------|--------------------|
| (19) | [dat.'ka]              | <i>chefe</i>       |
| (20) | [jak.'ka]              | <i>sobrinho</i>    |
| (21) | [k <sup>h</sup> ɔ.'ka] | <i>pescoço</i>     |
| (22) | [ɔts.'ka]              | <i>homem</i>       |
| (23) | [sa.'ka]               | <i>instrumento</i> |
| (24) | [tʃa.'ka]              | <i>lado</i>        |
| (25) | [tʃi.'ka]              | <i>calango</i>     |
| (26) | [tʃle.'ka]             | <i>árvore</i>      |
| (27) | [tat'ka]               | <i>lajeiro</i>     |
| (28) | [nɛ.le.'ka]            | <i>tatu</i>        |
| (29) | [na.tsa.'ka]           | <i>feijão</i>      |
| (30) | [u.li.'ka]             | <i>barreiro</i>    |
| (31) | [wa.tsa.'ka]           | <i>peru</i>        |

Outra forma também não especificada na literatura estudada, mas que possui comportamento marcado, é a assumida por outro possível morfema nominal /a/. Quando essa forma é parte integrante de nomes que designam elementos da natureza como frutos e nomes

de animais, por exemplo, ela torna-se portadora do acento lexical em todos os casos que encerra palavras, formando sílaba independente. Listamos abaixo alguns exemplos:

- |      |               |                       |
|------|---------------|-----------------------|
| (32) | [ʃmaj.'a]     | <i>vento</i>          |
| (33) | [e.dew.'a]    | <i>verde de fruta</i> |
| (34) | [fde.se.'a]   | <i>sapo</i>           |
| (35) | [fdo.'a]      | <i>barro</i>          |
| (36) | [flaj.'a]     | <i>bacurau</i>        |
| (37) | [fli.li.'a]   | <i>gafanhoto</i>      |
| (38) | [fli.ʃmaj.'a] | <i>relâmpago</i>      |
| (39) | [fli.ʃu.'a]   | <i>jacaré</i>         |
| (40) | [fo'a]        | <i>pedra</i>          |
| (41) | [ftɛ.'a]      | <i>noite</i>          |
| (42) | [so.foj.'a]   | <i>mandacaru</i>      |
| (43) | [tʃa.lo.'a]   | <i>areia</i>          |
| (44) | [tʃfo.'a]     | <i>piolho</i>         |
| (45) | [tʃi.fi.'a]   | <i>imbu</i>           |
| (46) | [tiw.'a]      | <i>jibóia</i>         |

Outros possíveis morfemas também aparecem como portadores do acento lexical. Esses, entretanto, não parecem especificar categorias gramaticais, ocorrendo em classes distintas. A forma / )kja/, mesmo que possa ser identificada como um processo de redução silábica em alguns contextos, aparece também em ambientes não previstos, determinando a posição em que o acento ocorre dentro das palavras das quais faz parte. Em todos os casos, o padrão paroxítono permanece:

- |      |          |                 |
|------|----------|-----------------|
| (47) | [ˈã.k'a] | <i>novidade</i> |
|------|----------|-----------------|

- (48) ['sõ:kʲa] *alvorecer*  
 (49) ['tõ:kʲa] *como? (diga outra vez)*  
 (50) [ma.'dʒo):kʲa] *morcego*  
 (51) [saj.'ã.kʲa] *desigual, irregular*  
 (52) [se.'nẽ.kʲa] *história, coisa*  
 (53) [se'tsõ:kʲa] *índia*  
 (54) ['dõ:kʲa] *panela*

Outras formas, essas, entretanto, bem definidas em termos de morfologia, também apresentam recorrência com relação à posição que o acento ocupa nas palavras nas quais são inseridas. A marcação de número em Yaathe, definida para os casos de singular pelo morfema zero ( $\emptyset$ ) e, para os casos de plural, pelo morfema /sato/, mostra que o acento é condicionado quando o morfema de número plural é inserido nas unidades lexicais da língua. A nossa hipótese é que as palavras na forma de singular possuem acento já marcado, que ocorre tanto em posição final, como em posição que antecede a última sílaba dos vocábulos. Essas palavras, entretanto, quando pluralizadas, recebem o morfema /sato/, que condiciona o posicionamento do acento para a primeira unidade silábica desse morfema, tornando qualquer palavra pluralizada paroxítona, independente da classificação acentual quando na forma de singular. Vejamos os exemplos.

- (55) ɔts.'ka + 'sato → [ɔts.ka.'sa.to] *homens*  
 (56) 'o.ʃa + 'sato → [o.ʃa.'sa.to] *moscas*  
 (57) se:.'to + 'sato → [se:.'to.'sa.to] *pássaros*  
 (58) wa.'le + 'sato → [wa.le.'sa.to] *porcos*

A marcação de gênero é outro aspecto que demonstra uma relação direta com a aplicação de acento na língua, tendo em vista as posições sempre previsíveis de quando uma determinada forma é afixada a uma raiz nominal. O gênero masculino é expresso por um morfema zero ( $\emptyset$ ). Sendo assim, a aplicação acentual nesse grupo de palavras já é estabelecida



previamente, definindo padrões tanto oxítonos, como paroxítonos. As palavras no gênero feminino, entretanto, marcadas pela afixação dos morfemas /ne/ e /neka/, condicionam a marcação acentual para a formação de palavras sempre paroxítonas. Quando anexamos a uma raiz nominal o morfema /ne/, temos o seguinte:

- (59) wa.'le + ne → [wa.'lẽ.ne] *porca*  
 (60) its.'de + ne → [its.'dẽ.ne] *tia*  
 (61) e.'so+ ne → [e.'sõ.ne] *outra*  
 (62) 'ta.de + ne → [ta.'dẽ.ne] *sogra*

Se, por outro lado, adicionarmos a uma base nominal o morfema /neka/, que se realiza como /ˈkja/ na superfície, também iremos obter palavras com classificação acentual paroxítona, como vemos a seguir:

- (63) ja.'de.d<sup>w</sup>a + ˈk<sup>j</sup>a → [ja.de'dõ:k<sup>j</sup>a] *menina*  
 (64) mu.'la.ti + ˈk<sup>j</sup>a → [mu.la.'tĩ:k<sup>j</sup>a] *sogra*  
 (65) set.'so + ˈk<sup>j</sup>a → [set.'sõ:k<sup>j</sup>a] *índia*  
 (66) kle.'tʃa.d<sup>w</sup>a + ˈk<sup>j</sup>a → [kle.tʃa.'dõ:k<sup>j</sup>a] *cantora*

Na seção em que discutimos a classe de adjetivos marcada pela afixação dos morfemas /wa/ e /a/ vimos que em 100% dos casos as palavras são acentualmente classificadas como oxítonas. Os adjetivos estudados são provenientes das classes de nomes e verbos na língua. Por questões metodológicas, então, optamos por um estudo separado desse grupo levando em conta a base da raiz que os constituem. Não houve, entretanto, qualquer tipo de informação à qual pudéssemos atribuir uma relevância na aplicação do acento. Tanto para os adjetivos provenientes de nomes (67 a 70), como para os adjetivos provenientes de formas verbais (71 a 74), os fatos são os mesmos:

- (67) [fe.<sup>l</sup>.<sup>l</sup>swa]            *descalço*  
 (68) [fe.<sup>l</sup>.t<sup>w</sup>a]            *canhoto*  
 (69) [e.<sup>l</sup>.fi.<sup>l</sup>.d<sup>l</sup>a]            *corajoso*  
 (70) [tu.<sup>l</sup>.si.<sup>l</sup>.a]            *azedo*

- (71) de:<sup>l</sup>.ne.<sup>l</sup>.ka        +        'dwa    →    [de:<sup>l</sup>.ne.<sup>l</sup>.d<sup>w</sup>a]    *assustado*  
 (72) e.he.<sup>l</sup>.ka            +        'dwa    →    [e.he.<sup>l</sup>.d<sup>w</sup>a]        *sepultado*  
 (73) lew.ne.<sup>l</sup>.ka        +        'dwa    →    [lew.ne.<sup>l</sup>.d<sup>w</sup>a]     *calado*  
 (74) tol.ne.<sup>l</sup>.ka        +        'dwa    →    [tol.ne.<sup>l</sup>.d<sup>w</sup>a]     *seguro*

A última categoria analisada para as funções morfológicas que indicam uma relação com a representação acentual da língua Yaathe foi a de palavras classificadas como agentivas. Para esse grupo, basicamente, o sufixo participial /ho/ é anexado a uma raiz verbal para compor essa subcategoria. Esse caso, especificamente, foi o único para o qual não conseguimos estabelecer regras claras que definissem onde o acento ocorre. O problema encontrado se justifica pelo fato de os nomes de agentes serem marcados acentualmente em duas posições distintas, definindo palavras tanto oxítonas como paroxítonas, e por não termos encontrado critérios nem com base na Fonologia Métrica nem critérios morfológicos que estabelecessem as regras de aplicação para cada um desses grupos.

O que temos como evidência, entretanto, é que em 74% dos dados a classificação acentual foi oxítônica. O que indica, talvez, que essa posição, por ser predominante, corresponda à forma padrão ou preferencial para o caso de nomes de agente em Yaathe. A hipótese que levantamos para esse grupo de palavras, nomes de agentes que derivam de raízes verbais, seria que o morfema /ka/ atrairia o acento sempre. O morfema /ho/, entretanto, poderia atrair ou não o acento. Isso iria depender, provavelmente, do acento da raiz verbal, que estaria listada no léxico. O problema, então, seria saber como isso acontece, já que as raízes verbais são morfemas presos e, por essa razão, não funcionam isoladamente na língua.

De uma forma geral, a análise dessas categorias gramaticais na qual procuramos estudar questões de aplicação acentual e uma possível relação desta com fatores de ordem morfológica na língua Yaathe, mostra, de fato, que há um condicionamento das

representações prosódicas, motivadas, em grande parte, por fatores morfológicos. Os resultados obtidos parecem mostrar que determinados morfemas são acentualmente marcados ainda no léxico, originando-se aí, portanto, a explicação para a forma como o acento se comporta em parte das unidades lexicais estudadas que não podem ser explicadas somente em termos de fonologia. Uma análise mais alentada, de caráter morfofonológico, portanto, parece viável e necessária para definições mais seguras.

Um fator importante de ser observado, ainda, considerando as questões de morfologia, é que boa parte das palavras cujo acento é condicionado por algum tipo de morfema na língua, é acentualmente classificada como paroxítona. É o que temos em todos os casos de número plural, gênero feminino – seja pelo morfema /ne/ ou /neka/ – grande parte dos nomes de agentes na língua e ainda formas como /k<sup>h</sup>a/ que, apesar de não serem claramente definidas como morfemas em alguns dos casos mostrados, são recorrentes com relação à atribuição marcada do acento nas palavras em que ocorrem. Se excluirmos esses dados da pesquisa, levando em conta que essas formas são provenientes de outras já estabelecidas em Yaathe, derivadas, portanto, teríamos um percentual de oxítonas mais elevado e o de paroxítonas, por sua vez, consideravelmente inferior. Esses valores, ainda, seriam modificados se também retirássemos desse *corpus* as palavras nativizadas que, pela análise já apresentada, são incorporadas ao Yaathe sofrendo processos de ordem fonética e/ou fonotática, porém sem qualquer modificação que interfira na representação prosódica da língua de origem, o Português brasileiro. Fazendo outra recontagem, então, na qual excluimos as palavras paroxítonas cujo padrão acentual pode ser definido por questões morfológicas, temos somente 28,5% dos dados com proeminência acentual na penúltima sílaba.

Outro aspecto observado para os dados que analisamos é que, quanto maior o número de sílabas que constituem as unidades lexicais estudadas, maior é a ocorrência de paroxítonas. Parece haver, então, uma relação diretamente proporcional – quanto mais sílabas, mais a propensão de paroxítonas na língua. Essa parece uma boa evidência a favor da hipótese de que o acento em Yaathe, além de morfológicamente condicionado, é motivado, em boa parte das palavras formadas por processos de sufixação, para a penúltima posição dentro das unidades lexicais estudadas. Na tabela abaixo, expomos essa relação.

**Tabela 15**

Proporção de oxítonas e paroxítonas.

**Duas sílabas**

**Três sílabas**

**Polissílabos**

Oxítonos	59 (63,5%)	42 (54,5%)	8 (34,7%)
Paroxítonos	34 (36,5%)	34 (44%)	15 (65,3%)

Estudos sobre as representações prosódicas do Yaathe, especificamente os trabalhos de Meland e Meland (1967) e Lapenda (1968), apontam para a aplicação fonológica da frequência em unidades lexicais, estabelecendo, assim, a distinção entre esses constituintes. Em outras palavras, esses autores apontam para a existência de tons distintivos em Yaathe, o que definiria a língua como tonal. Em nosso estudo, não encontramos qualquer evidência de que a frequência pudesse estabelecer a diferença entre unidades segmentalmente iguais, porém distintas em termos de significado. Conseguimos, entretanto, listar um pequeno grupo de possíveis pares mínimos, os quais submetemos a uma análise de caráter acústico. Dos sete pares analisados, três mostraram uma configuração por meio da qual podemos concluir que há, em Yaathe, distinção lexical condicionada pelo posicionamento do acento nessas unidades. O correlato responsável por essa diferenciação, entretanto, foi somente a intensidade. Não afirmamos, com isso, que não haja em Yaathe uma função lexical que seja estabelecida pelo tom. Em nosso estudo, entretanto, nada foi evidenciado. É possível, também, que esses aspectos estejam desaparecendo na língua. Essas questões, entretanto, só serão detalhadas em estudos futuros, com um escopo mais amplo do que o que propusemos neste trabalho.

Os casos de empréstimos lingüísticos mostram que as palavras incorporadas ao Yaathe mantêm a mesma representação acentual do Português. Em nenhum dos dados houve modificação na forma como o acento se comportava quando comparado ao acento da palavra na qual se originou. Em casos de vocábulos que sofreram processos de ressilabificação, modificando, assim, o número de unidades silábicas que os constituía, o acento permaneceu também na mesma posição da palavra de origem, modificando apenas a classificação acentual – palavras oxítonas em Português se tornaram paroxítonas em Yaathe.

Acreditamos que o padrão acentual na língua Yaathe seja oxítono, não só pela sua predominância, mas também pelo fato de conseguirmos explicar boa parte das palavras paroxítonas levando em conta critérios morfológicos. Essa pesquisa, naturalmente, não encerra a questão do acento em Yaathe. Outras questões se colocam para pesquisas futuras. Do ponto de vista metodológico, utilizamos bases acústicas e auditivas para definir onde o acento ocorria nas unidades estudadas. Os critérios de percepção auditiva, entretanto, são

subjetivos, considerando apenas a percepção do indivíduo para identificar onde o acento ocorre nas palavras analisadas. Em estudos futuros, então, uma perspectiva auditiva apoiada em aparatos técnicos mais precisos será considerada. Um *corpus* maior, também, se faz necessário para que possamos apontar com mais precisão determinados comportamentos que apenas afluíram neste estudo. A quantidade de dados de que dispomos não nos permite fazer afirmações seguras em termos de aplicação estatística, por exemplo. Ampliar o vocabulário estudado é uma condição que favorece a pesquisa. Acreditamos, entretanto, que algumas evidências já foram apresentadas nas discussões anteriores. Estudos seqüenciais, considerando as reformulações que já apontamos, poderão contribuir para a compreensão desse aspecto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABAURRE, M. B. et al. In: ARAÚJO, G. A. (Org.), *O acento em Português: abordagens fonológicas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

ARAÚJO, G. A. de. (Org) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

BARBOSA, E. A. *Aspectos fonológicos da língua Yatê*. (Dissertação de Mestrado). Brasília: UnB, 1991.

BARBOSA, P. A. *Incursões em torno do ritmo da fala*. Campinas: Pontes Editores. São Paulo: FAPESP, 2006.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAGLIARI, G. M. e CAGLIARI L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Org), *Introdução à lingüística I: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

COSTA, J. F. *Bilingüismo e atitudes lingüísticas interétnicas: aspectos do contato Português-Yaathé*. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1994.

COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa do nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics & phonetics*. 5. ed. Blackwell.Publishing, 2004.

DAVENPORT, M. e HANNAHS, S. J. *Introducing phonetics and phonology*. London: Arnold, 1998.

FERREIRA NETTO, W. O acento na língua portuguesa In: ARAÚJO (Org) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

FOX, A. *Prosodic Features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*. New York, USA: Oxford University Press, 2002.

GIPPERT, J.; HIMMELMANN, N. P.; MOSEL U. *Essential of language documentation*. Germany: Walter de Gruyter, 2006.

GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell, 1995.

GUSSENHOVEN, C. e JACOBS, H. *Understanding phonology*. London: Arnold, 2002.

GUSSENHOVEN, C. *The phonology of tonal and intonation*. United Kingdom: Cambridge, 2005.

HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

KATAMBA, F. *An introduction to phonology: learning about languages*. London: Logman Group UK Limited, 1989.

KENSTOWICZ, M. e KISSEBERTH, C. *Generative Phonology*. San Diego, California: Academic Press, 1979.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge, Mass: Blackwell Publishing, 2004.

LADEFOGED, P. *Elements of acoustic phonetics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

LADEFOGED, P. *Phonetic Data analysis: an introduction to fieldwork and instrumental techniques* – 4 ed. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1996.

LADEFOGED, P. *A course in phonetics*. – 4. ed. Boston, USA: Heinle & Heinle, 2001.

LADEFOGED, P. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of languages*. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2003.

LAPENDA, G. *Estrutura de lingual Yatê*. Recife: UFPE, 1968.

MADDIESON, I. *Patterns of sounds*. London: Cambridge University Press, 1984.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto, 2002.

MELAND, D. e MELAND, D. *Word and morpheme list of the Fulni-ô Indian language*. Dallas, Texas: Summer Institute os Linguistics, 1968.

MELAND, D. e MELAND D. *Fulni-ô (Yahthe) phonology statement*. Arquivo lingüístico n. 025. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1967.

MELAND, D. *Fulni-ô grammar*. Arquivo lingüístico n. 026. Brasília, D. F: Summer Institute os Linguistics, 1968.

MORI, A. C. *Fonologia*. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. C.(Org), *Introdução à lingüística I: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

ROCA, I. e JOHNSON, W. *A course in phonology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SA, A. C. *Dicionário de Iatê: iatê – português*. Águas Belas: Ed. do Autor, 2000.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. Revisada – São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, P. C. e SANTOS, S. R. *Fonética*. In: FIORIN J. L. (Org.) *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, P. C., SANTOS, S. R. Fonologia. In: FIORIN J. L. (Org.) *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

WETZELS, W. Leo. (Org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.



## **ANEXOS**

### **ANEXO 1**

---

#### **VOCABULÁRIO**

## PALAVRAS DE UMA SÍLABA

dʒo - fim
fo - marido
k <sup>h</sup> e - corpo
ka - filho
li - cabelo
mti - amigo
sa - ele
se - mato (substantivo)
si - avó
ʃi - irmão
ʃo - perna
tʃa - céu
tʃi - sangue
te - frente

## PALAVRAS DE DUAS SÍLABAS

'ã.kʲa - novidade
fte.'a - noite
'fu.li - rio
'he.sa - grande
ia:.'t <sup>h</sup> e - nossa língua
ia.'sa - pessoa

'a.tʃa - palavra
'bu.di - bode
dat.'ka - chefe
'dat.ka - inchado
e.'kla - muito
ek.'ka - pequeno
e.'so - outro
el.'ka - ruim
'fej.la - feira
'fe.vle - febre
'e:.'t <sup>h</sup> o - avô
e.'t <sup>h</sup> o - rosto
'feh.no - inferno
fdo.'a - barro
fe.'twa - canhoto
'fej.la - feira
fej.'swa - descalço
flaj.'a - bacurau
fo.'a - pedra
ots.'ka - homem
'pu.ti - pote
'pu.li - pobre
sa.'ka - instrumento
sa.'sa - ela

ia.'ti - nossa casa
iak.'ka - sobrinho
it.'fe - pai
its.'de - tio
k <sup>h</sup> ɔ.'ka - pescoço
k <sup>h</sup> et.'ho - o que fofoca
k <sup>h</sup> ɛ.'t <sup>h</sup> a - nariz
'k <sup>h</sup> o.ho - mão
ka.'ka - bom
ke.'ʃa - difícil
'ke.ʌa - longe
'kfẽ.ho - o que crer
'kle.ʃa - igreja
ktsa.'le - língua
'na.to - mel
'naw.de - todos
ni.'ti - feio (masculino)
'o.ʃa - mosca
'ɔ.la - hora
'ta.tʃa - espírito
tat.'ka - lajeiro
't <sup>h</sup> aj.ho - o que cozinha
tet.'ho - o que faz
tet.'sa - miolo
tfai.'a - cama
tiw.'a - jibóia
'tkã.no - dois

'sa.de - coitado
sa.'de - é mesmo
'saw.ho - o que briga
'se.a - urina
se.'a - moça
se:.'to - pássaro
se.'ti - casa
set.'so - índio
'si.dʒa - valente
ʃmai.'a - vento
ta.'ke - roupa
ta.'ke - nele
'ta.t <sup>h</sup> a - culpa
ta.'t <sup>h</sup> a - bico
ta.'tʃa - lenha
'ta.tʃa - espírito
ta:.'t <sup>h</sup> o - inimigo
'ta.ʃi - dente
'ta.de - sogro
wa.'sa - garganta

### PALAVRAS DE TRÊS SÍLABAS

a.'ho.so - arroz
do.'mĩ.ko - domingo
dot.sa.'ka - batata

'to.le - com
to.'le - toré
t <sup>h</sup> o:.'fo - traíra
to.'ke - canção
'tõ:.'k <sup>j</sup> a - como? (diga outra vez)
tʃa.'ka - lado
tʃas.'to - diferente
tʃfo.'a - piolho
tʃi.'ka - calango
tʃle.'ka - árvore
t <sup>h</sup> uʃ.'k <sup>j</sup> a - escorpião
tus.'kja - escorpião
't <sup>h</sup> ʃa.le - mar
'u.ʃi - último
'u:tʃi - carne
wa.'le - porco
ej.se.'d <sup>w</sup> a - escolhido
ejs.ni.'ho - puxador
ek.'de.ho - aquele que sabe
ek.'nĩ.ho - entregador
em.'tĩ.ne - amiga
et.sa.'ka - metade
fa.'cã.ma - facão
fa.'vo.lo - favor
fde.se.'a - sapo
fej.'tõ.ho - trabalhador
fli:li.'a - gafanhoto

ε.'tʃa.do - triste
e:.'dʒa.'d <sup>w</sup> a - Deus
e:.'de.'d <sup>w</sup> a - solteiro
e.'fẽ.se - honra
e.'fle.ho - aquele que acaba
e.'ki.ho - aquele que tira
e.'t <sup>h</sup> ã.ne - semente, grão
e.ʃi.'dʒa - valente (masculino)
e.dew.'a - verde de fruta
e.di.'d <sup>w</sup> a - descascado
e.li.'d <sup>w</sup> a - farto, saciado
ef.'ni.ho - aquele que olha
eh.'dã.ho - espancador
ej.'ke.ho - amarrador
ej.'ko.ho - pegador (adjetivo)
ej.le.'a - branco
la.'la.ʃa - laranja
lew.ne.'d <sup>w</sup> a - calado
lew.ne.'ho - silencioso
ma:le.'a - maléfico, coisa má
ma.'dʒõ:.'k <sup>j</sup> a - morcego
mi.ne.'d <sup>w</sup> a - apertado
mu.'la.ti - mulato
ne.le.'ka - tatu
na.tsa.'ka - feijão
ni.'kĩ.ne - feia
o:le.'d <sup>w</sup> a - afastado

fli.ʃmaj.'a - relâmpago
fli.ʃu.'a - jacaré
fli.ti.'a - chuva
fo.'ẽ.ho - pescador
fu.li.'ka - Ipanema
ga.'la.pa - garapa
ha.ne.'d <sup>w</sup> a - virado
iak.'kã.ne - sobrinha
its.'dẽ.ne - tia
k <sup>h</sup> ẽ.le.'k <sup>h</sup> a - nuca
kle.'tʃa.ho - cantor
k <sup>h</sup> u.k <sup>h</sup> i.'a - ocupado
ko.lo.'lo - coruja
ti.ti.'wa - formigão
tʃak.ne.'ʃa - rapaz
tʃa.lo.'a - areia
tʃi.'ã.ne - imbuzeiro
tʃi.fi.'a - imbu
tol.ne.'d <sup>w</sup> a - seguro
tu.si.'a - azedo
u.li.'ka - barreiro
wa.'lẽ.ne - porca
wat.sa.'ka - peru

p <sup>h</sup> u.ne.'d <sup>w</sup> a - partido
saj.'ã.k <sup>j</sup> a - desigual, irregular
sa.ma.'ka - tosse (substantivo)
se.ta.'d <sup>w</sup> a - galinha
se.'ke.he - lugar da gente
se.'nẽ.k <sup>j</sup> a - coisa
set.'sõ.k <sup>j</sup> a - índia
set.si.'ne - cidade
so.foj.'a - mandacaru
ta.'dẽ.ne - sogra
ta.'saw.se - guerra
tkã.ne.'wa - casal, par
'ti.li.ʃi - bonito
le.fe.ti.'a - boi
le.fe.ti.'ã.ne - vaca
mu.la.'tĩ.k <sup>j</sup> a - mulata
ɔts.ka.'sa.to - homens
o.ʃa.'sa.to - moscas
sa.ʃi.'ne.ho - aquele que descansa
sa.nã.ne.'ho - aquele que se amostra
se.kej.ni.ho.'sa.to - professores
set.so.'sa.to - pássaros
tʃ <sup>h</sup> le.ka.'sa.to - árvores
to.sa.ne.'d <sup>w</sup> a - unido
wa.le.'sa.to - porcos
ʒe.sus.'clis.tu - Jesus Cristo

du.mã.ne.'d <sup>w</sup> a - belo
e.dzi.'ne.ho - aquele que ilumina
e.di.di.'t <sup>w</sup> a - poderoso, forte
e.fli.'dõ.ho - aquele que limpa
e.li.do.'a - descabelado
ef.tõ.do.'a - salgado
ej.si.ni.'d <sup>w</sup> a - puxado, amarrado
i.ʃi.'dʒã.ne - valente (feminino)
ia.de.'dõ.k <sup>j</sup> a - menino
kle.tʃa.'dõ.k <sup>j</sup> a - cantora